

LAÍS INÊS SANSEVERINATO MICHELETI

**INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR PRIVADAS
COMO REFÚGIO NAS TRAJETÓRIAS DAS
CAMADAS POPULARES**



ARARAQUARA – S.P.
2022

LAÍS INÊS SANSEVERINATO MICHELETI

**INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR PRIVADAS
COMO REFÚGIO NAS TRAJETÓRIAS DAS
CAMADAS POPULARES**

Trabalho de Dissertação de Mestrado, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título Mestre em Educação Escolar.

Linha de pesquisa: Sexualidade, Cultura e Educação Sexual

Orientador: Profª Drª Luci Regina Muzzeti

Bolsa: CAPES

ARARAQUARA – S.P.
2022

M623i Micheleti, Laís Inês Sanseverinato
Instituições de Ensino Superior Privadas Como Refúgio
nas Trajetórias das Camadas Populares / Laís Inês
Sanseverinato Micheleti. -- Araraquara, 2022
114 f.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista
(Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara
Orientadora: Luci Regina Muzzeti

1. Ensino Superior. 2. Formação de Professores. 3.
Habitus. 4. Trajetórias. 5. Gênero. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

LAÍS INÊS SANSEVERINATO MICHELETI

INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR PRIVADAS COMO REFÚGIO NAS TRAJETÓRIAS DAS CAMADAS POPULARES

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Escolar.

Linha de pesquisa: Sexualidade, Cultura e Educação Sexual

Orientador: Prof^ª Dr^ª Luci Regina Muzzeti

Bolsa: CAPES

Data da defesa: 24/02/2022

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Profa. Associada Luci Regina Muzzeti
UNESP/FCLAR/ARARAQUARA.

Membro Titular: Prof. Dr. Darbi Masson Suficier
UFMS/PARANAÍBA

Membro Titular: Prof^ª. Dr^ª. Marilurdes Silva Farias
USP/EERP/RIBEIRÃO- PRETO

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Á minha avó materna, Rosa Machado Sanseverinato.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe Adriana Cristina Sanseverinato e ao meu pai Dorival Micheleti, que inúmeras vezes precisaram usar mais forças do que as que pensavam que tinham, agradeço com o todo o meu coração por terem resistido. Hoje eu sou o reflexo do amor e esforço de vocês.

Ao meu irmão, Lucio Sanseverinato Micheleti e minha irmã Luana Cristina Sanseverinato Micheleti, por contribuírem para que eu me torne uma pessoa melhor a cada dia.

À minha orientadora Luci Regina Muzzeti, por sua generosidade, competência e pelos valiosos ensinamentos sobre a teoria bourdieusiana.

Aos membros da banca, que muito contribuíram para a melhoria deste trabalho.

Aos colaboradores da pesquisa que confiaram a mim suas histórias de vida e que muito me ensinaram sobre coragem, resistência e determinação.

À Maria Fernanda Celli de Oliveira e Andreza Olivieri Lopes Carmignolli, que muito me auxiliaram, não somente na qualidade de representantes discentes do Programa de Pós Graduação em Educação Escolar, mas também como amigas e parceiras de estudos.

As minhas queridas amigas Isabela Soares dos Reis, Amanda Cândido Nogueira, Jessica Cristiane Dos Santos, Bianca Pereira Gondin, Luana Marques, Jessica da Silva Pereira, Camila Gabrieli Olveira, Ana Carolina Dutra Rocha, Jéssica Gouvêa e meu querido amigo Bruno Henrique de Pauli, por acompanharem minha trajetória, se alegrarem com minhas conquistas e iluminarem meus dias.

Ao Rafael da Silva Dias pelo amor, companheirismo, incentivo e paciência.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

Levar à consciência os mecanismos que tornam a vida dolorosa, inviável até, não é neutralizá-las; explicar as contradições não é resolvê-las. Mas, por mais cético que se possa ser sobre a eficácia social da mensagem sociológica, não se pode anular o efeito que ela pode exercer ao permitir aos que sofrem que descubram a possibilidade de atribuir seu sofrimento a causas sociais e assim se sentirem desculpados; e fazendo conhecer amplamente a origem social, coletivamente oculta, da infelicidade sob todas as suas formas, inclusive as mais íntimas e as mais secretas.

(BOURDIEU, 2008, p.735)

Resumo

Esta pesquisa teve por objetivo analisar os condicionantes que motivaram a desistência de graduandos e graduandas oriundos das camadas populares nos cursos de licenciaturas em universidades públicas a optarem pelo ingresso em instituições privadas de ensino superior. Apoiado no corpus teórico de Pierre Bourdieu, este estudo buscou desvendar na práxis como os conceitos de *habitus*; capital econômico; capital social; capital cultural, e gênero interferem no tipo de trajetória possível no ensino superior. Para a análise dos dados, que foram obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas com os quatro agentes selecionados (sendo dois do gênero feminino e dois do gênero masculino), foi empregado o conhecimento praxiológico, também desenvolvido pelo sociólogo e sua equipe. Por meio deste estudo, buscou-se desvelar os mecanismos objetivos que influenciam a trajetória escolar destes grupos de agentes, identificando suas principais dificuldades e encontros perante o âmbito da universidade pública que interferiram em sua manutenção na mesma e em que medida as instituições de setor privada se tornaram-se opções mais viáveis ao grupo de agentes investigados.

Palavras-chave: Ensino Superior. Formação de Professores. *Habitus*. Trajetórias. Gênero.

Abstract

This research had the objective to analyze the conditionings that caused the waiver of undergraduates arising from popular layers on public universities graduation courses choosing to join private institutions for higher education. Supported by Pierre Bourdieu theoretical corpus, this review demanded unraveling practices like the *habitus* concept, economic capital; social capital; cultural capital; cultural heritage, and gender interfere on this type of possible trajectory for higher education. For the analysis of data obtained through semi-structured interviews with four selected agents (being two female and two male) being employed praxeological knowledge, also developed by a sociologist and his team. Through this study, sought to unveil the objective mechanisms that influence the school path of these groups of agents identifying these students' main difficulties and confrontations towards public university scope that interfered in its maintenance in the same measure as the private institutions became viable options to the group of agents being investigated.

Keywords: University Education. Teacher Training. Habitus. Trajectories. Gender.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Caracterização dos Entrevistados	29
Quadro 2	Origens Sociais	81

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
SISU	Sistema de Seleção Unificada
PROUNI	Programa Universidade Para Todos
FIES	Programa de Financiamento Estudantil
IES	Instituição de Ensino Superior
IFES	Instituição Federal de Ensino Superior
SU	Sistema Universal
SRVEBP	Sistema de Reserva de Vaga para Educação Básica Pública
PPI	Pretos, pardos ou Indígenas
EAD	Ensino a Distância
PROFIS	Programa de Formação Interdisciplinar Superior
UEL	Universidade Estadual de Londrina
EJA	Educação de Jovens e Adultos

SUMARIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 REFERENCIAL TEÓRICO- METODOLÓGICO	19
2.1.1 <i>Habitus</i>	19
2.1.2 Capital Cultural, Capital Econômico e Capital Social	21
2.1.3 Estratégias de Reprodução	22
2.2 Metodologias e Materiais	23
2.2.1 Análise de dados	23
2.2.2 Coleta de Dados	24
2.2.3 Seleção da Amostra	25
2.3 Forma de Apresentação dos Dados da Pesquisa	25
3 INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR PRIVADAS COMO REFÚGIO NAS TRAJETÓRIAS DAS CAMADAS POPULARES	27
3.1 Apresentação Geral dos Participantes	27
3.2 Percursos Biográficos	30
3.2.1 CAMILA	30
3.2.2 RAFAEL	41
3.2.3 JÉSSICA	57
3.2.4 BRUNO	69
3.3 Discussão dos Resultados	81
3.3.1 Origens Sociais, Habitus e os Capitais Sociais na Trajetória Escolar dos agentes analisados	81
3.3.2 Origens Sociais e Influências nas Trajetórias Acadêmicas	85
3.3.3 Origens Sociais e Questões de Gênero	89
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
REFERÊNCIAS	96
APENDICES	100
APENDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA	101
APENDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO	112

APRESENTAÇÃO

Meu envolvimento com a teoria Boudieusiana ocorre juntamente com meu ingresso no curso de Pedagogia, no ano de 2015, por meio da participação no projeto de extensão coordenado pela Prof^a Dr^a Luci Regina Muzzeti, intitulado “Ler é Viver”.

Apoiado no referencial teórico do sociólogo Pierre Bourdieu, o projeto “*Ler é Viver*” objetivava auxiliar crianças sócio culturalmente carentes que apresentavam dificuldades de aprendizagem e adaptação escolar através da proposta de reestruturação do *Habitus* primário das mesmas, oportunizando a estas o contato com práticas culturais socialmente valorizadas. Projeto cujo qual permaneci atuando nos anos seguintes como mediadora de leitura na qualidade de bolsista.

Já em 2018, em meu último ano de graduação, ainda sob a orientação da Prof^a Dr^a Luci Regina Muzzeti desenvolvi o projeto de iniciação científica na modalidade sem bolsa, intitulado “*Trajetórias escolares de estudantes laureados pelas políticas afirmativas*”.

Nesta pesquisa foram analisadas trajetórias escolares de alunos do gênero feminino e masculino que ingressaram na Universidade Estadual Paulista (UNESP), por meio de políticas de acesso, identificando as principais dificuldades e enfrentamentos de tais alunos e alunas que interferem de alguma forma na manutenção da longevidade escolar.

Com a finalização da pesquisa, surgiram questionamentos acerca da temática que envolve a elitização da universidade pública mediante ao movimento de expansão quantitativa de instituições de ensino superior e a demanda por melhores políticas de acesso e permanência.

Portanto, na busca de desenvolver um projeto com o objetivo de ingressar no mestrado em Educação Escolar, indaguei-me sobre a ocorrência dos desistentes dos cursos de graduação em universidades públicas em especial, dos estudantes de licenciaturas, cursos nos quais há uma maior incidência de ingressantes provenientes das frações de classe menos favorecidas economicamente.

O que leva agentes oriundos das camadas populares a desistência de uma graduação em universidade pública? Quais caminhos estes agentes seguem após esse ocorrido? Qual o impacto deste ocorrido em suas trajetórias?

Estes agentes conseguem se colocar no mercado de trabalho de modo satisfatório? Há a tentativa de retomada dos estudos a nível superior? Buscam instituições privadas de ensino superior?

Em busca de subsídios para compreensão de tal especificidade nestes tipos de trajetórias, me deparei com a ausência de estudos no campo das trajetórias escolares no Brasil que abordassem este tipo de ocorrência.

A relevância dessa pesquisa decorre do potencial que os dados levantados podem ter para uma maior compreensão dos mecanismos ideológicos que perpassam os fenômenos da expansão do ensino superior brasileiro.

O presente estudo se estrutura teoricamente a partir da tese de Pierre Bourdieu sobre a inflação dos títulos (2015), exclusão branda (2015) e a escola como reprodutora das desigualdades sociais (2015) numa perspectiva microssociológica das variáveis socioeconômicas e culturais na trajetória social e escolar destes agentes baseadas nas principais categorias do autor: habitus; capital cultural; capital social; capital econômico;

Á vista disso, busca-se fomentar subsídios teóricos para uma maior compreensão dos paradigmas educacionais contemporâneos e seus possíveis desdobramentos.

1- INTRODUÇÃO

O presente estudo tem por objetivo analisar os condicionantes que motivaram a evasão de quatro estudantes de graduação oriundos das camadas populares ¹ em cursos de licenciaturas em universidades públicas, a luz dos pressupostos da teoria bourdieusiana.

Em sua teoria Bourdieu (2015) aponta a escola como uma instituição eficaz no que diz respeito a sua função de conservação social, ao analisar as oportunidades de acesso ao ensino superior, conclui que há uma oferta desigual entre sujeitos das diferentes classes sociais e gêneros, que se faz por meio de uma seleção indireta construída ao longo da trajetória de escolarização de nível básico dos agentes.

Segundo o autor, a sociedade é heterogênea e dividi-se em frações de classes mais privilegiadas que exercem simbolicamente uma dominação em detrimento das classes menos privilegiadas, sendo a cultura um instrumento simbólico de dominação para assegurar a manutenção de tal estratificação, fortemente perpetuada pela instituição escolar.

A relação entre dominantes e dominados é incorporada inconscientemente pelos agentes e este poder simbólico está inserido nas valorizações e representações arbitrárias socialmente construídas que são naturalizadas “o poder simbólico é, com efeito, o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 1989, p. 7).

Para além dos condicionantes referentes as frações de classe, Bourdieu (2009) destaca que o habitus do gênero feminino é constituído com base no principio da dominação masculina.

Tal principio rege a sociedade no que diz respeito as relações de gênero masculino e feminino, sendo essa uma relação de poder desigual entre ambos, em que o feminino está sempre submisso ao masculino. Nesse sentido, a concepção de diferentes espaços a serem ocupados por homens e mulheres são naturalizados. O poder simbólico que legitima de forma imperceptível as relações de poder entre domantes e dominados, está relacionado ao funcionamento da instituição escolar, na medida que projeta a violência simbólica.

¹ Na obra de Pierre Bourdieu a compreensão da noção de camada popular se dá de forma contextual. Neste estudo utilizo a contextualização a partir do critérios estabelecidos por Muzzeti (2019) caracterizando a camada popular a partir do agrupamento da categoria socioprofissional do chefe de família, sendo os agentes selecionados filhos de pais que exerciam atividades que exigiam baixo nível de ensino, detentores de baixa certificação escolar e com histórico de instabilidade econômica.

A violência simbólica permeia o sistema de ensino de forma a instituir, sem a necessidade de coação ou violência objetiva, um poder arbitrário e a reprodução dos valores dos grupos privilegiados culturalmente, negligenciando os grupos dominados.

Por meio dessa perspectiva, o autor justifica a insuficiência da igualdade formal que pauta a prática pedagógica e os ideais da escola libertadora que dissimulam e justificam a indiferença com relação as desigualdades reais perante o sistema de ensino. (BOURDIEU, 2015).

A compreensão de mundo por meio da categoria bourdieusiana de *Habitus* e o conceito de Capital Cultural surge em momento histórico em que a exclusão escolar ocorria de modo abrupto entre escolarizados e os excluídos do sistema de ensino.

A perspectiva pela qual estes conceitos interpretam as desigualdades de desempenho escolar entre os estudantes de diferentes frações de classe rompem com os pressupostos da época, em que o sucesso escolar estaria meramente relacionado ao dom e a meritocracia do sujeito (NOGUEIRA; CATANI, 2015).

No cenário nacional, as análises de trajetórias escolares, à luz dos pressupostos da teoria de Bourdieu, surgem no campo da sociologia da educação, em um primeiro momento, com o intuito de constatar as desigualdades sociais e sua correspondência a determinados destinos escolares de acordo com a influencia do patrimônio (capital cultural, econômico e social) das famílias herdados pelos agentes investigados.

Com o avanço dos estudos dessa perspectiva teórica, em um segundo momento, foi suscitada maior ênfase a pesquisas relacionadas às exceções a essas correspondências e a como elas se constroem (MASSI; MUZZETI; SUFICIER; 2017).

Dentre as exceções que passam a ser destaque nesse cenário, encontram-se os estudos acerca da trajetória de longevidade escolar de grupos de estudantes oriundos das camadas populares que ingressam e permanecem nas universidades públicas apesar dos obstáculos postulados, tais agentes são especificados na literatura bourdieusiana como “laureados”.

Os estudos nessa perspectiva mostram que a longevidade escolar desses agentes está relacionada ao papel da família e as posses de bens materiais e culturais partilhados no cotidiano dos agentes analisados por meio de experiências diversas.

Nessa linha de problematização, identifica-se o estudo de Viana (2000), que analisa a trajetória de 07 estudantes de graduação e pós-graduação de diferentes instituições de ensino superior de Minas Gerais, enquanto o de Portes (2000), por sua vez, analisou a trajetória de agentes que frequentaram cursos altamente seletivos e supervalorizados socialmente.

Zago (2006), por sua vez, analisou trajetórias de 27 estudantes da camada popular que frequentam o ensino superior em cursos de maior e menor prestígio e Piotto (2008) centra sua pesquisa nos jovens provenientes de camadas populares que ingressaram no ensino superior, independente do curso escolhido.

Tais pesquisas evidenciaram que as trajetórias dos agentes analisados apresentam algumas regularidades como um histórico de destaque e bom rendimento intelectual desde a escolarização básica; o papel central da família na longevidade escolar; a frequência a cursos pré-vestibulares para atenuar as dificuldades impostas pelo vestibular, assim como a evidente falta de informações deste grupo social sobre o sistema escolar também se faz um aspecto recorrente nos estudos citados.

Com relação as dificuldades enfrentadas por esses agentes durante o período de permanência no ensino superior, Portes (2001) reconhece que as necessidades econômicas retiram do estudante a concentração necessária que poderia estar sendo investida exclusivamente aos estudos, tornando-se um empecilho ao rendimento intelectual do estudante pobre.

Os estudos de Zago (2006) e Piotto (2008), por sua vez, enfatizam dificuldades acadêmicas destes estudantes em virtude de uma precária formação escolar de nível básico, aliada a problemas de ordem financeira para manter-se no curso, além do acentuado sentimento de esforço e cansaço, paralelamente.

Ainda no estudo de Zago (2006), fica evidente a questão que envolve o sentimento de pertencimento ou não desses alunos em relação ao grupo discente que tende a variar em função da graduação em cursada (maior ou menor prestígio social do curso).

Mais recentemente, temos o estudo de Muzzeti (2019), que analisou a trajetória de 36 estudantes de cursos de graduação das áreas de humanas e biológicas de uma universidade Estadual Paulista que ingressaram no por meio das políticas de acesso. Dentre as principais conclusões de Muzzeti (2019), constata-se que o fator de os estudantes terem herdado um reduzido volume de capital cultural, contribuiu para que mantivessem uma relação conflituosa com o ensino superior. A autora conclui, ainda, que a universidade não reestruturou o habitus primário dos agentes analisados e ressalta a importância das políticas de acesso nas trajetórias dos agentes analisados.

As pesquisas mencionadas até aqui relatam as trajetórias de longevidade escolar das camadas populares e contribuem para confrontar uma possível perspectiva patologizante ou caracterização genérica dos meios populares que por muito tempo foi dominante nas ciências sociais (ZAGO, 2006).

A seleção com base social que se operava era amplamente aceita pelas crianças vítimas de tal seleção e pelas famílias uma vez que ela parecia apoiar-se exclusivamente nos dons e méritos dos eleitos, e uma vez que aqueles que a escola rejeitava ficavam convencidos (especialmente pela escola) de que eles que não queriam a escola. (BOURDIEU; CHAMPAGNE, 2015, p. 245)

Desse modo, pode-se reafirmar que a desigualdade de oportunidades de acesso ao ensino superior é construída de forma contínua e durante toda a trajetória escolar do estudante.

Mas se o êxito no nível mais alto do cursus permanece muito fortemente ligado ao passado escolar mais longínquo, há que se admitir que escolhas precoces comprometem muito fortemente as oportunidades de atingir tal, ou tal ramo de ensino superior e de nele triunfar. Em síntese, as cartas são jogadas muito cedo. (BOURDIEU, p. 58, 2015)

Mediante o cenário de desigualdade e exclusão escolar nas últimas décadas, o sistema do Ensino superior também passou por reformas diversas de cunho administrativo, político e social, dentre outras metas, objetivando a diminuição das desigualdades sociais, por meio da expansão de políticas de acesso e permanência.

Algumas das iniciativas que podem ser citadas são a expansão e reformulação de programas de financiamento estudantil reembolsável² e não reembolsáveis³, além de novos sistemas de seleção⁴ e de reserva de vagas a partir da implementação da política de cotas⁵. (INEP, 2020; BRASIL, 2012)

Houve também um expressivo aumento na criação de Instituições de ensino superior culminando num índice mais elevado, no que se refere a expansão no setor privado em relação ao setor público de ensino superior.

² Dentre as modalidades os financiamentos reembolsáveis encontram-se o Programa de Financiamento Estudantil (FIES), criado pelo governo federal em 1999. De acordo com o Resumo técnico senso da Educação de 2019, divulgado pelo INEP, o FIES é o programa que financia o maior percentual de matrículas privadas de graduação no Brasil totalizando 68,9% das matrículas.

³ De acordo com o Resumo técnico senso da Educação de 2019 divulgado pelo INEP os programas de financiamento não reembolsáveis mais expressivos são: programas de financiamento das próprias IES que corresponde a 68,6%, seguido do Programa Universidade para Todos (PROUNI) que corresponde a 23,0%.

⁴ Sistema de Seleção Unificada (SISU) é o sistema informatizado do Ministério da Educação, no qual instituições públicas de ensino superior oferecem vagas para candidatos participantes do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Os candidatos com melhor classificação são selecionados, e as vagas são distribuídas obedecendo a lei de cotas nº 12.711/2012 e como política de ações afirmativas algumas instituições oferecem vagas reservadas e outras adotam bônus na nota do candidato.

⁵ Lei nº 12.711/2012 que regulamenta a política de cotas que garante a reserva de 50% das matrículas por curso e turno nas universidades federais para alunos oriundos integralmente do ensino médio público, aos estudantes oriundos de famílias com renda igual ou inferior a 1,5 salário-mínimo (um salário-mínimo e meio) per capita e a autodeclarados pretos, pardos e indígenas e por pessoas com deficiência

Segundo dados do Censo da Educação Superior, realizados e divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais “Anísio Teixeira” (INEP) no ano de 2019, existia um total de 2.608 Instituições de Ensino Superior (IES) no Brasil, sendo a quantidade de 302 IES públicas contra 2.306 IES de iniciativas Privadas, sendo assim, calcula-se que 88,4 % das Instituições de ensino Superior no Brasil são privadas.

Ressalta-se que, no ano de 2019, do total de matrículas no ensino superior, 75,8% eram provenientes de instituições privadas de ensino superior e 24,2% em instituições públicas de ensino superior.

Tal expansão contribuiu para promoção do crescimento nos índices de acesso da população brasileira ao ensino superior, entretanto, a expansão quantitativa com ênfase no setor privado não tende a beneficiar a população de baixa renda, que depende essencialmente do ensino público (ZAGO, 2006).

Tem-se que, enquanto tendência histórica, o ingresso de agentes oriundos das camadas populares em instituições de ensino de nível superior não constitui uma regularidade (MUZZETI, 1997). Entretanto, observa-se que, nos últimos anos, houve um aumento no acesso quantitativo do ensino superior, inclusive do acesso da classe popular. De acordo com o INEP, do total de ingressantes no ensino superior em 2019, 76,8% haviam concluído o ensino médio em escola pública e 23,2% em escola privada.

Em meio ao cenário atual de expansão das universidades e maior tendência ao acesso da população nos níveis mais elevados de ensino, é possível observar novas configuração da exclusão no cenário educacional, uma vez que a presença de agentes menos favorecidos economicamente não esconde as reais diferenças (originárias) entre os estudantes (BOURDIEU; CHAMPAGNE, 2015).

Para Coulon (2017), tanto no Brasil, como na França, o ensino superior passou por um processo de massificação identificada como o fenômeno da democratização, que para o autor, está longe de significar a democratização do saber.

Os estudos de Coulon (2008) apontam para o fato de que, durante o primeiro ano do curso de ensino superior, os estudantes enfrentam dificuldades, na medida em que o sucesso universitário passa pela aprendizagem de um “ofício de estudante” (COULON, 2008).

Desse modo, para Coulon (2008), aqueles que não conseguem afiliar-se a este novo universo em que se encontra o ensino superior, tendem ao fracasso. Nas palavras do autor “A passagem do ensino médio ao superior é acompanhada por mudanças importantes em sua relação com o saber: as regras não são as mesmas, elas são mais sofisticadas, complexas,

simbólicas e devem ser rapidamente assimiladas pelos novos estudantes” (COULON, 2017, p. 1239).

De acordo com o censo da educação de 2017, do total de ingressantes nas Instituições Federais de Educação Superior (IFES), 21% fizeram o Enem mais uma vez em 2017, mesmo já estando frequentando uma IFES, evidenciando o desejo de que esses alunos têm de mudar de curso e/ou de Instituição, fenômeno que potencializa a desistência⁶ e a criação de vagas remanescentes em cursos de nível superior.

Sabe-se que as motivações para a desistência de um estudante no ensino superior podem ser variadas (BAGGI; LOPES, 2011), entretanto, alguns estudos têm apontado para tendência das desigualdades sociais e culturais no perfil do estudante evadido (GISI, 2006; PARENTE, 2014; LOURENÇO, 2014; BAGGI, LOPES 2011).

Em tempos aceleração na expansão do ensino superior outra forma de exclusão que podemos citar converte-se em instituições e cursos menos prestigiados socialmente, como é o caso dos cursos de formação docente, em que pesquisas têm apontado para a tendência de que os estudantes de licenciaturas geralmente apresentam antecedentes socioeconômicos inferiores aos de outras carreiras superiores aliado ao reduzido volume de capital cultural (GATTI, BARRETO, 2009; NUNES, 2015; ARTES, RICOLDI, 2016; GATTI, et. al, 2019).

É preciso, no entanto, reconhecer que o maior acesso desses segmentos ao ensino superior não impede a permanência e a segregação dos alunos de graduação por curso com base na interação entre os diferentes marcadores sociais. A própria escolha pelas licenciaturas figura como um deles, uma vez que em diversas escalas elas são apontadas como cursos de menor prestígio (GATTI, et. al, 2019, p. 142).

Bourdieu e Champagne (2015) observaram que a partir do movimento de democratização do ensino “a propósito do qual se falou, com um pouco de precipitação e muito preconceito” (BOURDIEU; CHAMPAGNE, 2015, p. 246), que ocorre com a entrada em massa da população de baixa renda no sistema de ensino e paralelamente a inflação dos títulos escolares, a relação de exclusão no interior do sistema de ensino opera de forma mais complexa e imperceptível.

⁶ No presente estudo entende-se por desistência enquanto o aluno que desiste de seu curso de ingresso por meio da desvinculação do curso ou por transferência consonância com o conceito adotado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais “Anísio Teixeira” (INEP) adotado para o levantamento dos indicadores de trajetórias da educação superior. (INEP, 2020).

A exclusão branda posterga a eliminação por meio de uma segregação interna ao sistema de ensino, reservando aos estudantes das classes menos privilegiadas, os setores escolares mais desvalorizados, assegurando a manutenção dos privilégios.

Eis aí um dos mecanismos que, acrescentando-se a lógica da transmissão do capital cultural, fazem com que as mais altas insituições escolares e, em particular aquelas que conduzem às posições de poder econômico e político, continuem sendo exclusivas como foram no passado. E fazem com que o sistema de ensino, amplamente aberto a todos e, no entanto, estritamente reservado a alguns consiga a façanha de reunir as aparências de “democratização” com a realidade da reprodução que realiza em um grau superior de dissimulação, portanto, com um efeito acentuado de legitimação social.(BOURDIEU; CHAMPAGNE, 2015, p. 250).

Para Bourdieu (2015, p. 168), a inflação de títulos escolares conduziu a desvalorização social de alguns cursos, especialmente aqueles em que o número de cargos tenha crescido na mesma proporção dos diplomas, perdendo, assim, seu valor distintivo, fato acompanhado ao aumento expressivo da escolarização das meninas.

De acordo com o INEP, no ano de 2017 foi registrado um crescimento de 49,9% de alunos em cursos de licenciaturas e com crescente aumento de matrículas na modalidade à distância e em sua maioria correspondente ao gênero feminino.

No ano de 2019, das matrículas nos cursos de licenciatura registradas em 2019, foram 64,0% em IES privadas, sendo 72,2% das matrículas do sexo feminino, e com relação à modalidade de ensino, as matrículas em cursos à distância representam 53,3% no total de matrículas.

Mediante esse complexo panorama, o presente estudo aborda um debate específico no campo das pesquisas em sociologia da educação: o acesso e permanência desses agentes no ensino superior, ao buscar analisar os condicionantes que motivaram a evasão de quatro estudantes de graduação oriundos das camadas populares em cursos de licenciaturas em universidades públicas, à luz dos pressupostos da teoria bourdieusiana.

O presente trabalho divide-se em quatro seções:

Na primeira seção, são apresentados os referenciais teóricos e os procedimentos metodológicos norteadores da pesquisa baseados nas concepções de Pierre Bourdieu, com foco nas seguintes categorias: habitus, capital cultural, capital social, capital econômico, bem como serão apresentados os procedimentos metodológicos que conduziram a pesquisa.

Na segunda seção, são apresentadas a forma de apresentação dos dados obtidos e os percursos biográficos dos entrevistados.

Na terceira seção, há a discussão dos resultados obtidos, e por fim, as considerações finais.

2- REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

2.1- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Com base nos conceitos de Boudieu (2015, 1999, 2007c, 1989), o presente trabalho partiu da interferência da herança cultural dos agentes, para compreender como se dá o processo da escolha do destino escolar em especial das instituições de nível superior dos agentes analisados. Para isso, faz-se necessário compreender os principais conceitos desenvolvidos por Bourdieu (2015, 1999, 2007c, 1989).

2.1.1- *Habitus*

Segundo o autor, a formação do *habitus* ocorre por meio do processo de socialização, a peculiaridade em sua premissa se encontra na enunciação de que a o processo de socialização está submetido às diferenças das classes sociais, desse modo, o *habitus* não estaria relacionado a atmosfera biológica dos indivíduos, mas funcionaria como um produto da posição e da trajetória social destes, justificando a existência de uma coerência/regularidade entre o agente individual e a sociedade.

Nesse sentido, ao se falar em *Habitus*, é compreendido o comportamento do grupo social e familiar, efetivando-se nos agentes a partir das condições materiais de existência semelhantes, dando origem às frações de classe que se exprime em todos os aspectos de seu comportamento, influenciando a relação que se tem com determinados conjuntos de valores e conhecimentos, gostos, perspectivas, escolhas e decisões nas dimensões profissionais, escolares e sociais que formam a herança cultural das famílias, de acordo com os diferentes estratos sociais aos quais pertencem (MUZZETI, 2019).

Bourdieu ainda afirma que o *habitus*, enquanto disposição durável que sobrevive as condições socioeconômicas de sua própria produção, pode estar na origem tanto da inadaptação, quanto da adaptação, da revolta e da resignação.

Há de considerar, portanto, uma tendência dos agentes em antecipar seu futuro em consonância com o presente, não desejando aquilo que parece pouco provável a seu grupo social, a esse fenômeno ocasionado pela dialética do *Habitus*, Bourdieu chamou de “causalidade do provável”.

A causalidade do provável é o resultado dessa espécie de dialética entre o habitus, cujas antecipações práticas repousam sobre toda a experiência anterior, e as significações prováveis [...] as práticas são o resultado desse encontro entre um agente predisposto e prevenido, em um mundo presumido, isto é, pressentido e prejudgado, o único que lhe é dado a conhecer. (BOURDIEU, 2015, p. 124)

Se faz importante ressaltar que o habitus tem como produto também o gênero. Para Bourdieu (1999), tanto o gênero masculino, quanto o feminino resultam das relações de poder entre si, sendo construídos e naturalizados nas diferentes agências de socialização.

A forma como a sociedade e os diferentes grupos sociais agem em relação às mulheres e homens condicionam a constituição da identidade de gênero dos indivíduos e contribuem para ratificação do *habitus* enquanto sistema de disposições, de comportamentos naturalizados.

Assim sendo, os gêneros masculinos e femininos não tendem a se manifestar de forma igualitária, há comportamentos esperados para cada um.

As aparências biológicas e os efeitos bem reais que um longo trabalho coletivo de socialização do biológico e biologização do social produziram nos corpos e nas mentes conjugam-se para inverter a relação entre as causas e os efeitos e fazer uma construção social naturalizada (os gêneros sobre habitus sexuado) como fundamento in natura da arbitrária divisão está no princípio não só da realidade como também da representação da realidade (BOURDIEU, , 1999, p. 9-10)

O habitus compreendido como sistema de disposições, transferência análoga de esquemas de percepção e ação, organizará o adequado, o possível ou o aceitável para os agentes do gênero masculino e feminino especificamente (MUZZETI, p. 30, 2019).

Portanto, podemos definir a presente categoria bourdieusiana *Habitus*, enquanto princípio mediador produtor e produto das regularidades das frações de classe e disposições que se estruturam no comportamento do agente, incorporado pelo mesmo durante o processo de socialização de acordo com sua fração de classe.

Assim, nessa mesma linha de pensamento, entenderemos o conceito de classe enquanto grupo social que compartilha do mesmo *Habitus*.

2.1.2- Capital Cultural, Capital Econômico e Capital Social.

Na teoria Bourdieusiana, o conceito de patrimônio se desdobra para além do capital econômico, incorporando a este os capitais de ordens culturais e sociais que integram a Herança Cultural.

Embora seja possível caracterizar cada capital de modo isolado, cabe ressaltar que estes conceitos possuem uma relação íntima entre si, e interligam-se um ao outro.

O Capital Cultural apreende um conjunto de valores, conhecimentos, saberes, informações, códigos linguísticos. Tal capital costuma se diferenciar entre as classes sociais, o que as categoriza em grupos distintos, que transmitem seu capital cultural de geração em geração.

Desse modo, o *Habitus* em linhas gerais pode ser compreendido como capital cultural (BOURDIEU, 2007c) que se tornou parte integrada da pessoa e se exprimi no andar, falar e vestir, bem como nas formas de consumo, de bens e fruição, gerando, assim, disposições que são sócio-culturais, o que irá interferir nas relações sociais estabelecidas por este indivíduo, ainda segundo o autor, ao conceituar Capital Cultural, o classifica em três estados: incorporado, objetivado e institucionalizado.

[...] no estado incorporado, ou seja, sob a forma de disposições duráveis do organismo; no estado objetivado, sob a forma de bens culturais – quadros, livros, dicionários, instrumentos, máquinas, que constituem indícios ou a realização de teorias ou de críticas dessas teorias, de problemáticas, etc; e, enfim, no estado institucionalizado, forma de objetivação que é preciso colocar à parte porque, como se observa em sua relação ao certificado escolar, ela confere ao capital cultural – de que é, supostamente, a garantia – propriedades inteiramente originais. (BOURDIEU, 2007c, p. 74).

Embora o capital cultural não seja decorrente do capital econômico, este exerce influência em seu consumo, acesso e aquisição.

Ainda conforme Bourdieu (1989), os divergentes espaços sociais, geralmente, se caracterizam pelos diferentes estilos de vida, que, tendem a influir em suas pretensões, escolhas, atividades e comportamentos. Assim sendo, é o capital econômico, bem como o capital cultural, que irão distinguir as frações de classe.

Já o capital social, por sua vez, é composto por uma rede de contatos durável mais ou menos insitucionalizadas, em que os agentes se reconhecem como pares ou enquanto vinculados a um mesmo grupo. Tais agentes possuem propriedades comuns e estão unidos por meio de relações permanentes e úteis.

Segundo Bourdieu (2007c, p. 67), o capital social representa um “[...] conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse” assim sendo, o capital social possuído por agente deriva das rede de relações que este detém.

2.1.3- Estratégias de Reprodução

Além da Herança cultural, composta pelos capitais cultural, social e econômico, o *habitus* tem como produto ações e práticas conscientes ou inconscientes para os agentes das diferentes frações de classe que funcionam como estratégias de reprodução, que objetivam manter ou melhorar a posição de um determinado grupo social na estrutura de classes.

De acordo com Bourdieu (2015), tais estratégias são interdependentes e podem ser classificadas em:

- Estratégias de fecundidade: a limitação de filhos que objetiva a redução de pretendentes ao patrimônio da família, ou de forma indireta por meio do casamento tardio ou celibato;
- Estratégias sucessórias: transmissão do patrimônio com o mínimo de desperdício;
- Estratégias culturais: incluem as estratégias educativas que se convertem na transmissão precoce do capital cultural pela família, maior investimento escolar, preocupação com atividades extraescolares;
- Estratégias profiláticas: orientadas para a manutenção da saúde do grupo;
- Estratégias econômicas: visam reproduzir ou aumentar o patrimônio econômico do grupo que se concentra em ações que envolvem investimentos econômicos em geral;
- Estratégias matrimoniais: asseguram a reprodução biológica do grupo sem rebaixar sua posição social na estrutura de classes, por meio de casamentos entre agentes provenientes de grupo equivalentes no que tange os aspectos econômicos e socioculturais;
- Estratégias ideológicas: objetivam naturalizar os privilégios do grupo social, legitimando a dominação.

2.2 Metodologia e materiais

2.2.1- Análise de Dados

A análise dos dados coletados será realizada com base no conhecimento praxiológico, tal como foi desenvolvido por Pierre Bourdieu, partindo da busca de uma dialética entre as limitações do conhecimento objetivista e da fenomenologia, na construção da “teoria da prática ou modos de engendramento das práticas” (1994, p. 60), nas palavras do autor:

O conhecimento que podemos chamar de praxiológico tem como objeto não somente o sistema das relações objetivas que o modo de conhecimento objetivista constrói, mas também as relações dialéticas entre essas estruturas e as disposições estruturadas nas quais elas se atualizam e que tendem a reproduzi-las, isto é, o duplo processo de interiorização da exterioridade e de exteriorização da interioridade: este conhecimento supõe uma ruptura com o modo de conhecimento objetivista, quer dizer um questionamento das questões de possibilidade e, por aí, dos limites do ponto de vista objetivo e objetivante que apreende as práticas de fora, enquanto fato acabado, em lugar de construir seu princípio gerador, situando-se no próprio movimento de sua efetivação (BOURDIEU, 1994, p. 47)

Nessa perspectiva de investigação, compreende-se que a análise e interpretação dos comportamentos humanos devem ser assimiladas considerando como primazia a prática, não somente o resultado dessa, mas o processo em que ela se constrói utilizada como um instrumento científico, promovendo um conhecimento aprofundado da complexidade das relações sociais.

2.2.2- Coleta de Dados

Com base nos estudos de Pierre Bourdieu, foi desenvolvida uma entrevista semi-estruturada, tendo como base os conceitos da teoria bourdieusiana, sendo eles: *habitus*, capital social, capital cultural, capital econômico e gênero.

O roteiro da entrevista (Apendice A) foi desenvolvido com base nas pesquisas realizadas por Muzzeti (1992; 1997; 2019), sendo importante ressaltar, ainda, que esse roteiro vem sendo reestruturado e readaptado ao longo dos anos por diversos pesquisadores como Suficier (2013; 2017), Oliveira (2017; 2021), Carmignolli (2018), dentre outros que trabalham com os desdobramentos da teoria bourdieusiana.

Antes da coleta da entrevista, que se deu por meio de vídeo conferência, os entrevistados foram informados sobre a não-obrigatoriedade em participar da pesquisa, no momento em que foi apresentado o termo de Livre Consentimento e também foram conscientizados da gravação da entrevista.

Os participantes também foram orientados sobre a possibilidade de desligar a câmera, caso se sentissem mais a vontade desta forma.

As vídeo conferências foram gravadas com um gravador de voz a parte e posteriormente transcritas na íntegra.

Ressalta-se, ainda, que a pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências e Letras/UNESP, campus de Araraquara e, após análise, os membros do Comitê de ética foram favoráveis à sua aprovação.⁷

2.2.3- Seleção da Amostra

Para esta investigação, optou-se pela busca de agentes em que a desistência tenha ocorrido num período de no mínimo 05 anos atrás (2016), por meio de uma amostra de conveniência (OLIVEIRA, 2001) na tentativa de apreender o quanto este ocorrido tenha afetado a trajetória dos agentes e de quais estratégias estes se utilizaram para contorná-lo ou superá-lo.

Mediante os preceitos estabelecidos, foram selecionados quatro agentes (dois do gênero masculino e dois do gênero feminino), por ter em comum em suas trajetórias, a peculiaridade de terem concluído os estudos de nível superior em instituições privadas de ensino e estarem atualmente inseridos no mundo do trabalho.

A opção pelos critérios acima deu-se em virtude de lacunas no campo das pesquisas em trajetórias observadas por autores como Oliveira e Portes (2014, p.1147) “Contudo, pesquisas com atores dos meios populares que já concluíram o curso superior e que por ventura tenham ingressado no mundo do trabalho ainda não são comuns”.

2.3- Forma de apresentação dos dados da pesquisa

Os entrevistados estão identificados por nomes fictícios e alguns dados como nomes de instituições, entre outros, que pudessem identificar os colaboradores foram retirados para manter o sigilo e privacidades dos mesmos, sendo essas informações substituídas no texto pela expressão “omitido por sigilo” entre colchetes.

Visando uma melhor compreensão do grupo social do qual cada agente pertence, e as relações que podem ser estabelecidas quanto aos conceitos trabalhados, optou-se, primeiro,

⁷ CAAE: 43328421.0.0000.5400

momento pela exposição individual do percurso biográfico de cada agente acrescido de comentários analíticos da pesquisadora com base na teoria Bourdieusiana.

Objetivando uma melhor organização aos leitores de cada percurso biográfico, optou-se pela exposição da narrativa subdividida em oito tópicos descritos a seguir:

2.3.1- Apresentação

Esta seção consiste em uma explanação sobre as origens e atividades do agente, situando-o previamente em seu contexto econômico e de classe.

Neste tópico, serão abordadas e analisados as origens e nível de instrução global familiar do entrevistado, apresentando o percurso familiar do mesmo desde seus avós. Elencando os elementos que compõem a herança familiar (capital econômico, cultural social e institucionalizado) do agente analisado, explorando as práticas culturais de lazer e socialização cotidiana que ocorriam no interior de sua família de origem, bem como aspirações, expectativas e investimento no futuro escolar do agente por seus pais e/ou responsáveis.

2.3.2- Percurso escolar

Este tópico tratará da trajetória escolar do agente analisado da educação infantil ao ensino médio, suas percepções sobre a escola, os estudos, seu desempenho escolar, e as afinidade ou não com professores, disciplinas, colegas além das dificuldades enfrentadas durante este período.

O tópico também busca identificar as formas pelas quais a escola contribuiu ou não para a reestruturação do *habitus* do agente desvelando influencia da escola no percurso do agente no ensino superior.

2.3.3- Percurso acadêmico

Esta seção é subdividida em dois tópicos: Trajetória na IES pública e na Trajetória na IES privada, buscando verificar os condicionantes de classe e gênero que influenciaram os respectivos percursos acadêmicos, explicitando as principais dificuldades e encontros de tais agentes que impactaram sua manutenção e longevidade acadêmica.

O tópico também explora como as políticas públicas de acesso e manutenção asseguraram ou não a esses discentes a longevidade acadêmica, sem perder de vista as principais especificidades de seus itinerários escolares.

2.3.4 Práticas culturais de lazer e socialização

O tópico baseado em Suficier (2017) apresenta informações sobre as preferências e práticas culturais atuais do entrevistado, tais como preferências musicais, cinematográficas, artísticas, de lazer, relações sociais (amizades, família).

No presente trabalho, nos apoiaremos na concepção de práticas culturais definidas por Muzzeti (2019), enquanto um conjunto de bens simbólicos que, em determinado momento histórico, são valorizadas socialmente, uma vez que as frações de classes privilegiadas (econômico-culturalmente) consideram legítimos de serem consumidos.

2.3.5- Questões de gênero

Neste tópico, serão apresentadas como as questões de gênero estiveram presentes na constituição e na trajetória do agente entrevistados e como elas foram ou não de alguma forma reestruturadas atualmente.

2.3.6- Discussões dos Resultados

Após a exposição dos percursos biográficos individuais, apresentamos a exposição de trajetórias do grupo analisado, cabendo ressaltar que trajetória, na perspectiva de Bourdieu, é compreendida como “[...] uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) em um espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a transformações incessantes” (1996, p.81).

Desse modo, a noção de trajetória se distancia de uma linearidade e da coerência de uma abordagem biográfica e se aproxima de um conjunto de relações sociais estabelecidas entre os agentes e as suas estruturas sociais (MUZZETI, 2019).

O objetivo da exposição, por meio de trajetórias, foi de captar possíveis indicadores gerais do perfil dos agentes analisados, uma vez que foram vislumbradas a existência de algumas regularidades no grupo estudado.

3. INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR PRIVADAS COMO REFÚGIO NAS TRAJETÓRIAS DA CAMADAS POPULARES

3.1 – Apresentação Geral dos Participantes

Buscou-se por agentes oriundos das camadas populares que tivessem histórico de evasão em cursos de universidades públicas e a posterior conclusão do ensino superior em instituições privadas de ensino, com ênfase na evasão em cursos de formação docente.

Foram selecionados quatro agentes para a pesquisa, sendo dois do gênero feminino e dois do gênero masculino. Todos os agentes se autodeclararam cisgêneros, heterossexuais e afirmam não ter filhos.

Os agentes analisados têm sua trajetória de escolarização básica realizada em estabelecimentos públicos de ensino e são desistentes de cursos de licenciaturas em universidades públicas.

Cabe ressaltar ainda que embora os agentes entrevistados não tenham sido os primeiros em suas famílias a cursar o nível superior de ensino, foram os primeiros a obter aprovação em vestibulares de universidades públicas e alcançar o ingresso.

Para apresentação geral dos participantes da pesquisa, foi elaborado um quadro que com o objetivo de sintetizar informações iniciais dos quatro agentes e suas trajetórias.

- Identificação: é composta pelas colunas que contém nome fictício dos agentes, idade, etnia autodeclarada, ano de conclusão do ensino médio e se o agente realizou ou não curso pré-vestibular.
- IES pública: são apresentados o nome do curso em que houve o ingresso e a evasão seus respectivos anos de ocorrência, bem como a categoria administrativa da universidade (Estadual/Federal); o sistema de seleção (cotas) pelo qual os agentes ingressaram no vestibular, e as políticas de permanência estudantil ofertadas pela instituição que os agentes analisados fizeram uso.
- Dados gerais da IES privada: São apresentados o nome do curso, bem como ano de ingresso e conclusão do mesmo, a forma de custeio do curso e a modalidade de ensino (presencial ou a distância).

Após a exposição da tabela, iniciaremos as apresentações dos percursos biográficos detalhadas dos participantes da pesquisa, sendo dispostas em ordem cronológica (do mais velho ao mais jovem), mesma sequência apresentada.

Quadro 1 – caracterização dos entrevistados

IDENTIFICAÇÃO						IES PUBLICA				IES PRIVADA			
Nome Idade	Idade (anos)	Etnia	Profissão	Conclusão Ensino médio (ano)	Curso Pré- vestibular	Curso licenciatura	Ingresso	Sistema De Seleção (COTAS)	Políticas Permanência Estudantil (BOLSAS)	Curso	Ingresso	Financiamento	Modalidade
						Categoria administrativa	Evasão (ano)		Conclusão (ano)				
Camila	36	Branca	Professora de educação infantil (servidora pública)	2003	SIM	Pedagogia Estadual	2005 2007	Ingresso Anterior a política de cotas	Não fez uso	Licenciatura em Pedagogia	2012 2015	PROUNI (bolsa integral)	Ensino a distância
Rafael	34	Branco	Auxiliar Administrativo (servidor público)	2005	SIM	Ciências Sociais Estadual	2011 2012	Ingresso Anterior a política de cotas	Não fez uso	Licenciatura em Artes visuais	2015 2018	Recursos próprios	Ensino a distância
Jéssica	28	Parda	Auxiliar administrativo	2011	SIM	Matemática Federal	2013 2013	SRVEBP	- Moradia estudantil; - Bolsa alimentação; - Bolsa atividade.	Bacharelado em Economia	2015 2018	PROUNI + bolsa concedida pela própria instituição de ensino	Presencial
Bruno	26	Negro	Professor de ensino fundamental e médio (servidor público)	2013	NÃO	Ciências sociais Estadual	2015 2016	SRVEBP + PPI	- Moradia; - Auxílio financeiro socioeconômico (bolsa de apoio acadêmico)	Licenciatura em Filosofia	2017 2020	PROUNI (bolsa integral)	Presencial

Fonte: Elaboração Própria

3.2 – PERCURSOS BIOGRÁFICOS

3.2.1- CAMILA

Apresentação:

Camila tem 36 anos, servidora pública, solteira, reside em uma cidade de médio porte do interior paulista, onde nasceu e sempre morou com seus pais e sua irmã caçula, num bairro localizado em uma região periférica do município. Sua família, atualmente, possui uma renda entre dois e três salários mínimos.

Camila atua como servidora pública municipal desde o ano de dois mil e sete, quando ingressou na função de agente educacional. Após concluir a licenciatura em pedagogia, prestou um novo concurso no qual obteve uma boa classificação, sendo convocada em dois mil e dezenove para, então, atuar como Professora de Educação infantil.

Além da graduação em pedagogia concluída no ano de dois mil e quinze, por meio de uma instituição particular de ensino superior na modalidade de ensino a distância, Camila acumula três diplomas de pós graduação lato sensu sendo eles: Metodologia do Ensino de Arte, metodologia do ensino de Matemática e Psicopedagogia clínica e institucional, todas obtidas também por meio de instituições privadas de ensino superior na modalidade à distância.

Os pais de Camila são casados e estão desempregados, situação na qual já se encontravam anteriormente a atual pandemia de COVID-19.

Quando questionada sobre sua família sempre ter tido estabilidade financeira, Camila relata episódios de instabilidade econômica *“Não, não sempre considero não, em noventa e seis a coisa ficou ruim”* (CAMILA), afirmando, inclusive, que as condições econômicas de sua família impulsionaram-na a conciliar trabalho e estudo durante o período em que cursou o ensino médio.

A família de Camila tem origem nordestina, seus avós, tanto maternos quanto paternos, viviam na zona rural e tinham um baixo nível de escolarização, sendo qualificados pela entrevistada enquanto “semi-analfabetos”.

A mãe de Camila é a quarta filha de um total de oito irmãos, incluindo dois já falecidos. Ela cursou até o sétimo ano. Quando jovem, chegou a atuar como professora e depois trabalhou durante muitos anos exercendo o ofício de empregada doméstica.

O pai de Camila é quarto filho de um total de cinco irmãos, cursou até o quarto ano do ensino fundamental da época. Atualmente, se encontra afastado por meio de um benefício de caráter assistencial, mas já trabalhou como pescador e, posteriormente, atuou muitos anos como vendedor autônomo.

De acordo com a entrevistada, a precária situação financeira de sua família contribuiu para seus pais interrompessem seus estudos precocemente.

Camila relata que a maioria de seus tios são analfabetos, sendo que alguns sabem somente ler e escrever, enquanto que o nível de escolarização de seus primos varia entre alfabetizados e graduados, tendo, atualmente, um primo cursando o ensino superior e dois primos já graduados.

Camila é a segunda filha de um total de três irmãs, sendo que a mais velha - irmã somente por parte de pai com a qual nunca residiu - possui nível superior de ensino cursado em uma instituição privada, enquanto a irmã caçula possui o nível técnico de ensino.

Quando questionada sobre alguém de sua família ou vizinhança que exercia alguma atividade intelectual que lhe despertava atenção ela cita o hábito de leitura do próprio pai: *“Meu pai gostava muito de ler, gosta até hoje muito de ler e minha mãe também gosta de ler. Mas o meu pai gosta muito mais, então ele sempre foi assim, um incentivo assim. Os dois, mas ele mais por conta de ele querer assim, saber mais.”* (CAMILA).

Camila relata que era incomum ocorrerem práticas culturais em sua família tais como: frequência a museus, idas cotidianas a cinemas, teatro, galerias de arte e viagens. Recordar-se apenas de uma vez ou outra ter ido ao Nordeste com seus pais para visitar seus avós.

Sobre os programas e passeios em família a entrevistada afirma que *“não saíam muito”*, mas frequentavam assiduamente a igreja católica.

Seus pais sempre tiveram uma ativa participação em sua vida escolar. A entrevistada relata que sabia escrever o nome, contar e o alfabeto antes de ingressar no primeiro ano do ensino fundamental, pois aprendera com sua mãe. Tal fato nos remete a uma possível estratégia escolar.

Além disso, os pais de Camila sempre a motivaram com relação aos estudos e acompanhavam a realização de suas tarefas escolares: *“Muito, muito. Era sempre em cima dos estudos minha mãe supervisionando caderno, material, ajudando na tarefa, meu pai também ajudando a estudar pra prova, lendo os livros que eu trazia, supervisionando a matéria, minha mãe dava reforço no que precisava.”* (CAMILA).

Trajetória Escolar

A trajetória escolar de Camila é marcada por um bom desempenho acadêmico, sem histórico de reprovações, nenhuma interrupção em seus estudos e uma boa relação com seus professores da educação infantil ao ensino médio, paralelamente a um histórico de relações conflituosas com seus colegas.

No que se refere à ampliação do capital cultural de Camila no decorrer da trajetória escolar de nível básico, é possível observar que a escola oferecia, esporadicamente, atividades culturais como visitas a museus, exposições, biblioteca e teatro: *“Sim, sim. Eu não ia, mas tinha sim. Ah era o que?... uma vez por semestre por semestre por aí vai, mas quando não eles traziam vamos supor um teatro pra dentro da escola, é que naquela época era mais difícil né?”* (CAMILA).

Quando questionada sobre o motivo de não participar de tais atividades, Camila responde: *“minha mãe geralmente não deixava, e eu também depois de um tempo comecei a não querer ir porque comecei a desenvolver fobia social né? e comecei então a não querer ir”*. (CAMILA).

Apesar da não frequência em tais atividades culturais, Camila relata o fascínio sobre a disciplina de educação artística em sua trajetória escolar, por meio da qual teve contato com diferentes obras de arte que significaram em suas palavras *“uma nova visão de Mundo”* (CAMILA), uma vez que a frequência a galerias de arte e o contato com obras artísticas não fazia parte do *habitus* de sua família:

Sim, com várias, ela (professora) levava pra sala, ela era demais! Sim é, mas ela não levava a obra original não, ela levava réplica da, dos quadros dos pintores, Guernica de Picasso é, que mais?... ela levou as Bailarinas do Renoir, ela levou é Retirantes do Portinari, cada pintura ela levava uma, uns “posters” das obras assim pra gente ver e fazer releitura, então nossa, e aí ela falava das vanguardas, Salvador Dali ela levou pintura também, é... escultura eu não lembro, mas eu acredito que também ela trabalhou escultura com a gente, mas ela era o máximo! Assim ensina demais né? (CAMILA)

Camila relata que, durante a disciplina de educação artística, além dos conteúdos próprios da disciplina, teve contato com conteúdos que contribuiriam para sua trajetória no ensino superior:

A professora de artes porque eu amo artes e ela também ensina arte com, como que eu posso dizer? De maneira significativa, ela não só dava: “a desenha tal coisa” não ela ia atrás, ela contava o texto, contava o, o... falava sobre os pintores, a vida dos pintores, as vanguardas, ela ia fundo na arte do jeito que eu gostava, que eu queria entender arte, o jeito dela dar aula também ela já, já trabalhou com projeto de pesquisa com a gente, então assim foi, tudo que ela ensinou lá serviu de base pra quando eu entre na faculdade, ajudou um pouquinho, ainda que pouco porque era diferente, mas ajudou porque ela trabalhava com projeto de pesquisa, aquela coisa de capa, tudo certinho, nome, formatação lá da ABNT. (CAMILA)

Com relação a disciplina de língua portuguesa e/ou literatura, Camila relata também ter tido contato com diversos gêneros literários e obras clássicas da literatura: *Novela, crônica, trabalhava todos, mas o que eu gostava mesmo, que eu gostei foi novela, crônica, que mais?... novela, crônica e teatro, isso, obra de, de Sheakespeare.” (CAMILA).*

Além do contato com obras literárias por meio da disciplina de língua portuguesa e/ou literatura, o gosto de Camila pela leitura se mantinha nutrido por sua frequência assídua a biblioteca escolar *“quase todo dia, sempre que abria, é que não abria todo dia, se abrisse eu frequentava todo dia”.* (CAMILA) e diz recordar-se de ter emprestado da biblioteca da escola vários títulos da clássica coleção Vaga-Lume, e de diversos gêneros e autores dentre eles cita: Stella Carr, Fernando Veríssimo, Érico Veríssimo.

Camila afirma ter conhecimento muito básico de Inglês que adquiriu através da escolarização de nível básico e conhecimento básico de Espanhol, decorrente de um curso gratuito oferecido nas dependências de uma escola estadual e que foi complementado por meio de *“auto-estudo”*.

A entrevistada afirma que sempre gostou muito de ir à escola, entretanto, a relação conflituosa com seus colegas impactou essa perspectiva em alguns momentos de sua trajetória escolar *“Adorava. Só um tempo que eu fiquei com ranço da escola, nossa muito grande por conta que eu passei a sofrer bullying né? então foi um período difícil, mas não era na a ver com a escola e os professores, era com o colega xis, entendeu?”* (CAMILA). Tal situação provocava impacto em seu rendimento escolar:

Passei perto de, de... reprovar em Educação física, como eu falei, porque eu não ia nas aulas, eu detestava, mas não era questão com o professor e nem com a escola, era questão comigo mesmo, questão de... por tanto

sofrer bullying eu fiquei com a auto estima zerada, esse negócio de se expor e na educação física se expõe bastante aí... travava, cheguei pertinho de repetir mas daí a professora deu uma chance porque uma amiga interferiu, pediu pra ela, deu uma chance, aí eu fiz um trabalho lá e eu consegui passar, mas foi por isso. (CAMILA)

Observa-se, na trajetória escolar de Camila, um bom desempenho acadêmico incentivado pela motivação aos estudos por sua família e o gosto pela leitura incentivado por seus pais, o que representa uma estratégia escolar.

A escola apresentou a Camila um capital cultural legitimado nas áreas de artes e literatura e foi um espaço importante pra manutenção do seu hábito de leitura, uma vez que a situação econômica de sua família não permitia a aquisição de bens culturais, como os livros.

Foi por meio da escola, também, que Camila obteve informações, ainda que sumárias, sobre ensino superior, uma vez que, como visto anteriormente, seus pais não eram detentores de tais informações e o ingresso no curso de nível superior não era comum em seu círculo familiar e nem em seu círculo social.

Entretanto, a relação conflituosa com seus colegas desencadeia uma série de interferências como no gosto de ir à escola em alguns momentos, além de impulsionar o impedimento na participação de atividades que poderiam ampliar seu capital cultural, como os passeios a museus e teatros, e impactou seu rendimento escolar na disciplina de educação física.

TRAJETÓRIA ACADÊMICA

IES Pública

Após a conclusão do ensino médio em dois mil e três, Camila realizou um ano de curso pré-vestibular gratuito e, ao final, prestou o Exame Nacional do Ensino médio (ENEM), além do vestibular, ingressando, assim, no curso de pedagogia em uma universidade Estadual no ano de dois mil e cinco, onde permaneceu até o ano de dois mil e sete.

Pedagogia não era a primeira opção de Camila, mas, sim, Letras, entretanto, segundo a mesma, o vestibular para Letras “*não deu certo*”, mesmo assim, relata ter ficado muito feliz por ter sido aprovada para o curso de pedagogia, assim como seus pais, que chegaram inclusive a conhecer o campus universitário.

De acordo com a entrevistada seus pais não apresentavam nenhuma opinião formada a respeito da universidade pública, mas encantaram-se com a estrutura física da universidade “*Sim sim. Muito legal, nossa bacana que só!*” (CAMILA).

Camila relata que seu percurso na universidade pública foi permeado por um bom desempenho acadêmico, afirmando, inclusive, que os conhecimentos apreendidos na escola de nível básico auxiliaram bastante para a compreensão dos conteúdos do curso, em especial, os conhecimentos de língua portuguesa.

Afirma que o que mais gostava no curso eram as aulas de psicologia, uma das disciplinas em que obtinha o melhor rendimento, paralela a disciplina de filosofia.

Entretanto, a relação de Camila com o ambiente universitário foi permeada por conflitos sociais, financeiros e psicológicos.

Camila conta que seus colegas de cursos eram pessoas em sua maioria com “*melhores condições financeiras*” que a sua, e apresentou dificuldades de convívio social, não fazendo amizades durante o período que frequentou a graduação, mantendo pouquíssimas relações de coleguismo, fator que em um determinado momento, passou a afetar sua frequência no curso:

Muito, vixeee, bastante, as condições financeiras, é... a cultura, minha cultura era diferente da cultura do povo de lá, minha cultura era mais tradicional, o povo lá era mais libertino, e ai eu era meio que excluída tal, já não tinha facilidade pra fazer amizade de boa, assim ainda, o negocio embolou todo, ai foi onde foi atacando minha depressão mais ainda, desenvolvi síndrome do pânico também, é... e ai eu fui começando a travar pra ir pra lá, comecei a me sentir triste pra ir pra lá, ai fui tendo que parar mesmo. (CAMILA).

A relação de Camila com os professores também é descrita como distante e classifica a linguagem dos professores enquanto “fria”, diz recorda-se de ter um professor que a impactou negativamente por demonstrar extrema arrogância, sendo descrito pela entrevistada a partir dos seguintes adjetivos “*esnobe*” e “*materialista*”.

Camila afirma ter conhecimento de atividades culturais oferecidas pela universidade e como exemplo, cita grupos de teatro e de estudos, mas afirma não frequentar tais atividades, devido, nas palavras da mesma, ter “*muitos problemas psicológicos*” na época.

Também não participou de nenhum projeto de iniciação científica e/ou extensão, e relatou não ter tido interesse com relação a propostas de intercâmbio no exterior.

Durante o primeiro ano da graduação, Camila dependia financeiramente de seus pais e frequentava o curso no período vespertino, para chegar à universidade utilizava o transporte coletivo que lhe gerava um custo além das despesas com xérox.

Sobre preocupações alheias ao contexto universitário, Camila relata que se preocupava muito com a situação financeira de sua família na época “*Sim. Por comida em casa, a situação da minha família*” (CAMILA).

Camila afirma ter tido conhecimento das políticas de permanência oferecidas pela universidade que poderiam auxiliá-la como o auxílio financeiro obtido por meio de bolsas, porém relata nunca ter solicitado nenhum auxílio por “*vergonha*”.

Em dois mil e sete, quando estava no terceiro ano do curso de pedagogia, a entrevistada começou a trabalhar como servidora pública na função de agente educacional, função essa relacionada a formação em andamento.

Alguns meses depois, acabou interrompendo o curso, motivada, segundo a mesma, por problemas caracterizados como “*financeiros e psicológicos*”.

Inicialmente, Camila não teve o apoio da família para interromper o curso, seus pais aconselharam-na a continuar “*Que tinha que tentar porque era bom pra mim e tal, estudar é importante, essas coisas, nesse sentido*” (CAMILA).

Camila também não chegou a cogitar nenhum tipo de transferência de curso, pois naquela época se sentia incapacitada “*Não porque eu cheguei num ponto assim do meu problema psicológico de acreditar que eu não tinha capacidade pra nada, então nem fui atrás*” (CAMILA).

Já com relação ao que a universidade poderia ter feito para que fosse garantida sua permanência no curso, Camila sugere: “*Então... porque assim, tinha uma colega, filho de uma colega que teve uns problemas de ordem emocional, psicologia e tal e a UEL oferece apoio né atendimento psicológico, talvez isso não sei*” (CAMILA).

Observou-se que a trajetória no ensino superior público de Camila foi marcada por dificuldades econômicas, psicológicas e de socialização.

No período em que permaneceu no curso, sua família se encontrava com dificuldades econômicas que preocupavam a entrevistada, impulsionando-a a necessidade de conciliar um emprego remunerado e os estudos.

Camila não vivenciou a graduação em sua plenitude, rejeitando atividades para além dos conteúdos do curso, como atividades extracurriculares e culturais, além do mais, sua relação com

o campo universitário foi permeada por um sentimento de estranhamento causado pelo choque cultural entre Camila enquanto sujeito e o espaço universitário.

A relação conflituosa de Camila com os colegas da universidade impactou em sua frequência ao curso, somada a dificuldade encontrada em conciliar trabalho remunerado em período integral e estudo motivaram Camila a desistência do curso.

IES Privada

Após a evasão no curso, Camila relatou ter se dedicado muito a seu emprego e iniciado tratamentos psiquiátricos.

Em dois mil e onze, prestou ENEM, segundo a mesma, sem nenhuma preparação prévia, e através de sua nota, foi contemplada com uma bolsa integral pelo PROUNI, ingressando novamente em um curso de pedagogia, desta vez, numa instituição de ensino privada e na modalidade a distância, condição que a mesma define enquanto favorável à sua fobia social.

Sobre as expectativas ao ingressar no curso, a entrevistada responde “*Espero que eu consiga terminar dessa vez*” (CAMILA).

Camila concluiu este curso em dois mil e dezesseis, dentro do tempo previsto e sem nenhuma reprovação, durante o período deste curso, informa que teve preocupações financeiras e problemas psicológicos, mas não a ponto de afetar seu rendimento no curso, pois nessa época, já estava fazendo acompanhamento psiquiátrico e terapia. Com relação as despesas durante este período, relata:

só tinha que pagar a internet em casa só e ... e ainda por um tempo a gente usou a internet para todos do governo e... era bem mais fácil, não tinha que... já tava ganhando um salarinho dava pra comprar roupa que eu precisava e tirar algum Xerox, mas eu ganhava todas as apostilas, não tinha que gastar pra comprar material, então foi bem mais fácil pra mim (CAMILA).

Com seus colegas de curso, dessa vez, Camila não teve muito contato, já que só tinha aulas presenciais uma vez por semana e sua turma era constituída por “*no máximo seis pessoas*”.

Já com relação aos professores, afirma que, apesar de ser a distância, “*eles eram legais*” e que a linguagem destes “*era mais fácil de entender, era menos técnica e tal*” afirma também que não teve nenhum professor que tenha lhe causado algum impacto negativo, uma vez que “*foi tudo*

tranquilo, até porque eu não tinha que conviver né? Só tinha que assistir eles, era mais fácil” (CAMILA).

A entrevistada afirma ter enfrentado preconceito por escolher um curso na modalidade a distância *“Enfrentei. Ah o povo, o povo, desprezava, menosprezava essas coisas, porque era privada e a distância.”* (CAMILA).

Ainda de acordo com Camila, a conclusão deste curso não lhe proporcionou nenhum prestígio social, nem perante sua família e também não contribuiu para um emprego melhor, apenas um aumento salarial, que foi sempre a grande motivação para a conclusão do curso *“ah eu fiquei feliz né? Feliz assim porque eu ia poder ganhar mais, porque eu só fui atrás porque eu tinha, que ganhava mais”* (CAMILA).

O relato acima confirma que para a entrevistada cursar o ensino superior é compreendido como uma estratégia profissional.

Com relação aos conteúdos do curso de pedagogia entre as duas IE frequentadas, Camila observa que na pública: *“tinha mais conteúdo porque era muito mais direcionada pra pesquisa né, lá não, lá era aquela coisa bem enxuta, bem objetiva.”* (CAMILA).

Outro ponto que Camila destaca com relação a diferença entre as duas instituições, foi didática dos docentes, enquanto que na instituição de ensino privado ela sentiu-se melhor tratada pelos professores, nas palavras da mesma *“tratavam o aluno como gente”*, na instituição pública de ensino superior Camila descreve os professores como *“frios, distantes, debochados”*.

No período em que Camila cursou esta instituição de ensino, sua vida se apresenta melhor estabilizada profissionalmente e psicologicamente, observa-se que a universidade privada na modalidade a distância atendeu melhor as especificidades da saúde mental da entrevistada.

Além do mais, houve uma compensação financeira, uma vez que estava isenta da mensalidade e de outros custos como transporte e tem-se que para a entrevistada a obtenção de um diploma de ensino superior está diretamente relacionada a perspectiva de melhoria em sua situação profissional, pois foi o que lhe proporcionou um aumento salarial.

Observa-se ainda que, para a entrevistada, a didática dos professores da IE privada era melhor e os conteúdos mais objetivos.

Nota-se que a agente concebe a instituição de ensino superior privada na modalidade de ensino a distância como desvalorizada socialmente, bem como o curso escolhido, desse modo, pode-se inferir essa escolha como estratégia utilizada pela agente em questão para angariar seu

diploma de ensino superior, por considerá-la previamente mais cômoda a suas necessidades prevendo uma maior probabilidade de acadêmico e, conseqüentemente, profissional.

Praticas Culturais, lazer e socialização

Desde então, Camila já realizou também diversos cursos de pós graduação em instituições privadas e a distância, e mencionou o desejo de fazer ainda mais uma nova pós graduação, para tentar mudar de profissão por, nas palavras da mesma, “*não gostar*” da atual.

Durante a pandemia, Camila expressa a sobrecarga de trabalho que obteve e as recorrentes mudanças de orientações e novas orientações que chegam a todo momento da secretaria da educação.

Com relação ao lazer, mencionou sentir falta apenas do Teatro que ela gostava de freqüentar e de alguns eventos relacionados ao gênero musical “*flashback*”, entretanto, afirma que o isolamento social, conseqüente do contexto pandêmico, se tornam até favoráveis à sua condição de fobia social.

Atualmente, Camila exerce a religião Espírita Kardecista, e afirma que anteriormente a pandemia, já não tinha hábitos como viajar, freqüentar museus e shows.

Camila conta também que ainda gosta muito de ler e que tem o hábito de comprar livros e que diferentemente de sua infância e adolescência, agora, há bastante livros em sua casa tanto didáticos, como literários e históricos.

Também relata gostar de assistir novelas e filmes épicos, quando questionada sobre suas preferências em matéria de pintura e música, cita Salvador Dali e como tipo de musica predileto, cita as músicas populares dos anos noventa.

Os dados apresentados neste tópico nos conduzem a considerar a hipótese de que não houve reestruturação de seu habitus cultural, uma vez que o repertório cultural relacionado a musica e artes se mostra reduzido e o hábito de leitura da entrevistada é predominante a obras técnicas/científicas relacionadas a seus estudos e trabalho.

Questões de Gênero

Os pais de Camila exerceram uma forte influencia religiosa católica em sua criação e de sua irmã.

Com relação a questões amorosas, afirma que sua mãe é quem lhe dava mais conselhos pautados numa ideologia conservadora, nas palavras de Camila: “*Assim era mais sobre aquela tradição lá do casamento que a mulher tem que ser pura, aquela coisa toda do século XVI*” (CAMILA).

Assim, para os pais de Camila, uma mulher bem sucedida teria que ser uma excelente esposa e dona de casa, enquanto um homem bem sucedido, é descrito como doutor, concepções que divergem do pensamento de Camila.

Para Camila, uma mulher bem sucedida tem “*Pelo menos o nível superior de estudo que dirige, independente*” (CAMILA) e alega não ter uma definição sobre um homem bem sucedido.

Camila acredita que está longe de corresponder às expectativas de seus pais, uma vez que não é casada e nem tem filhos, pois acredita que uma gravidez em sua fração de classe inviabilizaria os estudos “*com certeza*”.

Com relação a orientações sobre sexo e sexualidade, Camila descreve que era também sua mãe que mais lhe informava sobre o assunto, porém caracteriza as informações que obteve através de mãe enquanto “*muito superficiais*” e que a primeira vez que teve informações sobre sexo foi na escola, por volta da quarta ou quinta série e conta que “*havia bastante palestras*” sobre essa temática.

Camila afirma que, em sua família havia, sim, repressão com relação a brincadeiras de menino e de menina, e se recorda de ter sido vítima de tais repressões, uma vez que “*eu sempre gostei de brincadeira de menino*” (CAMILA).

Camila caracteriza a sociedade como machista e patriarcal e acredita que as dificuldades para homens e mulheres na sociedade e na universidade não são as mesmas, pois “*mulheres têm muito mais dificuldades*”.

Apesar de Camila não ter tido muitas informações acerca de sexo e sexualidade em sua família, a mesma tende a evitar a gravidez, pois tem que esse seria um grande empecilho para concretizar suas aspirações acadêmicas e profissionais.

3.2.2 - RAFAEL

Apresentação:

Rafael tem 34 anos é servidor público e reside em uma cidade de médio porte do interior paulista, cidade na qual nasceu e sempre morou com seus pais e seus dois irmãos mais novos.

Formou-se em dois mil e dezoito no curso de Licenciatura em Artes Visuais, por uma instituição privada de ensino superior na modalidade de ensino a distância (EAD), e está prestes a concluir uma segunda graduação no curso de licenciatura em Filosofia, pela mesma instituição de ensino e também na modalidade EAD.

Rafael atua como auxiliar administrativo desde o ano de dois mil e nove em um hospital público situado em uma cidade de pequeno porte vizinha da qual reside, antes disso, ainda na adolescência, trabalhou auxiliando seu pai que é pintor e teve seu primeiro emprego com carteira assinada em dois mil e oito, em um supermercado, exercendo a função de cartazista.

Seu emprego atual não foi afetado financeiramente pela pandemia, mas o entrevistado relata que tem enfrentado impactos com relação de sobrecarga de serviço, em virtude do contexto pandêmico, já que atua num hospital da rede pública.

Já seu pai, que sempre trabalhou com pintura residencial de forma autônoma, teve sua renda diretamente afetada pelo contexto pandêmico. Sua mãe atualmente é dona do lar, realidade anterior a pandemia, mas durante muitos anos, trabalhou como auxiliar de serviços gerais em empresas.

Sobre a estabilidade financeira de sua família, Rafael admite episódios de instabilidade econômica *“não posso dizer que tem uma estabilidade financeira não. Sempre foi assim e em certas épocas foi pior”* (RAFAEL).

O entrevistado afirma, inclusive, que as condições econômicas de sua família impulsionaram-no a conciliar trabalho e estudo durante o período em que cursava o ensino médio: *“Eu comecei a trabalhar foi na adolescência, é comecei a trabalhar com meu pai mesmo, ia ajudar ele, não era um trabalho remunerado tava ajudando a casa e tudo, mas ia com ele dar um mão”*. (RAFAEL).

No que se refere ao capital cultural legitimado e certificado pela instituição escolar, os seus avós maternos moravam em zona urbana, sua avó era analfabeta e dona do lar, seu avô tinha o ensino fundamental completo e trabalhava numa empresa de veículos.

Seus avós paternos viveram muito tempo em zona rural, mas mudaram-se para a zona urbana no fim da vida, ambos têm o ensino fundamental completo, sua avó era dona do lar e seu avô autônomo.

Seu pai é o caçula de sete irmãos e cursou até a quarta série da época e sua mãe é a segunda filha de um total de sete irmãos e tem o ensino fundamental incompleto.

De acordo com o entrevistado, ambos não prosseguiram com os estudos devido as condições socioeconômicas.

O nível de escolarização dos tios de Rafael não passa de ensino fundamental completo, enquanto alguns de seus primos atingiram o nível superior de ensino e outros o estão cursando.

Rafael é o mais velho de três irmãos, possui um irmão e uma irmã que é caçula, ambos possuem o ensino médio completo

Sobre alguém de sua família ou vizinhança exercer alguma atividade intelectual que lhe despertara atenção, o mais próximo que Rafael se recorda é um vizinho de seus avós que era professor *“Tinha um vizinho da, dos meus avós maternos que ele era professor tal e me despertou um pouco de interesse sim, a carreira acadêmica dele, mas era um vizinho dos meus avós maternos”* (RAFAEL).

Os amigos de Rafael, geralmente, eram os mesmos da escola do bairro onde morava, portanto, muitas vezes além de colegas de escola, eram também seus vizinhos e alguns deles seus primos.

Rafael conta que era incomum ocorrerem práticas culturais tais como frequência a museus, idas cotidianas a cinemas, teatro, galerias de arte, viagens, leitura de livros etc.

Sobre os programas e passeios em família, relata que o mais corriqueiro era ficar sentado com sua família na calçada de casa conversando e brincando com seus vizinhos. O entrevistado afirma que seus pais valorizavam a escola e desejavam que os filhos tivessem um nível de escolarização maior do que eles próprios puderam ter:

Eu acho que principalmente em relação a estudo né, embora eles nunca incentivaram muito assim ao estudo, mas eu acho que eles, queriam que eu ao menos terminasse né o ensino médio, tal, tivesse um pouco mais de, um pouco mais de educação assim no quesito escolar, no quesito... educação mesmo.
(RAFAEL)

Desse modo, seus pais se fizeram presentes na vida escolar de Rafael e seus irmãos *“Sim, era sim, sim minha mãe nunca perdeu reunião, é ajudava na tarefa dentro do que ela sabia né, que podia ajudar”* (RAFAEL).

O entrevistado relata ainda que havia a cobrança de bom rendimento escolar por parte de seus pais, principalmente, nas disciplinas de português e matemática

Ah sem dúvida português, português e matemática. Então eu não vou saber te dizer o porquê eles achavam importante mas tipo, sempre foram as matérias que eles mais incentivaram assim sabe, mais perguntavam, tipo português e matemática é tinha que ter nota boa sabe, as outras até passava, mas português e matemática eles sempre fizeram questão de, de ter notas melhores (RAFAEL).

Além disso, seus pais sempre valorizaram as normas, regras e disciplinas impostas pelas escolas que frequentou “*olha eles, eles concordavam com, com as normas escolares com tudo e eles respeitavam bastante tudo que a escola colocava né, e, eu tinha que seguir a risca né, porque eles achavam que era importante todas as normas como a escola, colocava as normas e tudo mais*” (RAFAEL).

Apesar da valorização dos estudos, cursar o ensino superior não se mostrava como um futuro esperado:

Então é como eu falei eles nunca assim me incentivaram a, tipo a fazer uma faculdade né, você tem que fazer isso, fazer aquilo, mas na medida do possível, eles acharam que era importante eu tá estudando pra, pra adquirir conhecimento, é... no entanto que eles, eles pegavam no pé também quanto a lição, essas coisas, eu acho que dentro do possível do que eles eram capazes naquela época eles até incentivaram sim, não incentivaram no motivo de vida acadêmica mas, do ensino fundamental e médio incentivaram sim (RAFAEL).

Conforme pode-se verificar, seus pais aparentam não possuir muitos conhecimentos sobre o sistema de ensino, bem como sobre os cursos e faculdades de maior prestígio.

Tal fato é reafirmado quando o entrevistado é questionado sobre de onde adquiriu o leque de informações apresentadas sobre universidades, vestibulares e cursos mais prestigiados e atribui parte ao ensino médio e, mais significativamente, aos cursos pré vestibulares que frequentou e conta que seus pais nunca lhe deram orientações a esse respeito “*não, não. Meus pais, não, não eles nunca se preocuparam com isso não, principalmente nesse quesito sabe de, de ganhar dinheiro, eles nunca falaram pra mim: ah você tem que fazer um curso que você vai ganhar dinheiro, não, nunca falaram isso*” (RAFAEL).

Trajetória escolar

A trajetória escolar de Rafael iniciou-se na educação infantil e foi marcada por um bom rendimento intelectual, sem reprovações e/ou interrupções, além de um histórico de boas relações com seus colegas e professores.

O entrevistado conta que sempre foi um aluno estudioso e bem comportado, afirma que sempre gostou de ir à escola, além do mais, sentia que seus professores gostavam dele “*Sempre tive uma relação boa com eles também, nunca, nunca fui expulso da sala de aula eu tinha uma relação boa com eles, eles conversavam bastante comigo também, acho que eles gostavam de mim também, mas eu não dava trabalho não, era bonzinho*” (RAFAEL), e ainda:

Sim, os professores sempre deram muitos conselhos, de tudo né? Tanto da vida, quanto é desde conselhos da vida triviais é, tipo coisas do cotidiano mesmo, é até mesmo conselhos da educação né, que carreira seguir, o que fazer, eu considero que tive professores que me ajudaram bastante. (RAFAEL).

Apesar de uma boa relação com os colegas durante sua trajetória escolar, quando questionado sobre o que não gostava na escola, Rafael faz referencia a situações corriqueiras de bullying:

Eu não gostava da, da parte do bullying das crianças, eu achava terrível isso, sofri um pouco com isso também, nossa, mas era horrível, eu acho que não há uma criança que foi pra escola e nunca sofreu bullying acho que são raros os casos, eu acho que essa parte era bem difícil (RAFAEL).

Seu desempenho escolar sempre foi muito bom em todas as disciplinas, em especial nas das áreas de humanas como português, história, geografia e artes, e precisava se esforçar um pouco mais para ter um bom rendimento nas disciplinas de exatas.

No decorrer da trajetória escolar de nível básico, é possível observar que a escola oferecia atividades diferenciadas como visita a museu, exposição, biblioteca, teatro que conforme explicitado anteriormente, não eram comuns em seu cotidiano:

Sim, com certeza. No entanto como eu tava falando com você é, acho que um dos meus primeiros contatos com cinema, teatro, museu, foi tudo a escola que proporcionou, se não tivesse a escola, talvez teria tido bem mais tarde esse contato. A geralmente era um dia no ano né, um dia ou dois dias no ano que tinham essas atividades não era uma regularidade assim, é, não era mensal, demorava um pouco pra acontecer, mas tinha mais ou menos uma ou duas vezes por ano (RAFAEL).

Seu contato com um museu pela primeira vez deu-se ainda quando criança, com cerca de doze anos, por meio da escola, assim como seu primeiro contato com o teatro:

Eu lembro que, eu lembro até hoje é, eu, eu fiquei muito impactado porque tinha alguns ossos de dinossauro assim bem mínimo sabe, mas eu achei bem, bem legal isso porque eu sempre gostei dessas coisas de dinossauro, paleontologia também, eu acho que foi o que mais me impactou no, no museu foi isso, na época que eu fui né, quando eu era criança (RAFAEL).

E ainda:

Sim, várias vezes. Foi a escola também, eu acho que quem me iniciou nessa parte cultural, artística acho que foi tudo a escola e foi no ensino fundamental ainda. Olha o teatro foi, foi uma, uma experiência bem diferente assim, porque uma coisa é você assistir alguma coisa na televisão referente ao teatro, outra coisa é você viver o teatro ali em si né, aquele contato do ator com o público me fez enxergar de uma maneira diferente, acho que por isso que fiz artes, eu acho que, que me impactou muito esse contato do teatro assim (RAFAEL).

O entrevistado não relata o contato com muitas obras de arte por meio da disciplina de educação artística, mas recorda-se do contato com obras por meio de visitas a museus proporcionadas pela escola.

Por meio da disciplina de educação física, Rafael teve contato com esportes como vôlei, handball e basquete que eram diferentes para ele que só conhecia até então futebol.

Com relação a música, Rafael relata que no quarto ano recorda-se da professora ter-lhe apresentado a música Pedro Pedreira de Chico Buarque, “*eu acho que foi ela que me ensinou a gostar tanto de MPB desse jeito e acho que o primeiro contato foi esse, foi na, na quarta série no entanto que eu lembro até a música*” (RAFAEL).

As escolas que frequentou sempre possuíam bibliotecas, que foram muito utilizadas por ele, recorda-se de que a escola lhe apresentou diversos gêneros literários e obras da literatura clássica dentre elas cita: A moreninha, Dom Casmurro e Memórias póstumas de Brás Cubas.

Rafael concluiu o ensino médio em dois mil e quatro. Durante o ensino médio, relata ter tido algumas orientações a respeito do ensino superior e cursos de graduação por meio de seus professores, recorda-se inclusive de ter feito alguns testes vocacionais neste período.

Entretanto, ao final do ensino médio, Rafael recorda-se de que não tinha nenhum objetivo e conta que se sentiu desorientado naquela época:

De inicio, é, os professores falavam né já quando cê tava no, no final do ensino médio, eles falavam de faculdade, ta, é de imediato eu não tive, tanto que eu fiquei três anos da minha vida sem estudar, sem anda, foi uma fase que eu tava bem perdido assim, eu não sabia que rumo tomar, é uma fase ruim né? Cê tá saindo da adolescência e você não sabe que rumo tomar, cê num sabe com o que você vai trabalhar, o que você vai estudar, eu acho que é uma época de muita confusão, principalmente essa época quando a gente ta terminando e antigamente era, era diferente eu acho que não tinha, talvez era diferente e numa classe socioeconômica mais parecida com a minha, onde a gente não tinha tanto incentivo assim, não era tão falado pelo menos em casa né? Na escola era falado tinha uns testes vocacionais tal, mas eu confesso que no final do ensino médio eu fiquei bem perdido assim e eu demorei bastante tempo pra colocar a casa mental em ordem pra poder decidir o que eu ia fazer (RAFAEL).

Observou-se que práticas culturais não eram comuns no cotidiano de Rafael e que a escola lhe apresentou um primeiro contato com estas, tais como visitas a teatros e museus, influenciando sua inclinação para o campo das artes e, inclusive, seu gosto musical.

A escola apresentou a Rafael um capital cultural legitimado nas áreas de artes e literatura e foi um espaço importante pra manutenção do seu habito de leitura, uma vez que a situação econômica de sua família não permitia a aquisição de muitos livros, além de informações ainda que sumárias sobre ensino superior durante o percurso de Rafael no ensino médio.

PERCURSO ACADÊMICO

Para melhor compreensão da trajetória acadêmica de Rafael, é necessário ressaltar que seu percurso acadêmico é composto por quatro momentos.

Sendo uma primeira passagem muito rápida pela universidade pública, na qual o agente permaneceu no curso de licenciatura em Artes por cerca de um mês e desistiu devido a complicações financeiras.

Anos depois, na trajetória do agente, há o ingresso em outro curso de ensino superior em universidade pública onde permaneceu cerca de um ano, desse modo, a análise do agente estará pautada nessa segunda experiência, por ter sido a de maior tempo, sendo possível extrair mais dados.

O terceiro momento refere-se a sua licenciatura em artes visuais em uma instituição privada de ensino superior na modalidade de ensino à distância, já concluída da qual nos pautaremos para a análise.

O quarto momento refere-se à segunda graduação que Rafael está prestes a concluir, se tratando de uma licenciatura em filosofia, entretanto, por não ter sido concluída, ainda não entraremos em maiores análises dessa formação.

IES Pública

Passados três anos da conclusão do ensino médio, Rafael começa a fazer cursos pré-vestibulares populares, após cerca de mais de três anos, é aprovado no Vestibular de uma Universidade Pública Estadual para o Curso de licenciatura em Artes numa outra cidade.

Sendo assim, decide juntar suas economias provenientes do emprego como cartazista no supermercado e seguir para a nova cidade.

Todavia, além da universidade não possuir um programa de moradia estudantil, o mesmo foi surpreendido com um aumento inesperado em seu aluguel, com despesas maiores do que o previsto e sem perspectiva de emprego, Rafael acaba decidindo abandonar o curso cerca de um mês após seu ingresso:

[...]Daí fui, fui morar com, é tava dividindo uma kitchenete com um, um conhecido meu que fazia engenharia elétrica na época, daí mas só a kitchenete já era quinhentos reais já pra dividir em dois, só que daí deu um “B.O” também porque o proprietário da kitchenete já queria que nós dois pagássemos quinhentos reais e não dividíssemos, daí ficou meio que inviável também né, mas ficou muito, muito difícil, porque além de não ter moradia, também não tinha uma, uma renda, meus pais não podia me bancar lá também e não ia dar tempo de conseguir uma bolsa pra estudo, então ficou muito mais inviável Bauru do que aqui, no entanto que em Bauru eu não consegui ficar lá muito tempo não, fiquei um mês e pouco e já tive que voltar, mas lá foi bem legal (RAFAEL).

Após a desistência do curso de artes, Rafael tenta novamente o vestibular e em dois mil e onze, ingressa no curso de Licenciatura em Ciências Sociais numa IES pública estadual em sua cidade, onde permaneceu até o final do mesmo ano.

Rafael relata ter ficado muito feliz por ter passado no vestibular, assim como seus pais “*fiquei bem feliz quando eu passei porque a gente, eu estudei pra caramba né? fiz cursinho atrás de cursinho e eu fiquei bem feliz quando eu passei, eu tinha, tinha varias, como se diz? Tinha varias expectativas pelo curso*” (RAFAEL).

De acordo com o entrevistado, seus pais não apresentavam nenhuma opinião formada a respeito da universidade pública:

Não, eles nunca opinaram muito em relação a faculdade, eu acho que eles me apoiavam sabe, se eu queria fazer tal curso, sempre me apoiaram, independente se fosse particular ou pública, eles apoiavam, não era uma meta de vida, não me pressionaram pra isso, mas a partir do momento que eu passei eles ficaram felizes e me apoiaram sim (RAFAEL).

Rafael considera que os conhecimentos apreendidos por meio dos cursos pré-vestibulares foram muito mais significativos que os da escolarização básica, tanto para seu ingresso (por meio do vestibular), como para uma melhor compreensão dos conteúdos do curso:

Eu acho que embora eu tenha, o meu ensino médio no primeiro e segundo ano eles foram muito bons, mas eu acho que ainda sim foi deficiente, no entanto que eu só consegui passar no, no vestibular porque eu tive um cursinho, eu acho que o cursinho me deu muito mais assistência do que, é claro né que no decorrer da escola a gente entende as coisas não desmerecendo, mas eu acho que o que mais me deu ferramentas pra passar no vestibular foi o cursinho (RAFAEL)

O que Rafael mais gostava no curso eram das aulas de política que descreve como “puxadas” devido a quantidade de leituras, mas não mede palavras para elogiar a didática do professor, apesar disso, foi uma das disciplinas em que o entrevistado teve reprovação durante o curso.

Dentre as disciplinas que obtinha o melhor rendimento no interior do curso, ele cita Sociologia, antropologia e história.

Rafael conta que teve uma boa relação com os colegas, sem histórico de conflitos e desavenças, inclusive, relata manter contato com alguns até os dias atuais. Seus colegas de curso são descritos por ele como pessoas em sua maioria com melhores condições financeiras que a sua, diferentemente dos colegas que teve durante sua trajetória da escolarização básica.

De acordo com os relatos do entrevistado, boa parte de seus colegas de curso não precisavam conciliar trabalho e estudo como ele.

A relação de Rafael com os professores é caracterizada como uma relação sem muita proximidade, mas ressalta que estes se mostravam solícitos “na medida do possível” (RAFAEL).

Quando questionado sobre a linguagem dos professores, afirma que alguns tinham uma linguagem mais acessível e outros menos, e relata a experiência que teve com um professor estrangeiro que ministrava uma disciplina do curso que, segundo o entrevistado, falava uma

espécie de nas palavras do mesmo “*portunhol*”, o que dificultava a compreensão do mesmo sobre o conteúdo desta disciplina.

Rafael afirma ter tido conhecimento de atividades culturais oferecidas pela universidade e, como exemplo, cita atividades que envolviam musicas e palestras, mas relatou não frequentar tais atividades, devido a restrição de horários imposta pelo seu emprego “*Olha por conta do trabalho geralmente tinha muita coisa em horário inverso então eu não participei muito disso, então eu fiquei meio alheio, mas eles sempre divulgavam, sempre falavam, mas por conta do trabalho eu não participei muito não*”. (RAFAEL).

Rafael frequentava o curso no período noturno, trabalhava na cidade vizinha das 08:00 horas as 17:00 horas, voltava para sua cidade, tomava banho, jantava rapidamente, pegava carona com seu irmão para chegar a universidade e só retornava para casa após as 22:30 horas, momento em que tentava colocar a matéria em dia antes de ir dormir “*Mas é aquela né, cê já tava bem cansado né, depois que você chegava, depois das dez e meia da noite colocar a matéria em dia muitas vezes eu dormia com o livro em cima da cabeça porque não dava não, não dava conta*” (RAFAEL).

O entrevistado afirma ter gostado muito do curso de ciências sociais, e não poupa elogios para a estrutura da universidade, aos conteúdos do curso e a qualidade dos professores, também relata não ter tido diretamente problemas de ordem financeira, uma vez que tinha poucas despesas com o curso, que podiam ser custeadas com o seu próprio dinheiro.

Entretanto, considera que conciliar trabalho e estudo foi a maior dificuldade enfrentada por ele:

Olha, é... tive sim, tive dificuldade psicológica é... e financeira também né porque querendo ou não, não podia largar o trabalho pra poder me dedicar totalmente ao curso e isso me deixou muito mal sabe? Porque não era uma coisa que eu queria ter parado, é uma coisa que eu fui condicionado a isso, eu acho que não tive, não tive escolha. Ou eu parava ou eu não ia ter mais a minha sanidade mental (RAFAEL).

Rafael diz não ter conhecimento sobre a universidade oferecer tratamentos médicos e/ou psicológicos, mas afirma ter tido ciência sobre políticas de permanência oferecidas que poderiam auxiliá-lo como o recurso financeiro.

Conta que chegou a procurar maiores informações sobre as bolsas ofertadas programa de Educação Tutorial, entretanto, o valor oferecido pela bolsa era insuficiente para que ele pudesse optar em deixar seu emprego remunerado.

Durante o segundo semestre do curso, Rafael afirma ter tido muitas faltas e que seu rendimento no interior no curso havia decaído, assim, a dificuldade de conciliar trabalho, aliada ao rendimento abaixo do esperado, teriam impulsionado sua desistência:

Foi o problema socioeconômico de, de trabalhar de estudar, de não ter tempo pra me dedicar é... eu acho que foi uma pena assim de ter que escolher entre a faculdade e o emprego, eu acho que isso foi o que mais pegou. Eu parei a faculdade pública por causa disso, porque eu não conseguia conciliar trabalho com estudos, eu sei que tem muita gente que consegue e tal é, daí as pessoas falam: “é mas as pessoas conseguem, trabalha e estuda de madrugada” mas eu acho que é romantizar um pouco isso né? Eu acho que a gente não pode romantizar esse problema que o aluno mais carente tem, eu acho que, que é um problema isso, é um problema porque é muito difícil uma pessoa conseguir trabalhar e estudar, claro que tem as pessoas que conseguem, mas, eu acho que são exceções (RAFAEL)

Seus pais teriam ficado “*chateados*” com a desistência, mas não se intrometeram na decisão do filho, por compreenderem que por conciliar trabalho e estudo sobrecarregavam o filho e este já não estaria “*mais vivendo*”.

Já com relação ao que a universidade poderia ter feito para que fosse garantida sua permanência no curso, Rafael sugere:

eu acho que se eu tivesse uma bolsa maior, não precisava ser o mesmo que eu ganhava no, no meu trabalho né? Se eu tivesse uma bolsa maior talvez eu conseguisse largar o emprego e ter terminado o curso. Mas daí o que eu te falei né, isso aí não depende só disso né? Depende de várias medidas públicas né, que infelizmente hoje em dia tá cada vez pior (RAFAEL).

Após a desistência do curso, Rafael continuou a estudando e prestando vestibulares, e obteve aprovações em duas universidades federais, mas não ingressou em nenhuma, pela dada inviabilidade econômica, já que as universidades se localizavam fora da cidade em que reside.

Observou-se que a necessidade de gerir as condições de subsistência do entrevistado e suas condições econômicas conduziu o entrevistado para dois episódios de desistência em diferentes cursos de universidade pública.

No segundo caso, a necessidade de permanecer em seu trabalho remunerado custava ao entrevistado seu tempo, que o impedia de vivenciar atividades extracurriculares ofertadas pela universidade, e de se dedicar a leitura dos textos acadêmicos, fator que conduziu a um baixo rendimento acadêmico motivando a desistência do curso.

IES Privada

Em dois mil e quinze, exausto da rotina de frequência a estudos pré-vestibulares, Rafael decide aceitar a indicação de uma conhecida com relação a uma IES privada na modalidade à distância e se matricula no curso de licenciatura em Artes visuais, concluído com êxito em dois mil e dezoito sem reprovações e/ou interrupções.

Quando questionado sobre as expectativas ao ingressar no curso, aponta que não eram expectativas muito altas, uma vez que a opção pela faculdade particular foi mobilizada pela perspectiva de ser menos “*puxada*” que a pública, possibilitando-lhe conciliar melhor trabalho e estudo:

olha, é... eu ingressei na particular é porque... uma por causa do tempo né, a expectativa era de ser, ser menos puxado que uma, uma faculdade publica e realmente é bem menos puxado, eu acho que não tem nem comparação é... e também eu tava pagando, pagando um valor, uma valor acessível, não é uma coisa exorbitante de mensalidade e, e como era uma coisa que eu gostaria de fazer, artes, eu falei: “ah eu vou dar uma chance pra faculdade particular e... as minhas expectativas não foram muito altas né, eu sempre tive o pé no chão de saber que, que nunca vai ser, nunca vai ter a estrutura de uma faculdade publica, mas no momento foi o que eu podia, eu podia fazer no âmbito acadêmico (RAFAEL).

Rafael relata ter sofrido preconceito ao ingressar nesta instituição de ensino, uma vez que acredita que um curso na modalidade a distância é bem mal visto socialmente, e afirma que a conclusão deste curso não lhe proporcionou nenhum prestígio social, visto que, em sua percepção, o curso de artes chega a ser “*até mal visto*”.

Ainda assim, o entrevistado afirma que sua formação lhe conferiu prestígio perante sua família “*eu acho que sim, é embora eles não fiquem falando, divulgando mas eu acho que eles sentem orgulho sim, tipo de eu ter concluído a faculdade, as vezes a gente vê eles falando: “ah meu filho se formou tal” eu acho que isso é um indicio que eles gostaram*” (RAFAEL).

Para o entrevistado, a maior motivação para conclusão do curso foi a realização pessoal por ter se formado em uma área da qual sempre gostou, pois tem consciência de que a docência não é uma profissão bem remunerada.

De acordo com Rafael, sua formação no ensino superior não lhe proporcionou um emprego melhor, mas relata que a partir dela surgiram mais oportunidades de emprego, porém

nas palavras do mesmo “*melhor ainda não*”, apesar de ressaltar a realização pessoal, o entrevistado afirma não descartar uma realização profissional futuramente.

Olha... é... emprego melhor não, mas já surgiram algumas oportunidades a mais de emprego, é, mas melhor, um trabalho melhor que o atual ainda não. Ainda não porque também os concursos foram congelados tal, se você tiver que dar aula hoje é só, é só interino é só por contrato, então eu acho que por não ter aberto nenhum concurso faz um bom tempo, então eu acho que isso não abriu a oportunidade de ter um trabalho melhor, mas se um dia eu passar num concurso publico, num concurso estadual com certeza será um trabalho melhor do que eu tenho hoje, mas daí já depende mais do, das políticas publicas né que a gente tem hoje de abrir esses concursos (RAFAEL).

Rafael descreve ter tido uma boa relação com seus professores e colegas, os quais só conheceu virtualmente, mas exalta a solicitude dos professores, se mostrando satisfeito com o curso concluído e a instituição de ensino, mas não completamente, pois considera que sua formação deixou a desejar em alguns aspectos, tanto administrativos, como qualitativos, detalhados a seguir.

O entrevistado descreve sua formação como não ter sido “*mil maravilhas, mas ta ok*” (RAFAEL) conta ter tido problemas de cunho administrativos, e de conteúdos, pois em sua percepção houve disciplinas que “*ficaram muito vagas*”, além de ter tido que lidar com a falta de uma organização prévia com relação a datas de provas e trabalhos que fizeram com que ele chegasse inclusive a perder provas.

Com relação as maiores vantagens que a instituição e a modalidade de ensino poderiam oferecer teria sido com relação ao tempo, tendo a possibilidade de se programar para conciliar os estudos com sua rotina de trabalho.

agora já numa faculdade EAD eu conseguia fazer o meu horário, e, e não perdi a sanidade também por causa disso (risos) é claro que as vezes perder a sanidade numa faculdade publica é bom, é bom naquele instante por um período de tempo né? Mas... não tinha condições e eu tentei, tenho muito pesar de falar isso que eu não consegui terminar o curso mas é com muito pesar porque eu queria muito ter terminado mas realmente eu não tinha estrutura psicológica pra levar o curso até o final, mas ai aquela né? A gente faz o que pode, vai levando como dá (RAFAEL).

Rafael afirma que os conteúdos e metodologias que presenciou na universidade pública foram melhores que os da instituição privada de ensino. De acordo com o mesmo, a IES pública

oferecia maior autonomia para um pensamento crítico, atrelado a vantagem dos professores que “*estão sempre ali*”, enquanto na IES privada, os conteúdos ficaram mais “*vagos*”.

Apesar de enaltecer pontos positivos de uma instituição pública de ensino, Rafael considera que a instituição privada, mais especificamente na modalidade à distância, atende melhor as necessidades geradas pelo seu contexto de vida:

Sim, consegue atender sim, pelo meu contexto de vida na sociedade eu acho que é, pra mim é inviável uma faculdade publica embora eu quisesse muito, ainda tenho planos ainda no futuro de um faculdade publica mas no momento o que me atende é somente uma faculdade particular e especialmente a distância ainda” (RAFAEL).

Observou-se que uma faculdade privada e na modalidade à distância atende as necessidades do entrevistado, uma vez que além de um valor acessível, proporciona maior autonomia para gerenciar sua rotina de estudos.

Nota-se que o agente recorreu a faculdade privada já prevendo maior chance de êxito, apesar de considerá-la com qualidade inferior à de uma pública, desse modo, pode-se inferir essa escolha como estratégia utilizada pelo agente em questão para angariar seu diploma de ensino superior.

É possível inferir também que o desejo do entrevistado por tal certificação está relacionado a expectativa de melhores condições profissionais, uma vez que o mesmo assume não estar plenamente satisfeito com seu emprego atual.

Praticas culturais, de lazer e socialização

Rafael afirma não estar plenamente satisfeito com seu emprego atual, que lhe confere estabilidade financeira, mas não é uma função que deseja exercer pelo resto da vida e que, futuramente, gostaria de atuar com curadoria em museus.

Atualmente, Rafael está cursando licenciatura em Filosofia pela mesma instituição privada de ensino superior e também na modalidade à distância.

Antes de pandemia, Rafael afirma não ter o hábito de viajar, mas frequentava bastante o cinema, tendo como gêneros prediletos dramas e filmes de super heróis. Também costumava frequentar museus e shows musicais.

Conta que visitou o museu da língua Portuguesa em São Paulo e que já frequentou shows musicais de artistas como Chico Buarque, Capital Inicial e Barão Vermelho.

Sua preferência em matéria de pintura e música seriam a Música Popular Brasileira e Van Gogh.

Rafael não tem o hábito de assistir a TV aberta, prefere assistir documentários sociais, políticos e relacionados a arte, afirma também que seu hábito de leitura, o gosto por videogames e o seu acesso a internet foram acentuados devido a pandemia.

Relata ainda que, atualmente, tem muitos livros de sociologia, distopias e clássicos da literatura em sua casa.

Observa-se que comparado ao capital cultural herdado, houve um grau de reestruturação em seu habitus, provavelmente, influenciado pela escolarização de nível básico, os cursos pré-vestibulares e a experiência com diversos cursos de nível superior.

Questões de gênero

Com relação a questões de gênero, Rafael afirma que seus pais definem tanto um homem ou uma mulher bem sucedida da mesma maneira “*alguém que conseguiu ser feliz*” e que o mesmo compartilha dessa perspectiva de seus pais e afirma que as correspondem.

Quando questionado sobre a preocupação de seus pais com seus relacionamentos amorosos responde “*eles sempre se preocuparam em conhecer a pessoa de saber quem era, de ver a procedência, se preocupavam sim*” (RAFAEL).

Rafael conta que seus pais tratam tanto os filhos homens, como sua irmã da mesma maneira, que não se recorda de repressões relacionadas a gênero durante sua infância por parte de sua família.

Em sua escolarização, Rafael se recorda de um episódio em que um colega do gênero masculino foi a escola com uma camiseta cor de rosa e foi repreendido pela professora da turma, que afirmou que aquela era uma cor de menina.

Com relação a informações sobre sexualidade, os pais de Rafael sempre foram francos com relação a essas informações em sua trajetória, conta que a primeira vez que teve informações sobre sexo foi ainda na infância, através de seu pai.

Diz não se recordar de ter recebido algum tipo de educação sexual na escola, a não ser informações superficiais sobre reprodução que integravam a disciplina de biologia.

Rafael concorda que, em sua fração de classe, uma gravidez inviabiliza ou ao menos dificultaria os estudos de uma mulher mais do que os de um homem e afirma acreditar que o machismo permeia o ambiente universitário, mas não se recorda de ter presenciado nenhum episódio de machismo durante sua trajetória no ensino superior.

Por fim, reconhece que as dificuldades para homens e mulheres não são as mesmas tanto na sociedade como na universidade:

com certeza não, eu acho que a mulher tem muito mais dificuldade na sociedade, é muito fácil um homem branco falar que eu sou bem sucedido, uma mulher é bem diferente, é uma outra estrutura, mulher tem que enfrentar o patriarcado, tem que enfrentar diferenças salariais, não ser inserida socialmente, hoje ainda em dia tem mulher que ganha menos que homem, então eu acho que é diferente, tem essa diferença e eu tenho o privilégio de ser homem, de ser branco e eu sinto isso e sei dos privilégios que eu tenho (RAFAEL).

Observa-se que o entrevistado teve uma educação sexual no interior de sua família e apesar de não reconhecer situações de machismo em sua família e trajetória escolar, caracteriza a sociedade enquanto machista.

3.2.3- JÉSSICA

Jéssica tem 28 anos é auxiliar administrativo, formou-se em economia (bacharelado) por uma instituição privada de ensino superior no ano de dois mil e dezoito, atualmente, reside em uma cidade de médio porte do interior paulista com seu namorado que é escriturário.

Jéssica mudou de emprego recentemente, está atuando como auxiliar administrativo no departamento financeiro de uma escola particular que atende da educação infantil ao ensino médio, mas já teve diversos outros empregos desde que começou a trabalhar como operadora de caixa em um supermercado, aos dezessete anos.

Eu comecei a trabalhar com dezessete como operadora de caixa, ai depois eu trabalhei como balconista também de supermercado, e já trabalhei como recepcionista num consultório odontológico, já trabalhei contrato de final de ano em loja de sapato, e fiquei um longo período trabalhando num hospital e agora recentemente eu tô trabalhando numa escola como auxiliar administrativo. (JESSICA).

De acordo com a entrevistada, tanto seu emprego, quanto o de seu conjugue, não foram impactados pelo contexto pandêmico, diferentemente da situação de seus pais.

Os pais de Jéssica são casados. Seu pai é caminhoneiro e ficou desempregado durante a pandemia, e sua mãe, que é diarista, também sofreu impactos econômicos decorrentes da situação “*Sim. O meu pai foi dispensado e a minha mãe por ser diarista também né, então acabou que fica com receio né, de ir até a casa de outras pessoas, então também acabou que diminuindo*” (JESSICA).

Jéssica nasceu e morou até seus dezessete anos em uma cidade de pequeno porte do interior paulista com suas duas irmãs mais velhas e seus pais, mudou-se com sua família aos dezessete anos para a cidade em que reside atualmente.

Sobre sua família de origem sempre ter tido estabilidade financeira ou não, relata que “*antigamente não*” (JESSICA), mas afirma que as condições financeiras de sua família nunca impulsionaram ela ou suas irmãs ao trabalho.

No que se refere ao capital cultural legitimado e certificado pela instituição escolar, seus avós maternos vieram da zona rural e têm o ensino fundamental completo, sendo que seu avô atualmente aposentado exercia a função de caminhoneiro e sua avó era dona do lar, ambos residem atualmente em zona urbana.

Os avós paternos de Jéssica residiam em zona urbana, a entrevistada acredita que sua avó era analfabeta e que seu avô tinha o ensino fundamental, recorda-se que sua avó exercia a função de dona do lar, mas desconhece a profissão de seu avô.

O pai de Jéssica é o filho do meio de um total de cinco irmãos, possui o ensino fundamental incompleto.

Já sua mãe é a filha mais velha de um total de cinco irmãos e possui ensino fundamental completo.

De acordo com a entrevistada, seus pais não prosseguiram os estudos devido as condições socioeconômicas de suas respectivas famílias: “*por conta de estudo mesmo... de ter que trabalhar, sustentar a família, então acabaram não tendo a oportunidade*” (JESSICA).

Jéssica relata que com relação ao nível de escolarização de seus tios, os mais novos no geral cursaram até o ensino médio, alguns inclusive atingiram o nível técnico de ensino e afirma que, atualmente, possui primos com nível superior de ensino completo e alguns que o estariam cursando.

Jéssica e suas duas irmãs mais velhas são formadas pela mesma instituição privada de ensino superior. Suas irmãs são pedagogas e, atualmente, servidoras públicas municipais, atuando na área da educação.

Sobre alguém de sua família ou vizinhança que exercesse alguma atividade intelectual que lhe despertara atenção, a única lembrança vem a mente de Jéssica é relacionada a uma vizinha que fazia o cursinho pré-vestibular “*Olha na época da escola, é... bom eu me interessei por fazer cursinho por ver outra pessoa fazendo*”. (JÉSSICA).

A entrevistada relata que era incomum ocorrerem práticas culturais, tais como frequentar museus, teatro, galerias de arte, etc.

De acordo com a mesma, não costumava haver livros em sua casa, e sobre os programas e passeios em família, afirma que “*Juntos geralmente sair pra comer em uma lanchonete, num shopping.*” (JÉSSICA), também relata que sua família era católica e que tinha o hábito frequentar a igreja com seus pais todo final de semana.

Jéssica recorda-se de algumas viagens em família dentro do estado de São Paulo “*É... até que sim, depois de um período sim. Pra praia, pra Maeda que é um parque*”. (JÉSSICA).

Durante sua infância e adolescência, na sua cidade de origem, seus amigos eram os mesmos da escola e juntos costumavam frequentar o shopping e o cinema.

Jéssica relata que seus pais costumam frequentar reuniões escolares e conversar com os professores e que sabia escrever seu nome antes de ingressar no ensino fundamental, aprendizagem essa que ocorreu em sua casa com suas irmãs e seus pais.

De acordo com a entrevistada, seus pais sempre tiveram conhecimento e foram favoráveis às normas e à disciplina colocadas pelas escolas em que frequentou, e acredita ainda que seus pais valorizavam a escola “*por conta de ser a base do futuro, pra ter um futuro bom.*” (JESSICA)

Com relação a expectativa de seus pais sobre o futuro escolar, tanto dela como de suas irmãs, Jéssica relata que seus pais tinham o desejo de que as filhas cursassem o ensino superior “*aí, eu acredito que eles sempre esperaram que a gente continuasse os estudos sim*”. (JÉSSICA).

Jéssica relata que, durante o período que morou na cidade de pequeno porte, não havia opções de estabelecimentos escolares, entretanto, quando sua família mudou para a cidade vizinha de médio porte (onde reside atualmente), houve a preocupação de sua mãe em escolher uma boa escola e, para isso, contou com a ajuda da madrinha de Jéssica que já morava na cidade.

Desse modo, Jéssica foi matriculada em uma escola mais distante de sua residência, da qual fazia uso do transporte coletivo para chegar *“é minha mãe se preocupou pela qualidade do ensino, não por ser próximo a minha residência”* (JÉSSICA).

Observa-se, aqui, a escolha de uma escola de melhor reputação, enquanto estratégia educativa.

A entrevistada afirma que seus pais não lhe passaram nenhum conhecimento sobre ensino superior, cursos de graduação e profissões mais rentáveis, a entrevistada pontua que tais informações foram obtidas por meio da escola e pesquisas próprias *“Ah foi indo atrás mesmo, internet, professores, fui pesquisando”* (JÉSSICA).

Observa-se, na trajetória de Jéssica, o emprego de estratégias educativas como a motivação aos estudos e a frequência a escolas criteriosamente escolhidas, ressalta-se também, na trajetória de Jéssica, o importante papel de suas irmãs mais velhas que colaboravam com sua educação e aprendizagens escolares.

Trajetória Escolar

O percurso escolar de Jéssica iniciou-se na educação infantil e sempre foi tranquilo, marcado por boas notas, especialmente em português, e matemática, sua disciplina predileta.

A entrevistada relata nunca ter gostado da disciplina de história, mas, mesmo assim, não deixava de ter um bom rendimento nessa matéria também.

Durante a educação infantil ao ensino médio, Jéssica não teve nenhuma reprovação e nenhuma interrupção em seus estudos, e sempre cultivou boas relações com seus colegas e professores, foram raros professores que Jéssica tenha desenvolvido alguma antipatia ou conflito.

Com relação ao desempenho escolar, Jéssica relata maiores dificuldades com os conteúdos de física e química, atribuídas ao fato do período em que houve a falta de professores para lecionar tais disciplinas em sua escola.

No decorrer da trajetória escolar de nível básico, é possível observar que a escola oferecia esporadicamente atividades culturais como visita a museu, exposição, biblioteca, teatro: *“Sim, ah era uma vez, duas vezes por ano”* (JÉSSICA).

Com relação a biblioteca escolar, Jéssica não se mostrou ser uma frequentadora muito assídua, mas se recorda de ter emprestado alguns títulos da coleção Vaga-lume.

Com relação a literatura, a escola a apresentou gêneros como conto e poesia, mas Jéssica não se recorda de muito mais que isso, pois nas palavras da mesma: “*sou péssima em literatura, não vou saber te responder*” (JESSICA). Dessa forma, também diz não se recordar de obras literárias e/ou autores que a escola lhe tenha apresentado e que tenham lhe agradado.

Foi por meio da disciplina de educação artística/artes que Jéssica teve contato com obras de arte, mas não se recorda quais, entretanto, para ela, esse contato representou “*algo diferente pra cultura*” (JÉSSICA). Enquanto isso, a disciplina de educação física proporcionava a entrevistada aulas semanais de Karatê.

Jéssica concluiu o ensino médio no ano de dois mil e onze e relatou, naquela época, ter o objetivo de passar na faculdade. Sobre os fatores que contribuíram para constituição desse objetivo, tem-se o incentivo gerado pelas irmãs mais velhas e a aspiração por um emprego satisfatório “*Pelo fato das minhas irmãs já estudarem, né no ensino superior, e pela vontade de continuar os estudos pra poder ter um emprego bom*” (JÉSSICA).

Assim, Jéssica frequentou as aulas de um curso pré-vestibular popular e gratuito de sua cidade, tendo como sua primeira opção de curso a graduação em Administração pública.

Observa-se, na trajetória escolar de Jéssica, um bom desempenho acadêmico incentivado pela estratégia de motivação aos estudos proveniente de seus pais e a contribuição de suas irmãs mais velhas.

A escola apresentou a Jéssica um capital cultural legitimado nas áreas de artes e literatura, com visitas a museus e teatros que não eram comuns em seu cotidiano.

Era por meio da escola, também, que Jéssica tinha acesso a bens culturais como livros de literatura por meio da biblioteca escolar, que também não era algo comum à sua realidade.

PERCURSO ACADÊMICO

IES Pública

Após prestar dois vestibulares, Jéssica ingressou numa universidade pública Federal no curso de licenciatura em Matemática, no ano de dois mil e treze, por meio do ENEM e fez uso da política de reserva de vagas para alunos oriundos de escola pública.

Apesar deste curso não ser a primeira sua opção, Jessica relata ter ficado muito feliz com a aprovação, assim como seus pais “*Ah eu fiquei muito feliz por ser uma universidade pública, por*

ser bem conceituada, acredito que seria uma nova experiência. Eles ficaram bem felizes também” (JÉSSICA).

Seus pais acompanharam-na para conhecer o campus universitário, que não estava situado na mesma cidade em que residiam, mas na cidade vizinha. Jéssica descreve um sentimento de encantamento por parte de todos *“Ah bem bonito, grande, é bem diferente do que a gente “tava” acostumado a ver”* (JÉSSICA).

Inicialmente, Jéssica enfrentou problemas financeiros para frequentar o curso, pois precisava utilizar três ônibus para chegar até o campus, porém, logo foi contemplada com a moradia estudantil e um auxílio financeiro da universidade *“Financeira eu tive muita ajuda da universidade, eu consegui bolsa alimentação, moradia, bolsa auxílio, é... de pesquisa, não pesquisa era tipo um trabalho dentro do campus lá e ganhava um bolsa auxílio”* (JÉSSICA).

Ainda com relação a moradia *“A moradia era, é ótima, excelente a estrutura, é não, não tinha o que reclamar não”* (JÉSSICA).

Jéssica relata uma boa relação com seus colegas e que fez amizades durante o período que permaneceu no curso. De acordo com a mesma, seus colegas de curso compunham um corpo estudantil bem diversificado *“olha, tinha pessoas acho que de todas as classes, mas acho que a maioria era média, mas tinha pessoas de classe alta, tinha pessoas também de classe bem baixa. Eu acho que era meio dividida minha turma até”* (JESSICA).

Com relação aos professores, Jéssica também relata uma boa relação com todos no geral *“eram bons, sempre que precisava eles “tavam” prontos pra te atender, marcavam um horário fora da aula, a gente tinha um bom relacionamento”*. (JESSICA).

Com relação a linguagem dos professores, relata que alguns era mais didáticos outros menos *“olha... alguns eram bem didáticos, mas tinha alguns que tinham dificuldade eu acho, de uma linguagem mais técnica”* (JESSICA).

Durante o período que permaneceu no curso, a rotina de Jéssica consistia em aulas pela manhã e o trabalho dentro da universidade, pelo qual ela recebia a bolsa no período da tarde, aos finais de semana, voltava para a casa de seus pais.

A entrevistada conta que, naquela época, não havia nenhuma preocupação de ordem externa aos estudos que a afligisse.

Jéssica tinha conhecimento sobre a oferta de atividades culturais aos alunos pela universidade, mas afirmou não ter participado de nenhuma. Também não participou de nenhum

projeto de pesquisa ou extensão, mas afirma que teria interesse em participar de programas de intercâmbio para o exterior, caso tivesse permanecido no curso.

A entrevistada relata ainda que a universidade oferecia também auxílio médico, entretanto, a mesma nunca precisou fazer uso.

O rendimento acadêmico de Jéssica, logo de início, ficou abaixo do que ela esperava, de acordo com a mesma, suas expectativas iniciais ao ingressar neste curso *“Bom... eu acreditaria que seria um pouco mais fácil, é... e que seria uma nova experiência, minhas expectativas era que ia me formar”* (JESSICA).

Mesmo gostando do curso, da moradia, colegas e professores, Jéssica apresentou dificuldades acadêmicas *“Do curso, eu gostava das aulas de exatas eu só não me dei bem (risos), mas eu gostava, eu gosto disso, dessa parte de exatas”* (JESSICA).

Apesar da declarada inclinação para exatas, durante o curso Jéssica obteve melhor desempenho nas disciplinas de humanas *“Eu não vou lembrar exatamente os nomes, mas as de humanas. Por conta... não sei por eu ter mais facilidade talvez, ou por ser menos complexa, sei lá”* (JESSICA), e relatou ter tido maiores dificuldades com as disciplinas de geometria analítica e cálculo.

A entrevistada acredita ainda que as aprendizagens obtidas durante a escolarização básica não contribuíram para um melhor desempenho ou compreensão dos conteúdos deste curso.

Com dificuldades de acompanhar o curso e a sucessão de reprovações, Jéssica decide interromper o curso *“Pelo fato de eu não tá acompanhando, então eu vi que realmente ia ser uma coisa assim meio que não, não, não, talvez não impossível, talvez eu teria conseguido mas é... iria demorar um pouco mais que o esperado, então eu acabei que optando por desistir”* (JÉSSICA).

A decisão da desistência foi apoiada pela mãe pelo fato de Jéssica poder voltar pra casa *“Sim. Bom a minha mãe acho que pelo fato de tá morando fora, ela queria que eu voltasse pra casa, e também porque eu teria outras chances né, então”* (JÉSSICA).

Antes da desistência, a entrevistada conta ter cogitado a possibilidade de transferência para uma instituição em sua cidade, ou para o curso de Administração pública, porém, na época, não havia processos de transferências abertos.

Apesar do ocorrido, Jéssica não poupa elogios à universidade *“Ah, é uma faculdade excelente! Não tem o que reclamar, acredito que estrutura é bem, é bem adequada, ensino é bem*

adequado, bem renomeado, tanto que tinha pessoas de todo o Brasil, tinha aluno da minha sala da Bahia, então é uma faculdade bem conceituada” (JÉSSICA).

Com relação ao curso *“O curso? O curso era bom também, o problema mais foi eu mesma não o curso, o curso eu acredito que era um curso excelente” (JÉSSICA).*

Com relação ao que poderia ser feito pela universidade para garantir sua permanência no curso, a entrevistada acredita que nada pode ser feito.

Foi possível observar que o êxito escolar relatado por Jéssica, inclusive nas disciplinas relacionadas a exatas durante sua escolarização básica, não lhe serviu como base para um bom desempenho e melhor compreensão dos conteúdos do curso em questão e que as dificuldades acadêmicas conduziram a entrevistada a desistência do curso.

IES privada

Após a desistência deste curso, Jéssica retorna a sua cidade e se concentra em conseguir um emprego.

No ano de dois mil e quinze, foi aprovada em um vestibular por meio do PROUNI e, assim, ingressa no curso de ciências econômicas (bacharelado) na modalidade presencial numa instituição de ensino superior privada de sua cidade, a mesma pela qual suas irmãs mais velhas haviam se formado (em pedagogia).

Além do desconto de cinquenta por cento na mensalidade obtido pelo PROUNI, Jéssica também foi contemplada com mais um desconto de quarenta por cento da própria universidade, restando a mesma o custeio de dez por cento do valor integral.

Quando questionada sobre suas expectativas com relação ao curso *“Minhas expectativas era de eu me formar e não desistir de novo e depois futuramente conseguir um emprego bom, melhor né” (JESSICA).*

Diferentemente do relatado sobre o curso anterior, dessa vez Jéssica afirma que os conteúdos apreendidos durante sua escolarização básica contribuíram não só para o ingresso no curso, mas também numa melhor compreensão dos conteúdos do curso de ciências econômicas, favorecendo seu êxito acadêmico.

Jéssica conta ainda que teve um bom rendimento em todas as disciplinas, apenas uma ou outra exigiu da entrevistada um pouco mais de esforço o que levou a sua conclusão no ano de dois mil e dezoito, sem reprovações e/ou interrupções.

Jéssica trabalhava em período integral e frequentava o curso à noite, foi com o salário deste emprego que conseguiu custear as despesas com mensalidade, livros, xérox e transporte decorrentes do curso.

Apesar de seu dinheiro ter sido importantíssimo para que ela tenha conseguido se formar, conciliar trabalho e estudo era uma preocupação externa ao curso que lhe afligia na época: “*Ai, questão de ter que trabalhar né, então era uma preocupação*” (JÉSSICA).

Jéssica avalia que essa situação interferia em sua dedicação pelos estudos, qualificando o fator do tempo enquanto sendo o maior problema enfrentado por ela durante este período “*Acredito que foi a falta de tempo mesmo pra me dedicar mais*” (JESSICA, 2021).

A entrevistada novamente relata uma relação muito boa com seus colegas de curso, constituídos por uma maioria do gênero feminino e pertencentes a classe média, aparentando haver uma maior homogeneidade do corpo discente, diferentemente do relato com relação ao curso de matemática que se constituía por um corpo discente mais heterogêneo.

Também relata uma boa relação com seus professores, caracterizando o corpo docente como constituído por professores solícitos e de se utilizavam de uma linguagem bem didática “*ah sempre foram amigáveis também né, sempre prontos pra atender tirarem duvidas.*” (JESSICA).

A entrevistada afirma que a universidade tinha uma excelente estrutura física, e oferecia atividades culturais aos alunos e cita como exemplo a “*feira do conhecimento e do empreendedorismo*”, afirma também ter conhecimento de que existiam projetos de pesquisa, iniciação científica e extensão, porém a mesma nunca participou de nenhum.

A maior motivação de Jéssica para a conclusão do curso de graduação estaria relacionada a possibilidade de um emprego melhor, nas palavras da mesma “*ser bem sucedida*” na área em que escolheu e acredita que a conclusão deste curso lhe proporcionou prestígio perante a sociedade e sua família.

A entrevistada afirma que após sua formação surgiram oportunidades melhores de emprego e sobre a importância da conclusão deste curso em sua vida responde “*ah... me sinto realizada, por ter conseguido não ter desistido novamente*” (JESSICA).

Com relação a qualidade de sua formação, Jéssica se mostra parcialmente satisfeita “*ai eu acredito também que é, é... vamos dizer... lógico que não é assim uma universidade tipo bem... sei lá... não posso dizer isso... é uma faculdade boa, excelente mas não tão boa quanto seria uma pública, mas eu acredito também que me proporcionou coisas que também não tenho o que reclamar*”. (JESSICA).

Com relação aos dois cursos que frequentou, matemática e economia, a entrevistada afirma que ambos são cursos constituídos por conteúdos bem teóricos, entretanto, caracteriza as disciplinas do curso de economia enquanto “*menos complexas*” (JESSICA).

Com relação aos professores, Jéssica relata ter notado uma postura diferenciada com relação aos docentes da universidade pública “*Acho que... pelo fato de ser uma faculdade privada eu acho que os professores eles é se sentem mais na obrigação de, do aluno aprender.*” (JESSICA).

Apesar de ter tido a necessidade de conciliar trabalho remunerado em período integral e estudo, que acarretava em pouquíssimo tempo para a dedicação de Jéssica pelos estudos, a mesma concluiu o curso sem maiores dificuldades acadêmicas.

Em seus relatos, Jéssica descreve os conteúdos do curso enquanto menos complexos, a didática dos professores que tinha como foco a compreensão dos alunos e uma linguagem menos técnica.

Também afirma a contribuição dos conhecimentos aprendidos durante a escolarização básica numa melhor compreensão dos conteúdos do curso. O que nos leva a inferir que a estrutura e a dinâmica deste curso estariam mais próximas aos de nível de escolarização básica, os quais Jéssica já tinha certa familiaridade.

Praticas Culturais, lazer e socialização

Atualmente, Jéssica relata não ter livros em casa e nem frequentar museus e/ou teatros e shows musicais. Antes da pandemia, Jéssica costumava frequentar o shopping, sair com amigos, visitar seus familiares, ir ao cinema, preferencialmente, assistir filmes de terror e viajar esporadicamente.

Suas viagens mais recentes foram em lugares dentro do estado de São Paulo como: Cidade de Serra Negra, à praia e ao parque Maeda. Jéssica se define enquanto não sendo muito “*ligada*” aos assuntos do campo das artes e com relação à música diz escutar de tudo.

Durante a pandemia, afirma estar acessando mais as redes sociais e assistindo a mais séries. Jéssica mudou de emprego há pouco tempo e diz estar satisfeita e entusiasmada com a nova experiência, relata planos de dar continuidade aos estudos através de cursos de pós graduação e tem como metas de vida “*bom meta profissionalmente é ter uma carreira estável e pessoal construir uma família*” (JESSICA).

Questões de Gênero

Com relação as questões de gênero, Jéssica ainda não têm filhos e acredita que uma gravidez precoce em sua fração de classe inviabilizaria mais os seus estudos do que os de seu parceiro, mas que não os impossibilitaria *“Pelo fato da mulher ter que carregar os nove meses então ela acaba sofrendo mais as consequencias. Mas também eu acho que assim é algo que atrasa um pouco, mas não impossibilita”* (JESSICA).

Jéssica afirma que seus pais se preocupavam com seus relacionamentos amorosos por medo de que ela se magoasse, porém quem mais lhe dava conselhos a esse respeito eram suas irmãs mais velhas que a orientavam para que prestasse *“atenção na forma que a pessoa me tratava”* (JESSICA).

Com relação a orientações sobre sexo e sexualidade, Jéssica descreve que sua mãe lhe informava um pouco sobre o assunto e também suas irmãs mais velhas e algumas amigas.

Além disso, não se recorda de ter recebido nenhum tipo de educação sexual durante seu percurso na educação básica, a primeira vez que se recorda de ter tido informações sobre sexo foi aos quinze anos através de amigas.

Jéssica afirma que seus pais nunca foram de *“rotular coisas”* e que para eles tanto um homem quanto uma mulher bem sucedida são pessoas que trabalham e tem sua própria casa e que ela estaria correspondendo bem a definição de seus pais.

Já para Jéssica, tanto um homem, quanto uma mulher bem sucedida são pessoas que *“Que tenha uma carreira estável, bem remunerado dentro daquilo que goste”* (JESSICA)

Quando criança, Jéssica relata gostar de brincar na rua e andar de bicicleta com suas amigas, e suas irmãs relatam que ela não gostava de brincar com bonecas, mas não se recorda de sofrer repreensão, por conta disso ou por brincar de brincadeiras que fossem consideradas de meninos, por parte de seus pais e nem por nenhuma outra questão relacionada a gênero.

A entrevistada afirma acreditar que se caso tivesse um irmão do gênero masculino, seus pais não o tratariam de forma diferente dela e de suas irmãs.

Jéssica acredita que, antigamente, na época em que cursou a educação básica, os professores e professoras tratavam diferentemente meninos e meninas, mas que *“hoje tratam iguais”*, porém não se recorda de nenhum episódio que ilustre essa diferenciação.

Na universidade, Jéssica acredita que professores tratam igualmente estudantes homens e mulheres e não se recorda de nenhum episódio de machismo ou de sofrer algum assédio durante seu percurso universitário por parte de professores ou colegas.

Entretanto, Jéssica afirma que as dificuldades vivenciadas entre homens e mulheres na sociedade não são as mesmas, nas palavras da entrevistada: “*Não. Porque a mulher ainda tem é muito preconceito contra a mulher, por achar que a gente não é capaz, e pela desigualdade né que ainda existe*” (JESSICA).

Observa-se que, apesar de não reconhecer vivências machistas em sua trajetória, e de acreditar que, atualmente, o mundo é diferente para as mulheres, Jéssica afirma que o machismo ainda é presente na sociedade.

3.2.4- BRUNO

Apresentação

Bruno tem 26 anos é servidor público estadual e reside em uma cidade de grande porte do interior paulista, onde mora com sua mãe em um bairro considerado periférico.

Bruno atua como professor da rede estadual sendo este seu primeiro emprego, formou-se no ano de dois mil e vinte no curso de licenciatura em filosofia por uma instituição privada e confessional de ensino, muito bem conceituada em sua cidade.

A mãe de Bruno, atualmente, trabalha como cuidadora de idosos, mas já trabalhou muitos anos como empregada doméstica e auxiliar de limpeza em empresas e hospitais.

Com relação a estabilidade financeira de sua família, Bruno relata que “*a gente nunca passou assim grandes necessidades de faltar comida e tal, mas também havia momentos em que não dava pra esbanjar.*” (BRUNO).

O entrevistado nunca teve contato com o pai, dessa forma não tem maiores informações sobre o nível de escolarização e profissão de seus familiares paternos.

Bruno não se recorda do nível de escolarização e profissão de seus avós maternos, sabe que sua mãe é a penúltima filha de quatro irmãos e possui o ensino fundamental completo concluído por meio do supletivo durante a idade adulta.

Em geral, o nível de escolarização de seus tios varia de fundamental a médio completo e atualmente, possui primos que já concluíram o ensino superior.

O irmão mais velho de Bruno possui ensino superior completo e já não mora mais com ele e sua mãe.

De acordo com o entrevistado, fazia parte do habitus de sua família, a leitura de jornais e revistas. Relata também que era comum haver livros em sua casa, devido ao fato de morar com uma tia que na época exercia o ofício de inspetora escolar, então, ela constantemente lhe trazia livros infantis da escola em que trabalhava.

Durante sua infância e adolescência, Bruno ia a eventos comuns em seu cotidiano e tinha frequência assídua a igreja e eventos religiosos, bem como reuniões familiares e idas ao shopping. Se recorda também de ter viajado algumas vezes para o litoral paulista com sua família.

O entrevistado relata que esteve em um museu pela primeira vez aos nove anos de idade e quem o levou foi sua mãe, nas palavras do entrevistado *“Eu não... eu não digo nem tanto sobre o acervo, mas me chamou atenção ter um espaço desse na minha cidade que eu poderia ir gratuitamente a hora que eu quisesse”* (BRUNO).

Bruno aprendeu a tocar contrabaixo e percussão ainda que de forma insipiente através das igrejas que frequentou, também revela ter conhecimento básico de Espanhol adquirido através de um curso gratuito oferecido nas dependências de sua escola de ensino médio.

Bruno afirma ter tido dois grupos de amigos, um constituído por moradores de seu bairro que tinham condições socioeconômicas e familiares semelhantes as suas e um segundo grupo de amigos oriundos da igreja que frequentava, dotados de condições de vida distintas a sua.

Eu tive dois grandes grupos de amigos que era os grupos, que era o grupo dos meninos e as meninas lá do bairro que eu morava e que eram os mesmos da escola e que tinham uma condição de vida social e econômica, familiar, mais parecida com a minha, e um grupo de amigos da igreja que eu frequentava, que eu frequentava uma igreja que, de uma determinação que tem historicamente alto poder aquisitivo então eu convivia com crianças e adolescentes da minha idade, mas que tinham um padrão de vida totalmente diferente do meu.
(BRUNO)

Bruno acredita que sua mãe valorizava sua escolarização *“Porque eu acho que ela tentava me dar uma oportunidade, uma educação e até uma mentalidade que ela não teve né”* (BRUNO) para tanto, sua mãe era sempre presente nas reuniões escolares e cobrava que Bruno tirasse nota máxima em todas as disciplinas.

Já com relação as tarefas escolares, encontrava dificuldades para auxiliar o filho uma vez que *“tinha muita coisa que ela nem entendia, nem sabia o que era”* (BRUNO).

Quando questionado sobre as expectativas de sua mãe com relação ao futuro escolar dele e de seu irmão, Bruno acredita que *“Do meu irmão acho que ela não teve muita não, mas... nem da minha, embora minha mãe assim goste de eu ter concluído o ensino superior ela nunca me, me obrigou nem me, me direcionou pra nada, foi espontânea assim a minha escolha”* (BRUNO).

Desse modo, as informações a respeito do ensino superior foram adquiridas pelo entrevistado quase que exclusivamente através da escola, uma vez que sua mãe e/ou familiares nunca lhes informaram sobre universidades, vestibulares, cursos e carreiras rentáveis *“Na escola e eu também sempre fui, fui muito curioso assim eu, eu sabia eu ia atrás dessas informações”* (BRUNO).

Trajetória escolar

Bruno iniciou sua trajetória escolar frequentando o berçário, tanto o berçário como a pré-escola foram cursadas em instituições particulares de ensino, e, a partir do primeiro ano do fundamental, devido a questões financeiras, Bruno passou a frequentar uma instituição pública de ensino que era próxima a sua casa que abrangia tanto ensino fundamental como o médio

Eu acho que quando eu tava no berçário, na pré-escola minha mãe queria que eu tivesse uma formação numa escolinha particular porque ela achava que tinha uma, um ensino melhor ee depois eu fui pro ensino publico até porque a gente não teria, minha mãe, minha tia que me criou não teria condição de pagar não (BRUNO).

No período oposto ao da escola, Bruno ficava no trabalho com sua tia inspetora numa outra escola situada no mesmo bairro e a noite voltava pra casa.

Sua trajetória é marcada por excelentes notas e boas relações, tanto com colegas quanto com professores, apesar de ter sido um aluno agitado e inquieto, não tem recordações de nenhum professor ter se exaltado com ele.

Bruno relata sempre ter gostado muito de ir à escola, principalmente para ver e conversar com seus amigos, revela que apesar das boas notas, nunca foi um aluno estudioso, tinha mais facilidade com disciplinas da área de humanas e menos afinidade com as de exatas *“Eu sempre tive mais sorte do que juízo. Eu nunca tive dificuldade pra assimilar o conteúdo, mas eu fui aprender a estudar de fato, de modo sistemático na universidade”* (BRUNO)

De acordo com o entrevistado, a escola que frequentou oferecia ainda que esporadicamente atividades diversificadas como visita a museus, teatros, exposições, inclusive a primeira vez que o mesmo teve contato com o teatro foi através da escola “*Eu achei.. achei legal, eu gostei e também causou a mesma impressão que o museu causou em mim, é muito mais o fato de ter um evento desse que mais precisamente o espetáculo*” (BRUNO).

Bruno relata que, na disciplina de educação artística, era comum o trabalho com músicas e reprodução de pinturas, nas aulas de educação física, teve contato com esportes pouco praticados, mas nenhum que já não conhecesse.

Com relação a literatura, durante o ensino médio se recorda de ter sido apresentado a clássicos da literatura nacional como Machado de Assis, Cecília Meireles, João Paulo Ribeiro e Lima Barreto, dos quais relata ter gostado bastante.

A escola também possuía uma biblioteca, da qual Bruno “*até que eu ia*” e se recorda de ter emprestado, certa vez, um livro do Cartunista argentino Quino.

Durante o ensino médio, se recorda de ter tido muitas orientações com relação ao sistema de ensino superior:

no ensino médio eu lembro que a gente tinha bastante contato com... eu não digo nem uma orientação vocacional, mas eu lembro que a, as professoras sempre explicavam pra gente como que era o ensino superior essas coisas assim, como que era o vestibular eu lembro de bastante de, de ser ensinado sobre isso.
(BRUNO)

Finalizando o ensino médio, o entrevistado conta que tinha o objetivo de cursar o ensino superior, sobre os fatores que contribuíram para essa escolha, afirma “*eu já naquela idade saber o que era um curso superior e ter o interesse de cursar*” (BRUNO).

Observa-se que os relatos de Bruno promovem a idéia de uma afinidade quase que “natural” com o ambiente escolar, do qual o entrevistado não precisa se esforçar para atender aos valores impostos pela escola, como quando relata que nunca foi um aluno estudioso, mas facilmente obtinha boas notas.

Infere-se que ele possuía um aparente “talento natural para os estudos”, que pode ser entendido como dom ou vocação e está atrelado a reestruturação de *habitus* de Bruno, promovida pela convivência com sua tia, inspetora escolar, que o levava para o trabalho no período oposto ao de seus estudos e que proporcionava ao entrevistado a familiaridade com o

ambiente escolar e o contato com bens culturais presentes na instituição escolar, como livros e jogos pedagógicos.

PERCURSO ACADÊMICO

Para compreender a trajetória acadêmica de Bruno, é necessário mencionar que ela é dividida em três momentos.

O primeiro, ocorre logo após a conclusão do ensino médio, quando Bruno ingressa em um programa piloto de inclusão no ensino superior promovido por uma IES estadual situada em sua cidade, com duração de dois anos, interrompido pelo agente após um ano, tal vivência proporcionou a Bruno um primeiro contato com o nível superior de ensino.

O segundo momento, ocorre após a desistência de Bruno do programa de inclusão para ingressar em um curso de graduação em universidade pública estadual fora de sua cidade, onde o agente permaneceu por cerca de um ano. É sobre este momento que nos debruçamos e pautamos nossas principais análises.

O terceiro momento, refere-se ao curso de graduação de uma universidade privada recém concluído pelo agente.

IES publica

Assim, no final do ensino médio, Bruno presta o ENEM e obtém uma das duas melhores notas de sua escola, dessa forma, é selecionado para participar de um programa de formação interdisciplinar (PROFIS)⁸ superior de inclusão em uma universidade publica estadual de sua cidade.

O programa tinha duração de dois anos e oferecia uma ajuda de custo ao estudante selecionado. Concluindo os dois anos do programa, o estudante teria direito a ingressar automaticamente na universidade no curso de sua escolha, sem a necessidade de prestar o vestibular.

⁸ Curso de ensino superior da UNICAMP, voltado aos estudantes que cursaram o ensino médio integralmente em escolas públicas (municipal, estadual, federal) de Campinas. Objetivando servir de porta de entrada para os cursos de graduação da UNICAMP. O critério de seleção compreende os dois alunos que obtiveram as melhores notas no ENEM da escola em que frequentam.

era um curso integrador assim, os alunos tinham disciplinas introdutórias das mais variadas áreas, desde a medicina até história mas com professores e conteúdos iguais ao da graduação mesmo e ai tem uma ajuda de custo e depois desses dois anos o aluno ele escolhe qual graduação ele quer fazer sempre precisar passar pelo vestibular (BRUNO).

Bruno cursou apenas um ano do programa, pois a única graduação que lhe interessava na época não era ofertada pelo programa que participava, no caso, Ciências Sociais.

O entrevistado conta que nunca fez nenhum curso pré-vestibular ou se preparou para prestar os vestibulares, nas palavras do entrevistado, “*não, nunca estudei pra vestibular nenhum. Eu só chegava lá e fazia a prova*” (BRUNO) e, assim, obteve êxito no primeiro vestibular que prestou para o curso de Ciências Sociais em uma universidade estadual ingressando por meio das cotas de PPI.

Dessa forma, em dois mil e quinze, Bruno ingressa no curso de ciências sociais em uma universidade estadual, a mesma em que sua namorada da época estudava, sendo essa uma das motivações para o desejo de ingressar nessa instituição, localizada numa cidade de médio do porte do interior paulista, dessa forma, o mesmo precisou se mudar para frequentar o curso.

Ao ter a notícia da aprovação no vestibular Bruno, relata ter ficado muito feliz, assim como sua mãe, embora a mesma tenha ficado apreensiva pela pelo fato do filho ter que mudar de cidade, mas para o entrevistado, essa era uma experiência que ele desejava na época.

Com relação as expectativas sobre a universidade e o curso “*foram muito mais pensando num conhecimento intelectual do que trabalho*” (BRUNO). Bruno permaneceu cerca de dois anos no curso, e durante este período, fez uso da moradia estudantil e do auxílio financeiro socioeconômico, ofertados pela universidade.

Sobre a experiência com a moradia estudantil, o entrevistado conta que o bloco em que permaneceu não tinha problemas estruturais e que, no geral, a relação entre os moradores era pacífica, porém ressalta que essa não era uma característica comum a todos os blocos.

Com relação a universidade e o curso, Bruno não poupa elogios para a estrutura do campus e sobre a qualidade do curso, afirmando que, inclusive, estudaria novamente nessa instituição, numa possível oportunidade de pós graduação.

As despesas que Bruno tinha com o curso eram apenas cópias xerocopiadas de textos ou livros, mas relata que, em sua maioria, podiam ser dispensadas, uma vez conseguia acesso aos textos e livros por meio da biblioteca da universidade.

Para complementar a renda obtida através do auxílio socioeconômico e custear suas despesas, Bruno relata ter realizado trabalhos informais.

Durante o tempo que frequentou o curso, o restaurante universitário estava suspenso, algo que dificultava a rotina de Bruno e, indiretamente, impactava seu rendimento no interior do curso *“de não ter um restaurante universitário me preocupava muito com a alimentação assim, é tem que comprar, tinha que cozinhar, não podia deixar faltar se tivesse um restaurante universitário eu me preocuparia com coisas mais pontuais assim.”* (BRUNO).

Quando questionado sobre o que mais gostava no curso, responde que de seus colegas e que, inclusive mantém contato com alguns até os dias atuais. Seus colegas de curso são caracterizados por ele enquanto em sua maioria brancos, sendo uma parcela detentora de condições financeiras melhores que as suas, e a outra era constituída por estudantes que, como ele, vinham de outras cidades.

Bruno descreve a linguagem dos professores como *“acadêmica”*, mas ressalta que isso nunca lhe gerou nenhum constrangimento, pois tinha consciência de que essa era a linguagem adequada para o ambiente.

Comenta que tinha uma relação tímida com seus professores e relata um episódio de racismo vivenciado contra ele por parte de um dos docentes.

O entrevistado considera que os conhecimentos adquiridos durante sua escolarização de nível básico contribuíram para seu êxito no vestibular, bem como para uma melhor compreensão dos conteúdos do curso, em especial, os conhecimentos adquiridos de história, geografia, sociologia e filosofia.

No decorrer do curso universitário, Bruno obtinha melhor desempenho das disciplinas das áreas de filosofia e sociologia, e maior dificuldade na disciplina de política.

Durante o período nessa universidade, Bruno não considera que foi um aluno estudioso e adquiriu várias reprovações. Quando questionado sobre o motivo das reprovações, atribui a si toda a culpa.

Quando questionado sobre como era sua rotina neste período *“Eu acordava, ia pra aula voltava pra moradia, fazia comida ou se já tinha comida pronta né, ficava muito com a 84 minha namorada e eu tentava estudar em alguns períodos que eu, que eu via mais animo que eu via mais sentido nas aulas eu estudava e saia com alguns amigos”*. (BRUNO).

Bruno relata que a universidade oferecia atividades culturais aos alunos e se recorda de ter frequentado alguns eventos desse gênero relacionados a biblioteca e relata não ter participado de nenhum projeto de extensão ou pesquisa durante este período.

Contou ter conhecimento de que a universidade ofertava programas de intercâmbios para o exterior, mas afirma nunca ter tentado. Sobre as dificuldades durante esse período, Bruno ressalta as de ordem financeira, cujas quais teve o apoio da universidade para contorná-las, por meio da concessão da moradia estudantil e de um auxílio socioeconômico, conforme mencionado anteriormente.

O entrevistado também relata ter vivenciado dificuldades de ordem psicológica que afetavam seu rendimento acadêmico “*é na verdade as psicológicas atrapalharam minha a... a acadêmica, porque eu tinha biblioteca tudo a disposição e eu não estudava porque eu estava preocupado em fazer outra coisa*” (BRUNO).

Para sanar os problemas de ordem psicológica, Bruno também pode contar com o apoio da universidade, uma vez que relata ter passado por consultas gratuitas com uma psicóloga vinculada a própria instituição de ensino.

Ao final de dois mil e dezesseis, motivado por problemas pessoais e acadêmicos (alta quantidade de reprovações), Bruno decide desistir do curso, decisão apoiada por sua mãe pelo fato do filho voltar pra casa.

Quando questionado sobre a possibilidade de ter tentado transferência de curso, Bruno relata que até verificou a possibilidade, mas achou os procedimentos muito complicados e julgou mais fácil prestar um novo vestibular.

Com relação sobre ao que a universidade poderia ter feito para garantir sua permanência no curso Bruno sugere “*ah... eu acho que se tivesse um “bandejão”⁹ eu teria ficado mais viu, porque o auxílio financeiro eu já recebia*” (BRUNO).

Conclui-se que Bruno obteve apoio proveniente das políticas de acesso (cotas PPI) e permanência (moradia, auxílio financeiro e serviços de saúde mental), entretanto, apesar de citar a falta do restaurante universitário, o fator primordial que motivou a desistência de Bruno foi o fracasso acadêmico.

IES privada

⁹ Refere-se ao restaurante universitário

Assim, em dois mil e dezesseis, Bruno volta para sua cidade e presta novamente o ENEM, conseguindo uma bolsa integral pelo PROUNI em uma universidade privada prestigiada em sua cidade, ingressando no curso de licenciatura em filosofia, no ano de dois mil e dezessete.

Bruno relata que não teve nenhuma reação exacerbada ao ingressar neste curso e nessa instituição, pois sabia que, provavelmente, obteria a aprovação, e afirma que sua mãe ficou feliz.

Bruno concluiu a nova graduação no início de dois mil e vinte, e cabe ressaltar sua trajetória no decorrer deste curso foi diferente da anterior.

Sem apresentar problemas de ordem psicológica, financeiras e acadêmicas, seu rendimento no interior do curso foi uniforme com boas notas sem reprovações e/ou interrupções, durante o período em que permaneceu no curso, além disso Bruno participou ativamente de projetos de extensão e iniciação científica.

eu fiz o curso de, de filosofia aqui foi pra estudar de fato assim sabe, pra aquele estudo me gerar uma profissão, então eu me dediquei bastante nessa graduação, estudei, acompanhei, assisti as aulas certinho até porque eu já tava viciado já das é... da vida acadêmica, desse negócio de festa, matar aula, eu sabia como funcionava e essas coisa não me atraíam mais” (BRUNO).

Para continuar com a iniciação científica, Bruno precisava estar matriculado em pelo menos uma disciplina do curso, assim, preferiu postergar a conclusão do curso em um ano, deixando a monografia a ser concluída por último, para prosseguir com a pesquisa e concluí-la.

Bruno relata que seus colegas de curso tinham condições socioeconômicas semelhantes as dele “*é como eu fui do PROUNI, e da licenciatura e a maioria dos alunos de licenciatura são do PROUNI, então já eram alunos com um padrão de vida mais parecidos com o meu” (BRUNO).*

De acordo com o entrevistado, durante o período de permanência no curso manteve um bom relacionamento com seus professores, e descreve que estes, geralmente, faziam uso de uma linguagem “*acadêmica, mas nada exacerbado*”.

Bruno qualifica a estrutura da universidade como “*excelente*” e relata que a universidade oferecia atividades culturais aos alunos como atividades esportivas e semanas dedicadas à apresentação artística dos alunos e conta ter participado das atividades esportivas.

As despesas de Bruno com o curso se resumiam a cópias xerocopiadas de textos, mas relata que em geral sempre os encontrava disponíveis na biblioteca da universidade.

Os maiores problemas enfrentados pelo entrevistado foram a distância entre sua residência e a universidade da qual fazia uso de transporte coletivo para trafegar entre uma e outra, e ressalta a falta de um restaurante universitário, *“tem as cantinas lá que tem um valor bem mais caro, então isso era um problema”* (BRUNO).

Para Bruno, ambas universidades frequentadas (pública e privada) tem uma excelente estrutura, entretanto, afirma que a universidade privada não se equiparia com a pública, ainda sobre a instituição privada de ensino:

é uma universidade boa, dentre as universidades particulares que a gente tem aqui no Brasil é uma das que mais se aproximam do nível de uma universidade pública mas, não atinge mas chega perto e de estrutura o campus assim era muito bom, muito bem cuidado e sociais apresenta algumas dificuldades como eu falei por não ter um restaurante universitário e por ser uma universidade particular muita gente tinha problemas com os pagamentos, ah com as bolsas e isso prejudica assim quando não dá certo (BRUNO).

Com relação aos conteúdos e metodologias dos dois cursos, Bruno descreve curso de ciências sociais na universidade pública como *“era bem mais aprofundado assim, rebuscado”* e o curso de filosofia que acabara de concluir qualifica como tendo um caráter *“bem mais didático”*.

O entrevistado justifica essa diferença pela tipologia dos cursos, pois enquanto o curso de ciências sociais era bacharelado e licenciatura, o de filosofia era apenas licenciatura.

Bruno relata que a conclusão deste curso lhe proporcionou prestígio, tanto social, quanto para a sua família, pelo fato de portar um diploma de ensino superior, além disso, a conclusão do curso teria lhe proporcionado seu primeiro emprego, sobre a importância de ter concluído este curso *“ah, além da realização pessoal né, agora eu tenho daqui em diante pro resto da minha vida pelo menos o emprego de professor eu tenho né”* (BRUNO) e afirma gostar de ser professor.

Observa-se, que durante a frequência na instituição privada de ensino, Bruno apresentou uma maior adesão ao curso, demonstrando a reestruturação do habitus, uma vez que entrevistado ocupou a universidade para além das aulas do curso de filosofia, participando de atividades culturais de pesquisa e extensão relatando uma rotina de estudos mais sistematizada, diferentemente do relatado durante seu percurso no universidade pública.

Infere-se também que a maior adesão ao curso foi favorecida pelo fato de o entrevistado estar melhor amparado por voltar para sua cidade de origem e voltar a morar com a mãe.

Práticas culturais de lazer e socialização

Antes da pandemia, Bruno já não tinha o hábito de viajar, frequentar cinemas, shows musicais e teatros, nem de receber visitas em casa ou visitar a casa de amigos, gostava de jogar futebol e ir a bares com os amigos.

Com o impedimento dessas atividades, Bruno relata que, atualmente, costuma ficar em casa assistindo novelas e ouvindo músicas, dentre seus gêneros favoritos, se encontram música popular brasileira, algumas músicas internacionais e bandas bem específicas, com relação a museus, relata que já frequentou todos os existentes em sua cidade.

Conta também que tem passado mais tempo na internet, porém muito mais por trabalho, que por lazer.

O entrevistado relata ter o hábito de ler, tanto por obrigação - devido seu trabalho- como por prazer, e possui diversos livros em sua casa *“tenho bastante. A maioria é livro teórico de literatura científica, filosofia, das humanas, tenho pouca literatura”* (BRUNO).

Bruno se mostra satisfeito com a profissão de professor, mas não com as condições do trabalho e tem planos de cursar uma pós graduação.

Com relação as metas para o futuro, o entrevistado deseja ter uma vida tranqüila, um salário que possibilite não passar necessidades básicas e que viabilize momentos de lazer.

Observa-se que, nem a escola de educação básica e nem a universidade promoveram a reestruturação significativa no Habitus do entrevistado, uma vez que o consumo de bens simbólicos legitimados encontra-se apenas no hábito de leitura, entretanto, como relatado, a maioria de suas leituras são científicas inferindo que não constituem num hábito, mas numa necessidade decorrente do emprego exercido pelo entrevistado.

Questões de gênero

Bruno relata que sua mãe descreveria um homem bem sucedido, principalmente, como um homem *“trabalhador”*, pois, para ela, um homem que não trabalha é vergonhoso e que a definição de uma mulher bem sucedida para sua mãe provavelmente seria uma *“definição bem machista”* e, além disso, acredita que, caso tivesse uma irmã, sua mãe a trataria diferentemente dele e de seu irmão.

Bruno não compartilha da mesma opinião que a mãe sobre um homem ou uma mulher bem sucedida, para o entrevistado ser bem sucedido “*pra mim pessoas que tem dignidade, que conseguem realizar seus sonhos suas vontades se tem ferramentas pra isso, ferramentas tanto de assistência né do Estado quanto de educação, é isso uma pessoa que não tem limitações*” (BRUNO), apesar de uma opinião diferente, Bruno acredita que está se tornando alguém que corresponda as expectativas da mãe de um homem bem sucedido.

O entrevistado relata que, durante sua infância, costumava ter brinquedos como bolas e carrinhos e gostava de jogar futebol com os amigos, afirma que existia em sua casa repressão por brinquedos e brincadeiras consideradas de menina e repressões relacionadas a gênero mas “*não tão incisivas*”, não se recordando de nenhum episódio específico.

Durante sua escolarização de nível básico, relata não ter recebido nenhum tipo de educação sexual sistematizada e afirma que obteve informações sobre higiene íntima, mudanças corporais em decorrência da puberdade, em casa, orientado por sua mãe e algumas outras informações, por meio das aulas de biologia na escola, conta ainda que a primeira vez que teve informações sobre sexo foi com colegas.

Bruno relata que sua mãe não se preocupava com seus relacionamentos amorosos e quando questionado sobre o conselho que mais recebia de sua mãe sobre o assunto, responde “*pra não engravidar a menina*” (BRUNO).

Bruno acredita que, em sua fração de classe, uma gravidez inviabilizaria os estudos de uma mulher e que uma gravidez precoce prejudicaria tanto seus estudos, como os de sua parceira.

Por fim, o entrevistado acredita que as dificuldades vivenciadas por homens e mulheres não são as mesmas, tanto na sociedade, como na universidade, pois mulheres teriam nas palavras do mesmo “*o fator determinante do machismo*” e relata ter presenciado episódios de machismo na universidade por parte de alunos contra professoras.

3.3- DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.3.1- Origens sociais, Habitus e os Capitais na Trajetória Escolar dos agentes analisados

A pesquisa revelou que a trajetória do grupo analisado é permeada por instabilidade econômica, além disso, os dados indicam baixa escolaridade do grupo familiar dos entrevistados, com alto índice de abandono escolar, ainda no ensino fundamental.

Observou-se que atingir níveis mais elevados de ensino não integrava o habitus do grupo familiar e social dos entrevistados.

Quadro 2- Origens Sociais

Nome	Escolaridade do pai	Escolaridade Mãe	Profissão pai	Profissão mãe
Camila	Ensino Fundamental Incompleto	Ensino Fundamental Incompleto	Pescador; vendedor (autônomo); Afastado.	Professora; Empregada Doméstica; Desempregada.
Rafael	Ensino Fundamental incompleto	Esino Fundamental Incompleto	Pintor Residencial (autônomo)	Auxiliar de Limpeza; Do lar.
Jéssica	Ensino Fundamental Incompleto	Ensino Fudamental Completo	Motorista	Diarista
Bruno	Não Informado	Ensino Fundamental Comepleto ¹⁰	não informado	Empregada Doméstica; Cuidadora de Idosos

Fonte: Elaboração própria

O grupo analisado herdou um reduzido volume de capital cultural e constatou-se que na tentativa de suprir tal falta, seus pais empregam a estratégia de reprodução representada pela motivação aos estudos.

Camila, Rafael e Jéssica afirmaram terem sido alunos muito estudiosos durante a suas respectivas trajetórias da escolarização de nível básico, por meio dos relatos foi possível inferir que seus progenitores lançaram a sua prole uma *habitus* que valorizava a “ética do sacrifício” (MUZZETI, 2019), visando a compensação da privação cultural por meio da

¹⁰ A mãe do entrevistado concluiu o ensino fundamental quando adulta por meio da modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos (EJA).

adesão prontamente dos valores da escola, pois dela tudo esperam e dependem (BOURDIEU,2015).

Tal aspecto está relacionado, inclusive, a comportamentos “por demais escolar” (BOURDIEU, 2015) apresentados pelos agentes, como pode-se observar na fala de Rafael “*sempre tive notas boas, eu nunca, acho que nunca tive uma nota vermelha não. Sempre estudei bastante, sempre valorizei isso eu não gostava de tirar nota vermelha*”. E, ainda, no relato de Camila “*eu sempre fui do tipo que estudou porque gosta. Nunca eles precisaram falar pra mim: “ó vai lá fazer sua tarefa”, não!*”.

Contudo, apesar do incentivo aos estudos, informações relacionadas a cursos e instituições de ensino superior, bem como processos de ingresso e seleção por meio de vestibulares, tais informações compõem a parte do capital cultural que Bourdieu (2015, p. 49) chamou de “a mais diretamente rentável”,as quais os agentes em questão não obtiveram em seu seio familiar.

Tal fato é reafirmado quando os quatro agentes entrevistados afirmam que seus pais e /ou responsáveis nunca lhe passaram nenhum conhecimento sobre ensino superior, cursos de graduação e profissões mais rentáveis, o que se deve ao fato desses pais pertencerem a um grupo excluído do sistema de ensino.

Desse modo, a falta de capital de informação sobre o sistema de ensino impossibilitou um direcionamento e um anseio claro e objetivo por parte dos pais com relação ao destino escolar dos entrevistados, reafirmado pelos seguintes relatos:

não, não. Meus pais, não, não eles nunca se preocuparam com isso não, principalmente nesse quesito sabe de, de ganhar dinheiro, eles nunca falaram pra mim: ah você tem que fazer um curso que você vai ganhar dinheiro,não, nunca falaram isso (RAFAEL).

Então é como eu falei eles nunca assim me incentivaram a, tipo a fazer uma faculdade né, você tem que fazer isso, fazer aquilo, mas na medida do possível, eles acharam que era importante eu tá estudando pra, pra adquirir conhecimento, é... no entanto que eles, eles pegavam no pé também quanto a lição, essas coisas, eu acho que dentro do possível do que eles eram capazes naquela época eles até incentivaram sim, não incentivaram no motivo de vida acadêmica mas, do ensino fundamental e médio incentivaram sim (RAFAEL).

ah eles sempre respeitaram, eles falavam que o que a gente decidisse se fosse pro bem tava bom. Mas minha mãe tinha expectativa sim da gente fazer faculdade sim (CAMILA).

“aí, eu acredito que eles sempre esperaram que a gente continuasse os estudos sim”. (JÉSSICA).

Do meu irmão acho que ela não teve muita não, mas... nem da minha embora minha mãe assim goste de eu ter concluído o ensino superior ela nunca me, me obrigou nem me, me direcionou pra nada, foi espontânea assim a minha escolha (BRUNO).

Por meio dos relatos, verificou-se o reconhecimento do potencial transformador da escola, por parte dos pais e responsáveis pelos entrevistados, entretanto, não era algo visto como prioridade, sendo o nível de ensino básico considerado suficiente para a manutenção social como explicitado no relato de Rafael:

olha é, meus pais eles queriam que, que a gente terminasse o ensino médio, e, mas nunca cobraram pra, pra ter um ensino superior, mas eles, eles incentivavam que a gente, que nós conseguíssemos terminar o ensino, ensino médio, acho que era a meta de vida deles assim é terminou o ensino médio então beleza (RAFAEL)

Com base na análise das trajetórias escolares dos participantes, constatou-se que o nível de ensino regular foi realizado majoritariamente em instituições públicas de ensino, devido as condições materiais de existência, como evidenciado no relato de Bruno:

eu acho que quando tava no berçário, na pré-escola minha mãe queria que eu tivesse uma formação numa escolinha particular porque ela achava que tinha uma, um ensino melhor. Depois eu fui pro ensino público até porque a gente não teria, minha mãe e minha tia que me criou não teria condições de pagar não (RAFAEL)

Foi possível observar ainda que, na maior parte das vezes, as práticas culturais tidas como legítimas não eram percebidas como importantes ou, então, comumente inacessíveis a estes agentes, sobretudo em virtude do reduzido capital econômico da família.

No caso de Rafael, observou-se que o pouco contato obtido com tais práticas culturais foi promovido pela escola, dessa forma, pode-se concluir a ausência de investimento em capital cultural legitimado por meio das famílias incorporada ao habitus destes agentes:

Eu acho que quem me iniciou nesta parte cultural, artística acho que foi tudo a escola e foi no ensino fundamental ainda. Olha o teatro foi uma experiência bem diferente assim, porque uma coisa é você assistir alguma coisa pela televisão referente ao teatro, outra coisa é você viver o teatro ali em si né?, aquele contato do ator com o público me fez enxergar de uma maneira diferente, acho que por isso que fiz artes eu acho que me impactou muito esse contato assim (RAFAEL).

Para Camila, que tinha o hábito de leitura, a biblioteca da escola foi uma importante fonte de acesso a literatura, com relação ao museu, a mesma afirma que conheceu um pela primeira vez depois de adulta, por volta dos 20 anos, por ocasião de sua profissão na época, educadora em uma creche municipal “*fui passear com as crianças da creche, Show de bola, muito bom!*”

Bruno é o único participante que relata ter tido contato com práticas culturais promovidos no interior de sua família, pode-se observar que a mãe deste agente dentre todos é a que possui um maior nível de escolarização e a tia que colaborou com sua criação era inspetora escolar, fato que colaborava para o maior acesso de Bruno a bens culturais, como os livros.

Na trajetória de Bruno, nota-se a que apesar da tendência a herdar um reduzido volume de Capital Cultural, a interação com agentes internos ao ambiente doméstico (tia inspetora escolar) e externos, como a frequência à igreja que lhe proporcionou, contou com um grupo social constituído por agentes melhor posicionados financeiramente, promovendo trocas culturais, o que fez do capital social um ponto importante para reestruturação de seu *habitus* primário.

Observou-se que, apesar do reduzido volume de capital cultural herdado pelo grupo, a trajetória de escolarização de nível básicos destes agentes foi marcada por bom desempenho acadêmico, concluída sem atrasos e/ou interrupções.

Por meios dos relatos, percebe-se que a escola ofereceu esporadicamente a estes alunos, o contato com práticas culturais valorizadas socialmente que não eram comuns no cotidiano desses agentes.

3.3.2- Origens sociais e influência nas trajetórias acadêmicas

Os agentes tiveram uma trajetória escolar dotada de bom desempenho, sendo validada por boas notas e sem histórico algum de reprovações durante toda a escolarização de nível básico, uma realidade diferente do percurso na universidade pública.

Nenhum dos quatro entrevistados conseguiu ingresso no ensino superior logo após a conclusão do ensino médio, no caso de Rafael, pela falta de orientação e conhecimento do sistema, ele terminou o ensino médio sem planos e objetivos, o que o levou a permanecer os três anos seguintes sem estudar. Enquanto isso, Camila e Jéssica não obtiveram aprovação nos primeiros vestibulares que prestaram.

Desse modo, estes três agentes relataram ter complementado sua escolarização por meio da adesão a cursos pré-vestibulares populares enquanto estratégia para aprovação nos processos seletivos das universidades:

Nossa, fiz, depois que eu fiquei três anos em casa parado né aí eu comecei a fazer cursinho popular, fiz o [omitido por sigilo], é... daí fiz outros cursos também da, da prefeitura né, eu fiquei bastante tempo fazendo cursinho pré-vestibular (RAFAEL).

Fiz, o [omitido por sigilo] pra reforçar a aprendizagem por conta que na escola a forma como trabalhavam as matérias não é a mesma que é exigido do vestibular então era bem distante aí eu fiz por conta disso (CAMILA).

A necessidade de um complemento aos estudos para obter êxito no sistema de seleção no ensino superior, por mais que os agentes em questão tenham um histórico de dedicação aos estudos durante a trajetória de escolarização básica, mostra que as desvantagens iniciais perante o sistema de ensino são cumulativas (BOURDIEU, 2015, p.56).

Tem-se que o ingresso em licenciaturas corresponde a causalidade do provável “disposição adquirida dentro de certas condições sociais, a referência às suas condições (sociais) de realização de modo que tende a ajustar-se às potencialidades objetivas” (BOURDIEU, 2015 p.98), uma vez que são cursos menos prestigiados socialmente e, portanto, menos concorridos, nos quais as camadas populares, historicamente, tem obtido maiores chances de êxito, no que tange ao ingresso nos cursos de graduação de universidades públicas.

Camila optou em tentar o vestibular para pedagogia devido a tentativa para letras não ter dado certo. Rafael optou pela licenciatura em ciências sociais em uma universidade na cidade em que reside após a rápida tentativa de cursar licenciatura em Artes (sua primeira

opção) fora da cidade, em uma universidade pública que não oferecia o programa de moradia estudantil, a situação se torna insustentável para suas condições financeiras na época.

Jéssica ingressou no curso de licenciatura em Matemática por não ter conseguido ingressar no curso de Administração pública, que era sua primeira opção.

Camila e Rafael são agentes que tiveram seu ingresso anterior a política de cotas e ações afirmativas e não usufruíram de nenhum auxílio da universidade.

A situação financeira de suas respectivas famílias os coloca perante a necessidade em conciliar trabalho remunerado em período integral e estudos, trazendo prejuízos ao rendimento acadêmicos dos mesmos.

Rafael afirma que, na época, buscou informações sobre auxílio universitário e constatou que o valor ofertado era muito baixo, não sendo o suficiente para que deixasse seu emprego e optasse pelo auxílio da universidade e se dedicasse integralmente aos estudos, nas palavras do entrevistado *“mas o que paga a bolsa pros ingressantes é muito pouco né? Se eu não me engano era trezentos e poucos reais então isso não, não ia dar certo, ia ficar muito precário ainda, porque infelizmente eu tinha que ter um salário não tão baixo assim né”*. (RAFAEL)

No caso de Camila, o simples fato de frequentar o curso já gerava gastos que impactavam o orçamento de sua família:

Muito xérox e passagem também porque eu não tinha roupa, quase não tinha roupa então assim, não tinha condições de comprar ou custear o xerox ou comprava roupa, aliás não dava nem pra comprar roupa, e... tava ficando muito caro eu ir pra lá, então, tava atrapalhando as coisas aqui em casa então, não dava (CAMILA).

Jéssica e Bruno, por sua vez, são agentes que obtiveram seu ingresso possibilitado por ações afirmativas como o sistema de reserva de vagas por escolaridade pública e cotas PPI, respectivamente, e foram contemplados com auxílios de permanência (moradia e auxílio financeiro).

Bruno relata a necessidade de exercer trabalhos informais para complementar a renda e conseguir se manter na universidade, pela dificuldade extra gerada pela falta do restaurante universitário na época

Ainda de acordo com os entrevistados, na época, os mesmos detinham preocupações externas à universidade que os afligiam, estando relacionadas às dificuldades financeiras da família.

Por meio dos relatos, foi possível considerar que, além de desencadear dificuldades psicológicas, a necessidade de subsistência diminuiu o tempo em que estes estudantes poderiam estar se dedicando aos estudos:

Sim, por comida em casa, a situação da minha família. (CAMILA)

O problema socioeconômico de, de trabalhar de estudar, de não ter tempo pra me dedicar é... eu acho que foi uma pena assim de ter que escolher entre a faculdade e o emprego, eu acho que isso foi o que mais pegou. (RAFAEL)

De não ter um restaurante universitário me preocupava muito com a alimentação assim, é tem que comprar, tinha que cozinhar, não podia deixar faltar se tivesse um restaurante universitário eu me preocuparia com coisas mais pontuais assim. (BRUNO)

É possível ainda observar um distanciamento dos agentes pelo espaço universitário, como no que se refere a participação dos mesmos em atividades extracurriculares, em alguns casos, ocasionados pela falta de tempo gerado pelo ao emprego remunerado que detinham na época, aliado a falta de perspectiva da importância de práticas culturais na vida cotidiana e no desempenho acadêmico.

Ah oferecia sim, sempre ofereceu. Grupo de teatro, que mais, grupos de estudo, não participei de nenhum lá não porque eu tinha muita... muito problema psicológico. (CAMILA)

Olha por conta do trabalho geralmente tinha muita coisa em horário inverso então eu não participei muito disso, então eu fiquei meio alheio, mas eles sempre divulgavam, sempre falavam, mas por conta do trabalho eu não participei muito não. (RAFAEL)

Outro distanciamento presente na fala dos entrevistados, refere-se a relação professor/aluno, enquanto na escolarização de nível básico, os depoentes relatam uma relação de proximidade com os professores, no percurso da universidade pública, os relatos diferenciam-se nesse aspecto:

[...] eram frios, distantes, debochados. (CAMILA)

[...] pela arrogância dele, muito arrogante! Muito esnobe, muito é... materialista, muito tudo de ruim, apesar de tudo eu tirei boa nota com ele, é porque como professor o cara era bão demais isso aí não tinha o que falar, mas como pessoa pelo amor de Deus. (CAMILA)

[...] pelo menos isso que passou que eles não tinham uma proximidade tão grande com o aluno, mas na medida do possível, eles, eles tiravam nossas dúvidas, eles ajudavam (RAFAEL)

olha é... tinha alguns que tinham uma linguagem mais acessível né? Mas tinha outros que era um pouco mais difícil, não porque usava da norma culta de se falar, mas porque era estrangeiro, [...] tinha um professor que ele falavaportunhol então a comunicação não era tão fácil assim (RAFAEL)

Olha... alguns bem didáticos, mas tinha alguns que tinham dificuldade eu acho, de uma linguagem mais técnica (JESSICA)

Tímida, eu era muito tímido, sim com os professores. (BRUNO)

Putz, teve um professor que ele foi racista comigo na frente da sala inteira. Na época eu era tão imaturo e fiquei tão assustado que a única coisa que eu queria era que aquilo acabasse e ninguém tocasse mais no assunto. (BRUNO)

Observa-se que, que os relatos do percurso escolar de nível básico e superior se diferenciam. Enquanto os relatos dos depoentes ilustraram um percurso escolar de nível básico notório, permeado por um bom desempenho acadêmico com notas elevadas e sem reprovações, acompanhada de uma boa relação com todos seus professores e por vezes até mesmo considerada de proximidade, quando questionados sobre o percurso no ensino superior público, somos apresentados a uma realidade oposta, inclusive a dificuldade em acompanhar os conteúdos do curso foi motivação para a desistência dos agentes:

Mas é aquela né, cê já tava bem cansado né, depois que você chegava, depois das dez e meia da noite colocar a matéria em dia muitas vezes eu dormia com o livro em cima da cabeça porque não dava não, não dava conta. (RAFAEL)

peguei uma DP e foi política a matéria que eu mais gostava. (RAFAEL)

[...] Eram conteúdos muito específicos assim que eu nunca tinha ouvido falar e... eu também não estudava devidamente. (BRUNO)

[...] problemas acredito mais financeiro mesmo e problemas mesmo a dificuldade de acompanhar as matérias (JESSICA).

Sobre a desistência:

querendo ou não, não podia largar o trabalho pra poder me dedicar totalmente ao curso e isso me deixou muito mal sabe? Porque não era uma coisa que eu queria ter parado, é uma coisa que eu fui condicionado a isso, eu acho que não tive, não tive escolha. Ou eu parava ou eu não ia ter mais a minha sanidade mental. (RAFAEL)

Porque eu, já tinha muita D.P eu não tava contente com o meu próprio desempenho e eu achei melhor começar algo do zero em outro ambiente. (BRUNO)

Bom, eu acreditaria que seria um pouco mais fácil (risos), é... e que seria uma nova experiência, minhas expectativas era que eu ia me formar. (JESSICA).

Pelo fato de eu não tá acompanhando, então eu realmente vi que realmente ia ser uma coisa assim, meio que não, não, não, talvez não impossível, talvez eu teria conseguido mas é... iria demorar um pouco mais que o esperado, então eu acabei que optando por desistir. (JESSICA)

Por meio dos relatos acima, é possível perceber o distanciamento do espaço universitário em diversos aspectos nos relatos de todos os participantes, seja no espaço por meio da não frequência a atividades extracurriculares, na relação com os professores e os conteúdos, o distanciamento acompanhado da sensação de não pertencimento e estranhamento do ambiente universitário estão evidentes na fala de Camila:

Muito, vixeee, bastante, as condições financeiras, é... a cultura, minha cultura era diferente da cultura do povo de lá, minha cultura era mais tradicional, o povo lá era mais libertino, e aí eu era meio que excluída tal, já não tinha facilidade pra fazer amizade de boa, assim ainda, o negócio embolou todo, aí foi onde foi atacando minha depressão mais ainda, desenvolvi síndrome do pânico também, é... e aí eu fui começando a travar pra ir pra lá, comecei a me sentir triste pra ir pra lá, aí fui tendo que parar mesmo. (CAMILA)

Tal aspecto também fica evidente quando Camila justifica o motivo de não ter solicitado nenhuma auxílio financeiro na universidade: “*porque eu tinha vergonha*”. Sendo possível observar que os agentes analisados mantiveram relações conflituosas e inseguras com o campo universitário, demonstrando que os capitais culturais e econômicos influenciaram diretamente em seu itinerário no ensino superior e tendo o fracasso acadêmico como motivação para a evasão dos agentes analisados.

Os depoimentos analisados revelam as relações conflituosas e inseguranças com o universo acadêmico durante o percurso dos entrevistados na universidade pública, o que ressalta que o capital cultural influenciou diretamente a trajetória dos agentes e sua relação com o ambiente universitário, somadas as dificuldades provenientes da instabilidade econômica que permeou seus itinerários acadêmicos e são cumulativas.

Numa população de estudantes não se apreende mais que o resultado final de um conjunto de influências decorrentes da origem social e cuja ação exerce-se há muito tempo. Para os estudantes originários das classes baixas que sobrevivem a eliminação as desvantagens iniciais evoluíram, o passado social transformando-se em passivo escolar pelo jogo de mecanismos de substituição, tais como as orientações precoces e frequentemente mal informadas, as escolhas forçadas ou a repetência (BOURDIEU; PASSERON, 2015, p. 30-31)

Enquanto isso, a trajetória acadêmica na universidade privada se mostrou com um grau menor de dificuldade para estes agentes.

Camila, Jéssica e Bruno têm em comum em suas trajetórias a inserção pelo PROUNI como estratégia para cursar o ensino superior em universidades que se adequassem melhor às suas condições de vida.

Observou-se que o PROUNI ofereceu aos agentes analisados desprivilegiados economicamente uma compensação financeira, uma vez que Camila e Bruno obtém bolsas integrais e Jéssica consegue uma bolsa de cinquenta por cento e o soma a um desconto de mais quarenta por cento oferecido pela instituição.

Diferentemente do esforço e preparo prévio que estes agentes relataram para ingressar na universidade pública, para o ingresso na privada, ainda que concorrendo pelo bolsa via PROUNI não houve este empenho. Os agentes relataram com unanimidade que não se prepararam para este processo seletivo e ainda assim, obtiveram êxito.

Camila e Rafael optam por instituições de ensino superior na modalidade a distância, por considerar um modelo de ensino que atendesse melhor as especificidades de seus respectivos contextos de vida, funcionários públicos que exerciam suas funções em período integral.

Rafael ainda tinha o compromisso de se deslocar diariamente para a cidade vizinha para trabalhar e Camila, o diagnóstico de depressão, desse modo, a modalidade de ensino a distância ofertava maior comodidade dentro da rotina específica de cada um.

Olha, é... eu ingressei na particular é porque ... uma por causa do tempo né? A expectativa era de ser... ser menos puxado que uma, uma faculdade pública e realmente é bem menos puxado. Eu acho que não tem nem comparação é...e também eu tava pagando, pagando um valor acessível, não é uma coisa exorbitante de mensalidade e, e como era uma coisa que eu gostaria de fazer, artes, eu falei: ah eu vou dar uma chance pra faculdade particular e... as minhas expectativas não foram muito altas né, eu sempre tive o pé no chão de saber que, que nunca vai ser nunca vai ter a estrutura de uma faculdade pública, mas no momento foi o que eu podia, eu podia fazer no âmbito acadêmico. (RAFAEL)

Jéssica e Bruno ambos agentes que mudaram de cidade para cursar universidade públicas, dessa vez, aderiram a cursos na modalidade presencial em universidades privadas, porém, dessa vez, nas cidades em que residiam com seus pais.

Jéssica ainda opta pela mesma instituição em que suas irmãs mais velhas se formaram. Bruno buscou inserção em uma instituição muito bem conceituada e elitizada em sua cidade de origem, porém em um curso pouco valorizado socialmente.

Camila, Rafael e Bruno permaneceram em cursos de licenciatura, enquanto Jéssica migrou para o bacharelado, em um curso mais próximo daquele que teria sido sua primeira opção no passado.

Quando se trata da relação com os professores da universidade privada, tais estudantes não relatam situações constringedoras ou inibidoras comparado aos relatos da universidade pública, Bruno relata, inclusive, ter tido uma relação de proximidade com um professor que transcendeu a sala de aula, de acordo com Camila e Jéssica, a relação com os professores também foi harmoniosa:

os professores de lá tratavam melhores os alunos que os da ¹¹ [omitida por sigilo] ¹² os da [omitida por sigilo] ¹³ eram frios, distantes, debochados, e os de lá não, os de lá tratavam o aluno como gente (CAMILA).

Acho que... pelo fato de ser uma faculdade privada eu acho que os professores eles é se sentem mais na obrigação de, do aluno aprender (JESSICA)

Os agentes, ao comparar os conteúdos e didáticas docentes das diferentes instituições colocam adjetivos como conteúdos mais objetivos, enxutos, didáticos, etc.

Acho. Tinha porque na [omitida por sigilo]¹¹ tinha mais conteúdo porque era muito mais direcionada pra pesquisa né, lá não¹², lá era aquela coisa bem enxuta, bem objetiva (CAMILA)

sim, são um pouco diferentes sim, nesse quesito eu acho que também a escola publica é, é melhor também, porque na escola particular fica um pouco vago ainda. (RAFAEL)

Aí eu acredito que em economia¹³ as disciplinas eram um pouco mais fáceis, menos complexas. (JÉSSICA)

ah... tá são cursos diferentes né, mas ah o meu curso lá na [omitida por sigilo]¹⁴ era bacharelado, licenciatura e bacharelado aqui na [omitida por sigilo]¹⁵ era só licenciatura então, acho que por ser licenciatura tinha um caráter muito didático sabe, tinha um caráter muito didático enquanto na [omitida por sigilo]¹⁶ era bem mais aprofundado assim, rebuscado (BRUNO)

Camila, Rafael e Jéssica mesmo conciliando trabalho remunerado em período integral durante o percurso no ensino superior na instituição privada, concluíram o curso sem atrasos, interrupções ou reprovações, com rendimento acadêmico uniforme em todas as disciplinas.

Bruno, por sua vez, não precisou conciliar trabalho e estudo, mas se dedicou muito mais a nova graduação, diferente da anterior, aderindo aos valores da universidade e chega a ter um comportamento “por demais ‘escolar” (BOURDIEU, 2015, p. 61), pois busca a inserção no ambiente universitário em diversas frentes tais como projetos de pesquisa, extensão, orientações e participação em atividades culturais.

Ainda pode-se observar, na percepção dos agentes entrevistados, que a universidade publica é melhor que a privada em questões acadêmicas e também é mais prestigiada socialmente.

Enfrentei. Ah o povo, o povo, desprezava, menosprezava essas coisas, porque era privada, e a distância. (CAMILA)

ah sim, é eu acho que as pessoas tem muito preconceito né? Com cursos a distância é sempre tem aquela né? Tipo, meu é... curso presencial é outro nível né, curso a distância é, é fácil, é bem, digamos que é bem, bem mal visto né socialmente. (RAFAEL).

¹¹ Referente a IES publica

¹² Referente a IES privada

¹³ Curso da IES particular

¹⁴ IES pública

¹⁵ IES privada

¹⁶ Novamente referindo-se a IES pública

aí eu acredito também que é, é... vamos dizer... lógico que não é assim uma universidade tipo bem... sei lá... não posso dizer isso... é uma faculdade boa, excelente, mas não tão boa quanto seria uma pública (JESSICA).

assim, é uma universidade boa, dentre as universidades particulares que a gente tem aqui no Brasil é uma das que mais se aproximam do nível de uma universidade pública, mas, não atinge, mas chega perto (BRUNO).

Os relatos acima reforçam a reflexão acerca da exclusão branda e da Inflação de títulos escolares (BOURDIEU, 2015) discutidas na introdução desta pesquisa, sendo evidenciada na hierarquia social das insituições de ensino, e das profissões, uma vez que os agentes analisados classificam seus próprios cursos e profissões (relacioandas à docencia), enquanto desvalorizadas socialmente e colocam medicina e engenharia como mais prestigiadas.

Em todos os relatos, é possível inferir que a certificação de ensino superior está diretamente ligada a perspectiva profissional: Camila buscou por um aumento salarial; Rafael deseja mudar de profissão; Jéssica busca por uma profissão rentável e estável e Bruno procurou por inserção no mercado profissional.

3.3.3- Origens Sociais e questões de Gênero

Todos os agentes afirmam terem tido algum tipo de informação a respeito de sexo e sexualidade por meio da escola, mas especificamente, em decorrência da disciplina de biologia e palestras informativas.

Os agentes acreditam que, tanto na universidade, como na sociedade, as dificuldades para homens e mulheres não são as mesmas, uma vez que a sociedade ainda é machista

Mulher tem muito mais dificuldade (CAMILA)

Eu acho que a mulher tem muito mais dificuldade na sociedade, é muito fácil um homem branco falar eu sou bem sucedido, uma mulher é bem diferente, é uma outra estrutura. Mulher tem que enfrentar o patriarcado , enfrentar diferenças salariais, não ser inserida socialmente, hoje ainda em dia tem mulher que ganha menos que homem, então eu acho que é diferente, tem essa diferença, e eu tenho o privilégio de ser homem, de ser branco e eu sinto isso e sei dos privilégios que eu tenho (RAFAEL)

Porque a Mulher ainda tem é muito preconceito contra a mulher por achar que a gente não é capaz e pela desigualdade né que ainda existe (JESSICA)

Mulheres infelizmente tem o fator determinante do machismo né, que dificulta as coisas pra vocês (BRUNO)

Entretanto, tanto agentes do gênero masculino, quanto feminino dizem não se recordar ou não ter vivenciado nenhuma atitude machista no interior de sua família ou na sociedade.

Essa contradição na fala do grupo analisado entre reconhecer que se vive numa sociedade machista, mas ignorar a vivência de tal desigualdade pode ser explicada pela naturalização da dominação masculina, já que, para Bourdieu (1999), o machismo está na ordem das coisas, passando de forma impecável aos olhos de quem o vivencia

Os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes, às relações de dominação, fazendo-as assim ser vistas como naturais. O que pode levar a uma espécie de autodepreciação ou até de autodesprezo sistemáticos, principalmente visíveis (BOURDIEU, 1999, p. 46).

Com relação às questões relacionadas ao gênero e sexualidade, observou-se que no caso das agentes do gênero feminino (Camila e Jéssica), o comportamento das mesmas quando criança chamava a atenção de seus respectivos grupos sociais, devido o fato de as mesmas não se identificarem com brincadeiras tidas como de meninas

Não gostava que a gente brincasse de brincadeira de menino, mas eu sempre goste de brincadeira de menino (CAMILA).

Minhas irmãs falavam que eu não gostava de brincar de boneca. Elas sempre falavam isso pra mim, mas eu nunca gostei de brincar de boneca (JESSICA)

Ambas entrevistadas afirmam que as brincadeiras que gostavam e consideradas de meninos eram brincar na rua, fazer de conta de super herói, andar de bicicleta. É possível observar que o grupo social das entrevistadas manifesta a naturalização da dominação masculina, por meio da internalização da divisão de corpos (corpo masculino no espaço público e corpo feminino relegado ao espaço privado/doméstico) de maneira inconsciente, de acordo com Bourdieu (1999, p. 39)

Como se a feminilidade se medisse pela arte de “se fazer pequena” (o feminino, em berbere, vem sempre em diminutivo), mantendo as mulheres encerradas em uma espécie de cerco invisível (do qual o véu

não é mais que a manifestação visível), limitando o território deixado aos movimentos e aos deslocamentos de seu corpo.

De acordo com os relatos das mesmas, a educação sexual recebida no interior de suas famílias foi indireta e coberta por tabus, Jéssica relata que a primeira vez que teve informações a respeito referentes a sexo foi por volta dos seus quinze anos com amigas, já com relação a saúde sexual, contraceptivos e higiene íntima, teve um pouco por meio de suas irmãs mais velhas e amigas.

Camila relata que a educação sexual em seu interior familiar se dava baseada em princípios religiosos “*Assim era mais sobre aquela tradição lá do casamento que a mulher tem que ser pura, aquela coisa toda do século XVI*” (CAMILA).

Por meios dos relatos, observa-se a dominação masculina, mais uma vez, materializada por meio do domínio dos corpos, em que atitudes consideradas antifemininas justificam uma tendência natural do gênero feminino à passividade, controlando suas ações e modos de agir por meio da falta de informações diretas e claras sobre questões relacionadas a sexualidade.

Nota-se que ambas entrevistadas relatam que suas famílias eram frequentadoras assíduas da igreja católica, para Bourdieu, a Igreja sempre esteve maculada pelo antifeminismo, que cultiva e reproduz uma visão negativa da mulher e da feminilidade.

É, sem dúvida, à família que cabe o papel principal na reprodução da dominação e da visão masculinas; é na família que se impõe a experiência precoce da divisão sexual do trabalho e da representação legítima dessa divisão, garantida pelo direito e inscrita na linguagem. Quanto à Igreja, marcada pelo antifeminismo profundo de um clero pronto a condenar todas as faltas femininas à decência, sobretudo em matéria de trajes, e a reproduzir, do alto de sua sabedoria, uma visão pessimista das mulheres e da feminilidade, ela inculca (ou inculcava) explicitamente uma moral familiarista, completamente dominada pelos valores patriarcais e principalmente pelo dogma da inata inferioridade das mulheres (BOURDIEU, 1999, p. 103).

Diferentemente dos relatos dos agentes do gênero masculino (Rafael e Bruno), em que Rafael relata que seu pai sempre tratou abertamente de questões relacionadas a sexo, e de Bruno, que relata que sua mãe sempre o aconselhou explicitamente a não engravidar suas parceiras.

Observa-se que um dos pilares da dominação masculina, de acordo com Bourdieu, é o se faz pelo controle dos corpos, dessa forma, a falta de informação relacionada às questões de sexo e sexualidade ao gênero feminino e conduzida de forma declarada a agentes do gênero masculino é

percebida como mais um mecanismo da dominação masculina, uma vez que a mulher torna-se submissa e dependente e do homem para os assuntos relacionados a sexo e ao próprio corpo.

Todos os agentes também acreditam que, em sua fração de classe, uma gravidez inviabiliza os estudos, enfatizando que, em maior grau, para o gênero feminino, evidenciando a perspectiva de divisão de papéis sociais naturalizada, de forma que a mulher é a maior responsável pela criação dos filhos.

Entretanto, é possível observar uma íntima relação entre educação sexual familiar e prolongamento dos estudos, uma vez que para estes agentes, uma gravidez significaria o abandono imediato dos estudos, tendo em vista que a gestação foi identificada pelos depoentes como um dos principais fatores da desistência e abandono dos estudos por familiares e conhecidos, concluindo que a prevenção a gravidez precoce e a educação sexual constituem uma estratégia profilática, como constatado nos estudos de Muzzeti (2019).

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz da teoria de Pierre Bourdieu, o presente estudo buscou desvelar os condicionantes de classe e gênero que motivaram a desistência de alunos de licenciaturas na universidade pública e que contribuíram para a conclusão dos estudos em instituições privadas.

Para tanto, foram selecionados quatro agentes das camadas populares, cuja escolarização de nível básico foi realizada em instituições públicas de ensino e o ingresso no ensino superior em universidades públicas se deu por meio de cursos de licenciaturas.

Com base nos conceitos da teoria bourdieusiana, por meio dos relatos, é possível observar que a origem social teve influência na trajetória universitária do grupo analisado, composto pelo gênero masculino e feminino, sendo marcada por inseguranças, atrasos e interrupções.

Assim, por mais que os agentes tenham a percepção de que uma universidade pública confere maior prestígio social e seja, inclusive, de melhor qualidade que uma instituição privada, ao se depararem com o fracasso acadêmico, recorrem a instituições particulares de ensino para garantir a certificação de ensino superior.

Deste modo, no caso do grupo analisado, as instituições de ensino superior funcionaram como uma espécie de refúgio para estes agentes na busca por amparo, em meio a árdua busca pelo diploma universitário.

Nota-se que a saga pela busca da certificação de ensino superior, para o grupo analisado, representa uma tentativa de incorporação de capital cultural institucionalizado, utilizada como uma estratégia de manutenção/ascensão social, uma vez que aspiram empregos com melhores condições que os exercidos por seus pais que se dedicam ao trabalho braçal.

Observou-se que a universidade privada, apesar de onerosa, as políticas de ingresso como o PROUNI, possibilitaram aos agentes benefícios econômicos com relação as mensalidades.

Além disso, as instituições privadas ofereciam vantagens relacionadas as especificidades do contexto de vida de cada um deles, seja ser situada na mesma cidade em que o agente residia com sua família ou a modalidade de ensino à distância que confere maior flexibilidade no cronograma de estudos.

Outro ponto que suscita reflexões é a diminuição do nível de dificuldade encontrado pelos depoentes em conciliar trabalho remunerado em período integral com os estudos, enquanto cursavam as instituições privadas de ensino, que concluíram com boas notas, sem reprovações e interrupções.

Ainda nos depoimentos do grupo entrevistado, ao comparar ambas instituições com relação ao curso proveniente da instituição privada, sempre fazem alusão a algum aspecto mais didático, seja nos conteúdos ou nas metodologias docentes, que nos conduz a hipótese de que as instituições de ensino superior privadas frequentadas pelo grupo analisado eram dotadas de uma metodologia de ensino que se aproxima da instituição metodológica de ensino da escola de nível básico da qual os agentes analisados tem histórico de um bom rendimento e adaptação.

Podemos concluir que o grupo analisado foi condicionado a desistência em cursos de universidades públicas devido uma resistência ao ajustamento do habitus decorrente do reduzido volume de capital cultural angariado pelos agentes que resultou em dificuldades acadêmicas.

Desse modo, compreende-se a busca por amparo destes agentes por meio da ação de refúgio em instituições privadas de ensino, como o retorno para o local, compreendido como o senso do seu lugar (BOURDIEU, 2007).

De acordo com Bourdieu (2007), cada agente possui um conhecimento prático de sua posição no espaço social que se manifesta por meio de emoções e condutas inconscientes, ou seja, o sentimento de mal estar relacionado ao desconforto, estranhamento, inibição

O conhecimento incorporado pela incorporação da necessidade do mundo social, mormente sob a forma do sentido dos limites, é bastante real, tal qual, como a

submissão por ele acarretada, e que por vezes se exprime nas constatações imperativas da resignação “não é para nós” (ou “para pessoas como nós), ou de modo mais trivial “é muito caro” (para nós). (BOURDIEU, 2007, p. 225)

De acordo com Coulon (2008, p.70), a “universidade é uma experiência de estranhamento radical, o saber, a linguagem, os procedimentos se organizam de maneira diferente daquela do ensino médio”, ainda em seus dizeres “o sucesso universitário passa pela aprendizagem de um verdadeiro ofício de estudante” (COULON, 2017, p.1243)

Desse modo, infere-se que as instituições privadas exigiriam dos agentes uma postura de aluno, da qual já interiorizado e se adaptado durante os anos de escolarização de nível básico, enquanto a instituição pública de ensino exigiria uma postura de estudante dos agentes, estranha ao *habitus* dos entrevistados. Entretanto, é preciso de um estudo mais amplo e aprofundado para validar ou não tal hipótese.

O estudo demonstrou a relevância das políticas de acesso à universidade para essa fração de classe, como a oferta de cursos pré-vestibulares populares, cotas étnicas e sistema de reserva de vagas para escolaridade pública e a que se destacou no grupo analisado o PROUNI, sem ela, três dos quatro agentes, talvez, não tivessem conseguido um certificado de ensino superior.

A presente pesquisa ressaltou a importância do investimento em políticas de permanência como moradia, restaurante universitário, auxílios financeiros, médicos e psicológicos que precisam de mais investimentos e ampliação.

Este estudo subsidia a ideia de que a desistência no ensino superior não se dá por mera incompetência dos estudantes, e que há, inclusive, possibilidades de se pensar nas formas de recuperar estes alunos.

Concordamos com Muzzeti (2019), sobre a necessidade de se investir e aperfeiçoar medidas que possam lidar com as dificuldades acadêmicas iniciais dos graduandos como opções de monitoria aos alunos com dificuldades acadêmicas que pretendam auxiliar os mesmos na ampliação de seu capital cultural e a reestruturação do *habitus* destes agentes, além de estratégias de acolhimento e recepção inicial destes estudantes, de forma que sejam apresentados às regras do jogo.

A análise das trajetórias contidas no presente estudo também conduz à reflexão da precariedade da escolarização pública de nível básico não obteve êxito na democratização dos conhecimentos socialmente valorizados e construídos historicamente do grupo analisado, fato que

resultou em dificuldades acadêmicas em suas trajetórias na universidade pública, os conduzindo a desistência de seus cursos.

Por fim, a presente pesquisa embasa e defende o argumento de que uma verdadeira democratização de ensino requer políticas para a ampliação do acesso e fortalecimento do ensino público, em todos os seus níveis, da educação infantil ao ensino superior.

REFERÊNCIAS

ARTES, A.; RICOLDI, A.M. Mulheres e as carreiras de prestígio no ensino superior: o não lugar feminino. In: ITABORAÍ, N.R.; RICOLDI, A.M. (Orgs.). **Até onde caminhou a revolução de gênero no Brasil? Implicações demográficas e questões sociais**. Belo Horizonte, p. 81-93, 2016.

BAGGI, C. A. S.; LOPES, D. A. Evasão e avaliação institucional no ensino superior: uma discussão bibliográfica. **Avaliação**, Campinas, v.16, n.2, p.355-374, 2011.

BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma Teoria da Prática. In: ORTIZ, Renato (Org.). **A sociologia de Pierre Bourdieu**, São Paulo: Editora Ática, n. 39, p. 46-86. 1994.

_____. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

_____. **Escritos de Educação**. In NOGUEIRA, M. A. e CATANI, A. (Org). Rio de Janeiro: Vozes, 2007c.

_____. **Escritos de Educação**. In NOGUEIRA, M. A. e CATANI, A. (Org). Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

_____. **O poder simbólico**; tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____.; CHAMPAGNE, P. Os excluídos no interior. In NOGUEIRA, M. A. e CATANI, A. (Org). Rio de Janeiro: Vozes, P. 243-256, 2015.

_____. **Meditações pascalianas**. Trad. de Sérgio Miceli. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

____ PASSERON, J.C. Os herdeiros: **os estudantes e a cultura** – Florianópolis: Ed. da UFSC, 2015.

CARMIGNOLLI, A. O. L. **A influência dos Capitais Cultural, Social e Econômico no sucesso da Trajetória Escolar**. 2019. 60f. dissertação (mestrado em educação escolar) – Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2019.

COULON, A. A condição de estudante: a entrada na vida universitária. Salvador: **EDUFBA**, 2008.

COULON, A. O ofício de estudante: a entrada na vida universitária. **Educação e Pesquisa**, v. 43, p. 1239-1250, 2017.

GATTI, B. A.; BARRETTO, E. S. S. Professores do Brasil: impasses e desafios. Brasília: **UNESCO**, 2009.

GATTI, B. A.; BARRETTO, E. S. de Sá; ANDRÉ, M. E. D. A. de; ALMEIDA, P. C. A. De. Professores do Brasil: novos cenários de formação. Brasília: **UNESCO**, 2019.

GISI, M. L. A Educação Superior no Brasil e o caráter de desigualdade do acesso e da permanência. **Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 6, n. 17, p. 97-112, 2006.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira Censo da Educação Superior [INEP]. **Censo da Educação Superior 2017**. Brasília: INEP, 2018.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira Censo da Educação Superior [INEP]. **Notas Estatísticas 2019**. Brasília: INEP, 2020.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira Censo da Educação Superior [INEP]. **Censo da Educação Superior 2019**. Brasília: INEP, 2020.

LOURENÇO, A. V. M. O fenômeno da evasão no ensino superior no curso de Administração no Estado do Rio De Janeiro nos anos de 2006 a 2012: **Um estudo de caso UNIGRANRIO**. 2014.

94f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade do Grande Rio, Rio de Janeiro, 2014.

MASSI, L.; MUZZETI, L. R.; SUFICIER, D. M. A pesquisa sobre trajetórias escolares no Brasil. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 11, n. 3, p. 1854-1873, 2017.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MUZZETI, L. R. (1997). **Trajetória social, dote escolar e mercado matrimonial: um estudo de normalistas formadas em São Carlos nos anos 40**. Tese (Doutorado), Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1997.

MUZZETI, L. R. Trajetórias Sociais e Escolares de Laureados nas Políticas de Acesso dos cursos de graduação/UNESP/CAR. 2019. 184f. tese (livre-docência) – Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2019.

NUNES, D. F. **Quem quer ser professor no Brasil: uma análise a partir de variáveis socioeconômicas de estudantes de licenciatura**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

OLIVEIRA, L. F.; PORTES. E. A. Ascensão e distanciamento na trajetória social, escolar e profissional de um jovem das camadas populares. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 32, n. 3, p. 1145-1164, 2014.

OLIVEIRA, M. F. C. DE. **Trajetória Social e Sexualidade: A estruturação da identidade de gênero na educação infantil**. 2017. 79f. dissertação (mestrado em educação escolar) – Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2017.

OLIVEIRA, T.M.V de. Amostragem não probabilística: adequação de situações para uso e limitações de amostras por conveniência, julgamento e quotas. **Administração on line**, v. 2, n. 3, p. 01-10, 2001.

PARENTE, N. N. **As condições de acesso e permanência dos estudantes do curso de licenciatura em física do IFCE, Campus de Sobral**. 2014. 166f. Dissertação (mestrado profissional em políticas públicas) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

PIOTTO, D. C. Trajetórias escolares prolongadas nas camadas populares. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 38, n. 135, p. 701-727, 2008.

PORTES, É. A. O trabalho escolar das famílias populares. In: NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. (Org.). **Família & Escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. Petrópolis: Vozes, p.63-80, 2000.

PORTES, É. A. **Trajetórias escolares e vida acadêmica do estudante pobre da UFMG: um estudo a partir de cinco casos**. 2001. 272 p. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

SUFICIER, D.M. Retratos Sociológicos de Estudantes de Pedagogia: O caso da FCL/AR. Araraquara, unesp-fclar, 2013. Dissertação (mestrado em educação escolar) - Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2013.

SUFICIER, D.M. **Senso Prático e Reflexividade na Prática de Quatro Professores do Ensino Fundamental**. 2017. 146f. Tese (doutorado em educação escolar), Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2017.

VIANA, M. J. B. Longevidade escolar em famílias de camadas populares: algumas condições de possibilidade. in: NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. (org.). **família & escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. p. 47-80. Petrópolis: Vozes, 2000.

ZAGO, N. Processos de escolarização nos meiospopulares: as contradições da obrigatoriedade escolar. in: NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. (ORG.). **Família & Escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. p. 19-43. Petrópolis: Vozes, 2000.

ZAGO, N. Do acesso à permanência no Ensino Superior: Percursos de estudantes universitários de camadas populares. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 32, p. 226-370, 2006.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS

A1 - Identificação

Qual sua data de nascimento?

Em que cidade você mora atualmente? Rural ou urbano? Periférico ou central?

Como você se auto declara em questão de cor de pele /raça/etnia: preto, pardo, branco, indígena, outra?

Qual seu sexo e sua identidade de gênero?

Orientação sexual?

Qual sua formação? Em qual instituição você se formou e em que ano?

Qual sua profissão atualmente?

Com quem você mora atualmente? Se casado (a) qual a profissão do seu cônjuge?

Qual sua renda familiar? Em que faixa econômica você se situaria atualmente?

A2 - Aspectos econômicos (MUZZETI, 2019)

Qual nível de escolarização e profissão de seus avós maternos? Eles moravam em zona rural ou urbana?

Qual era o nível de escolarização e profissão de seus avós paternos? Eles moravam em zona rural ou urbana?

Qual o nível de instrução de seu pai? E qual a ordem de nascimento e gênero dele entre os irmãos? (ex: pai segundo filho homem de 5 irmãos)

Qual o nível de instrução de sua mãe? E qual a ordem de nascimento e gênero dele entre os irmãos? (ex: pai segundo filho homem de 5 irmãos)

Porque seus pais não prosseguiram os estudos? Eles tinham aspiração de cursar ensino superior? Qual curso?

Qual o nível de escolarização de seus tios, tias, primos e primas? Vocês se dão bem?

Você considera que há solidariedade e união em sua família?

De acordo com a renda familiar, em que faixa econômica você situaria sua família de origem (baixa, média, alta)?

Incluindo você, quantas pessoas moram/moravam na sua casa? É uma casa própria ou alugada?

Quantos irmãos você tem? Qual o nível de escolarização deles?

De onde você veio? Em quais lugares já morou?

Qual a profissão de seu pai? Ele teve vários empregos?

Como descreveria as condições de trabalho dele? (desgastante fisicamente, instáveis economicamente).

Qual a profissão da sua mãe? Ela teve vários empregos?

Como descreveria as condições de trabalho dela? (desgastante fisicamente, instáveis economicamente).

O emprego de seus pais foi impactado pela pandemia? De que forma?

Havia livros em sua casa? Que tipos de livros eram?

Seus pais lhe compravam brinquedos? Como eram esses brinquedos?

Você sempre teve computador e acesso a internet em casa?

Sua família tinha/tem estabilidade financeira? Sempre teve?

As condições financeiras de sua família impulsionaram você e/ou seus irmãos ao trabalho? Isto é, durante o período de escolarização você ou seus irmãos precisaram trabalhar para ajudar financeiramente sua família?

Conte um pouco sobre sua trajetória profissional (incluindo trabalhos sem carteira assinada, frellances, estágios, temporários, etc)

Houve impactos da realidade pandêmica em seu emprego atual? Que tipo de impactos?

A pandemia impactou você e sua família financeiramente? De que forma?

A3- Aspectos culturais (MUZZETI, 2019)

Na sua família existia o hábito de ler jornais, revistas e livros? Com que frequência isso acontecia?

Você já esteve em um museu? Quem te levou pela primeira vez ao museu e com quantos anos? O que mais chamou sua atenção?

Já teve a oportunidade de ir ao teatro? O que você achou? Quem te levou pela primeira vez ao teatro e quantos anos você tinha?

Seus pais lhe compravam brinquedos educativos, jogos educativos, cadernos de atividades, enciclopédias, etc.?

Vocês tinham televisão? O que costumavam assistir em família?

Quais eram os programas em família? Isto é, quais lugares vocês costumavam frequentar juntos?

Sua família tinha o hábito de viajar? Pra quais lugares vocês costumavam ir?

Você aprendeu a tocar algum instrumento musical? Com quantos anos você aprendeu?

Você tem conhecimento em alguma língua estrangeira? Qual é a língua de seu conhecimento?

Onde você aprendeu?

Na sua família ou vizinhança alguém praticava alguma atividade intelectual que lhe despertava atenção? Quem e qual atividade era essa?

Quem eram seus amigos? Vocês freqüentavam os mesmos lugares? Quais?

Seus pais se preocupavam com suas companhias? Porque? O que eles diziam?

Seus pais se preocupavam com seus relacionamentos amorosos? Por que? O que eles diziam?

Quem lhe dava mais conselhos? Seu pai ou sua mãe? O que eles diziam?

Você e sua família eram praticantes de alguma religião? Frequentavam alguma igreja? Com que freqüência?

A4- Trajetória escolar (MUZZETI, 2019; CARMIGNOLLI, 2018)

Você frequentou creches? (0-3 anos) em período integral ou parcial?

Você frequentou a pré-escola? (4-5 anos) em período integral ou parcial?

Quantos estabelecimentos escolares você frequentou (a contar do 1º ano do fundamental I ao 3º ano do ensino médio) todos eram públicos?

Qual foi o motivo da troca dos estabelecimentos escolares?

Esses estabelecimentos eram próximos a sua casa? Como você fazia para chegar até eles?

No período oposto ao da escola você frequentou centros de educação e recreação ou educação complementar?

O que você fazia no período oposto ao da escola? Onde costumava ficar e com quem?

Seus pais são divorciados? Isso interferiu de alguma forma em sua trajetória escolar?

Você considera que seus pais valorizavam a escola? Porque?

Durante seu processo de escolarização, seus pais utilizaram algum critério para a escolha das escolas que você frequentou? Quais critérios foram esses?

Seus pais sempre acompanharam suas atividades escolares? (auxílio nas tarefas, freqüência a reuniões, iam a escola conversar com professores).

Você tinha um local e horário específico para estudar em casa? Quem estipulava?

Qual é a opinião de seus pais sobre a educação, a disciplina e as normas colocadas pelas escolas que você frequentou?

Para sua família, qual matéria era mais valorizada? Por quê?

Você sabia ler, escrever ou contar antes de ingressar no primeiro ano do ensino fundamental?

Com quem aprendeu?

Você era estudioso (a)? você sempre gostava de estudar ou de ir a escola?

O que você mais gostava na escola?

O que você não gostava na escola?

Houve algum momento em que você não gostava de ir a escola? Porque?

Como eram suas notas? Em que matéria você obtinha as melhores notas?

Em que matéria você tinha que estudar mais? Por quê?

Houve alguma reprova durante esse período? A que você atribui esse fato?

Houve alguma interrupção em seus estudos? (a contar da educação infantil ao ensino médio) Por que?

Durante o período de escolarização como era sua relação com seus colegas? Você tinha amigos na escola?

Durante o período de escolarização como era sua relação com seus professores?

Seus professores costumavam lhe dar conselhos? Quais?

Algum professor (a) marcou sua vida positivamente? Porque?

Algum professor (a) marcou sua vida negativamente? Porque?

Quem eram os alunos das escolas que freqüentou? (em questão de classe, gênero e etnia).

A escola te proporcionou contato com atividades diversificadas, por exemplo: visita a museu, exposição, biblioteca, teatro, etc.? Quais foram essas atividades? Com que freqüência aconteciam?

Na disciplina de Artes/Educação Artística, você teve contato com alguma obra de arte? Qual foi essa obra?

Você já havia visto uma obra de arte? Quando isso aconteceu? E o que significou para você?

Na disciplina de educação física você teve contato com algum esporte que não conhecia antes? Qual?

Você teve contato com algum gênero musical/música/cantor na escola que te cativou e que você passou a gostar?

A escola te apresentou quais gêneros literários?

Você se recorda de qual/quais autor (es) literários ou livros que você não conhecia que a escola te apresentou? Você gostou de algum?

Havia biblioteca na sua escola? Você freqüentava? Quais livros se recorda de ter emprestado dela?

Quais atividades e/ou aprendizagens ficaram guardadas em sua memória em cada etapa de seu processo de escolarização, ou seja, na educação infantil; no 1º ao 5º ano; no 6º ao 9º ano e no ensino médio?

Qual era a expectativa de seus pais com relação a seu futuro escolar e dos seus irmãos?

Você tinha algum objetivo/plano ao concluir o ensino médio? Qual era?

Que fatores contribuíram para a escolha de seu objetivo? Por quê?

Seus pais apoiaram essa escolha?

Você fez curso técnico? Qual? Onde? Por quê?

Você realizou algum curso pré-vestibular? Quais foram os critérios de escolha deste curso pré vestibular?

Você considera que há instituições de ensino superior mais e menos prestigiadas? Quais seriam?

Cite algumas universidades públicas e privadas que você conheça.

Você considera que há cursos mais prestigiados e outros menos? Dê exemplos.

De onde você obtinha informações sobre o ensino superior, tais como instituições, cursos e processos seletivos?

A5- Ingresso no ensino superior – universidade pública (MUZZETI, 2019)

Qual universidade pública você frequentou?

Qual curso (bacharelado ou licenciatura)?

Quando você ingressou nessa universidade? (ano)

Quanto tempo você permaneceu nela? Quando você saiu (ano)?

Você se preparou para entrar no ensino superior? Como foi isso?

Qual foi sua forma de ingresso? (Vestibular, SISU, transferência) você foi contemplado com alguma política de reserva de vagas? (étnica por escolaridade pública etc).

Como você ficou sabendo dessa universidade?

Quantos vestibulares você prestou antes de conseguir ingressar neste curso?

Qual foi sua reação ao ingressar nesta universidade? E de seus pais?

Seus pais chegaram a conhecer este campus universitário? O que acharam?

Qual era a opinião de seus pais com relação a universidade pública?

Quais eram suas expectativas iniciais com relação a essa instituição e ao curso?

Suas expectativas foram correspondidas no decorrer do curso ou não? Porque?

Este curso era sua primeira opção?

Você enfrentou algum preconceito por escolher/ingressar neste curso?

Você acredita que tudo o que aprendeu na escola subsidiou seu êxito no vestibular?

Algo que você tenha aprendido na escola subsidiou uma melhor compreensão dos conteúdos do curso? O que?

Você teve que se mudar para frequentar o curso?

Onde era a universidade e como fazia para chegar?

O que mais você gostava na universidade?

O que mais você gostava com relação ao curso?

Havia algo que fazia você não gostar de ir a universidade ou frequentar o curso?

Durante o curso quais disciplinas você tinha melhor desempenho?

Considerava alguma disciplina mais difícil? Porque?

Houve alguma reprova?

Durante o período que permaneceu neste curso você teve dificuldades de ordem financeira, acadêmica ou psicológica? Quais?

O que tentou fazer para superá-las? Obteve ajuda da universidade, colegas ou familiares?

Havia preocupação de interna ou externa ao curso naquela época que te incomodavam?

Você foi contemplado com algum recurso financeiro da universidade? Qual?

Você fez uso da moradia estudantil? Como era?

Quais despesas você tinha com o curso? Com quais as fontes de renda você contava para custeá-las?

A universidade oferecia algum auxílio médico ou psicológico? Você chegou a fazer uso?

Como eram seus colegas de curso? (em aspectos de classe, gênero e etnia?)

Durante seu período neste curso como você descreveria sua relação com seus professores?

Como era a linguagem de seus professores?

Você gostava mais de algum professor especificamente? Porque?

Algum professor te impactou negativamente? Porque?

Como era sua relação com esses colegas?

Você conseguiu fazer amizades durante este período?

Como eram seus professores? Como descreveria sua relação com eles?

O que achou da estrutura física da universidade?

Como era sua rotina durante o período que passou nessa universidade?

A universidade oferecia atividades culturais aos alunos? Quais? Você participava?

Você participou de algum projeto de extensão ou iniciação científica?

A universidade proporcionava projetos de intercâmbio para o exterior? Você chegou a tentar algum? Porque?

Você trabalhava durante o período que permaneceu nesse curso?

Este curso estava de acordo com o desejo de seus pais?

Quais os maiores problemas que você teve no decorrer do curso?

O que motivou sua desistência do curso? Sua família apoiou sua decisão? Porque?

Você não cogitou transferência de curso? Porque?

Em síntese como você avaliaria esta universidade em aspectos acadêmicos, físicos e sociais?

E o curso?

Em sua opinião, havia algo que podia ser feito para garantir sua permanência neste curso?

Gostaria de fazer mais alguma consideração?

A6- Ingresso na universidade Privada

Qual instituição privada de ensino você ingressou? Em qual curso?

Em que ano você ingressou nesta instituição? E quando concluiu o curso? A conclusão foi dentro do período esperado? Em caso negativo, porque?

Como foi sua vida entre o período de saída da instituição anterior e ingresso nesta? O que fez durante este período?

Você se preparou para entrar nesta instituição de ensino? Como foi isso?

Qual foi sua forma de ingresso? (Vestibular, SISU, transferência) você foi contemplado com alguma política de reserva de vagas? (étnica, escolaridade pública, etc).

Qual a forma de financiamento do seu curso de nível superior? Obteve alguma bolsa de estudos (ex: PROUNI)? Algum programa de financiamento (ex: FIES) ou custeada com recursos próprios?

Como você ficou sabendo dessa instituição e desse curso?

Qual foi sua reação ao ingressar nela? E de sua família?

Onde era a universidade e como você fazia para chegar?

Você enfrentou algum preconceito por escolher/ingressar neste curso ou instituição de ensino?

Quais eram suas expectativas iniciais ao ingressar neste curso, com relação ao curso e instituição?

As expectativas foram correspondidas? Em caso negativo por que não?

Tudo o que aprendeu na escola subsidiou seu êxito acadêmico no ingresso e na permanência deste curso?

Você teve dificuldades de ordem financeira, acadêmica ou psicológica durante este período?

O que tentou fazer para superá-las? Obteve ajuda da universidade, colegas ou familiares?

Havia preocupação de interna ou externa ao curso naquela época que te incomodavam?

Quais disciplinas você tinha melhor desempenho? Considerava alguma disciplina mais difícil?

Houve alguma reprovação?

Você foi beneficiado com algum recurso financeiro da universidade? Qual? Algum programa de desconto na mensalidade?

A universidade oferecia algum auxílio médico ou psicológico? Você chegou a fazer uso?

Como eram seus colegas de curso? (em aspectos de classe, gênero e etnia?)

Como era sua relação com seus colegas de curso? Você conseguiu fazer amizades neste período?

Como eram seus professores? Como descreveria sua relação com eles?

Como era a linguagem de seus professores?

Houve algum professor que você gostasse mais? Porque?

Havia algum professor que você não gostava? Porque?

O que achou da estrutura física da universidade?

Como era sua rotina durante o período que passou nesta universidade?

A universidade oferecia atividades culturais aos alunos? Quais? Você participava?

Você participou de algum projeto de extensão ou iniciação científica?

A universidade ofertava programas de intercâmbio no exterior? Você tentou algum? Porque?

Você trabalhava durante o período que permaneceu nesse curso? Teve que conciliar trabalho remunerado e estudo?

Quais despesas você tinha com esse curso? Como fazia para custear-las?

Seu dinheiro foi importante para custear seus estudos neste período? Você tinha ajuda financeira de mais alguém?

Esta profissão estava de acordo com o desejo de seus pais?

Quais os maiores problemas que teve no decorrer deste curso?

Quais suas expectativas com relação ao ingresso e conclusão desse curso? Você considera que as expectativas foram correspondidas? Porque?

Qual era sua maior motivação para a conclusão deste curso?

Você acha que a conclusão deste curso te proporcionou algum prestígio social? E com relação a sua família?

Você acha que a conclusão deste curso te proporcionou um emprego melhor?

Qual a importância de ter concluído este curso em sua vida?

No geral como você avaliaria a universidade e o curso em questões acadêmicas, físicas e sociais?
 Você consegue fazer alguma comparação entre as duas instituições cursadas? (estrutura física, suporte ao discente, atendimento ao discente, etc.)

E entre os dois cursos cursados (tipos de conteúdos, metodologias de ensino, professores, etc)

Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa a tudo que foi dito até aqui?

A7- Atualmente (MUZZETI, 2019)

Como é sua rotina atualmente nesse contexto pandêmico?

Sua situação financeira e de sua família foram afetadas pela pandemia?

Você tem algum problema de saúde?

Você ou familiares próximos tiveram COVID?

Como está sua qualidade de vida nesta pandemia?

Quais alterações no seu atual emprego decorrentes da pandemia?

Houve alteração dos seus estudos em decorrência da pandemia?

Houve alteração nos seus hobbies devido a pandemia? Quais?

O que tem feito nas suas horas vagas?

Quais programas costuma assistir?

Como tem sido sua relação com sua família?

Você tem livros na sua casa? Que tipo de livros?

Você tem o hábito de ler? Qual o último livro que leu?

Qual sua preferência em matéria de pintura e música?

Você exerce alguma religião? Qual? Antes da pandemia você tinha o hábito de frequentar algum local/culto religioso?

Você tem o hábito de assistir TV? Quais são os programas mais assistidos?

Você considera que passa muito tempo na internet? O que mais você acessa através da internet?

O uso da internet como lazer aumentou durante a pandemia?

Você tem planos de prosseguir com estudos (pós graduação) ou iniciar outra graduação? Porque?

Você está satisfeito com seu emprego atual? Porque?

Quais são seus sonhos ou metas para o futuro?

Como é sua relação com sua família? Vocês são próximos, você considera que há união em sua família?

Antes da pandemia você tinha habito de freqüentar o cinema? Qual seu tipo de filme preferido?
Qual ultimo filme que assistiu no cinema?

Antes da pandemia você tinha o hábito de ir a shows musicais? Quais você já foi?

Antes da pandemia você tem o habito de ir ao museu? Ou a exposições de arte?

Antes da pandemia você tem o habito de viajar? Quais lugares você conhece?

Antes da pandemia você tinha o habito de receber amigos em casa ou ir a casa de amigos? Quem eram esses amigos?

A8- Questões de Gênero (MUZZETI, 2019; OLIVEIRA 2017)

Na sua opinião como seus pais definiriam um homem bem sucedido? E uma mulher bem sucedida?

E você como define um homem bem sucedido? E uma mulher bem sucedida? É a mesma opinião de seus pais?

Você acha que corresponde a expectativa de seus pais?

Seus pais aspiravam coisas diferentes para filhos e filhas?

Seus pais tratavam diferentes filhos e filhas?

Você considera que seus pais eram protetores com você? Porque? e com seus irmãos?

Se for casado (a) o que seu cônjuge acha de seu trabalho/ocupação?

Quando era criança, do que você brincava? E com quem?

Existia na sua casa repressão em relação a algum brinquedo ou brincadeira por serem considerados de meninas ou meninos?

A partir das lembranças da sua infância, você se recorda de repreensões de seus pais ou responsáveis acerca de coisas relacionadas ao gênero?

Seus pais tratavam e desejavam coisas/profissões e estilo de vida diferentes para filhos e filhas?

Você acredita que as dificuldades vivenciadas por alunos ou alunas de diferentes gêneros são as mesmas na sociedade e na universidade? Por quê?

Ao longo da sua escolarização você recebeu algum tipo de educação sexual?

Onde você adquiriu informações a respeito de: menstruação, higiene intima, mudanças no corpo pela puberdade, sexo, métodos contraceptivos, DST's, gênero e orientação sexual)

Quando teve informações sobre sexo pela primeira vez? Onde foi e com quem?

Na sua fração de classe, uma gravidez precoce inviabilizar os estudos?

Uma gravidez teria prejudicado seus estudos ou de seu(a) parceira? Por quê?

Você acha que professores e professoras tratam iguais pessoas do gênero masculino e feminino na educação básica? Você se recorda de algum fato nesse sentido ocorrido durante seu período escolar?

Você acha que professores e professoras tratam iguais pessoas do gênero masculino e feminino na universidade? Você presenciou situações de machismo na universidade?

Você já sofreu algum assédio ou preconceito durante seu período na universidade por parte de colegas ou professores?

Existe alguma observação, algum comentário que você gostaria de fazer que não foi colocado?

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

- 1- Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa “As Instituições de Ensino Superior Privadas como Refugio nas Trajetórias das Camadas Populares”.
- 2- O estudo que pretendemos desenvolver consiste em investigar os condicionantes que motivaram a evasão de graduandos e graduandas oriundos das camadas populares em cursos de universidades públicas e optarem pelo ingresso e conclusão em instituições privadas de ensino superior.
- 3- Para isso, vamos realizar entrevistas com os participantes, após terem assinado este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e estarem cientes dos procedimentos realizados.
- 4- Em virtude da pandemia do novo Corona Vírus (COVID-19), as entrevistas serão realizadas de forma online para evitar quaisquer riscos de comunicação, utilizando ferramentas de comunicação virtual de sua preferência (como por exemplo Google meet, chamadas via whatsapp, Messenger, entre outras) sendo previamente agendadas de acordo com sua disponibilidade e interesse.
- 5- Você foi selecionado (a) por ter um histórico de ingresso na universidade pública, porém ter interrompido a graduação e concluído os estudos numa universidade de ensino privado.
- 6- Sua participação contribuirá para identificar como as questões ligadas a condições de classe e gênero aos quais os interferem nas escolhas de cursos e instituições de ensino e de como as Investigar como as políticas públicas de acesso e manutenção asseguraram ou não a longevidade escolar, sem perder de vista as principais especificidades de seus itinerários escolares.
- 7- Antes da realização da entrevista de forma online, garantimos a você que serão explicados todos os procedimentos a serem realizados.
- 8- Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder perguntas de uma entrevista semiestruturada. A entrevista será gravada e o áudio será transcrito posteriormente. Os áudios das entrevistas serão arquivados pela pesquisadora em local seguro, garantindo sua privacidade.
- 9- A pesquisadora providenciará uma cópia da transcrição da entrevista para seu conhecimento, antes de utilizar os dados coletados.

Garantimos o sigilo que assegura sua privacidade quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa sendo que:

- a.) As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação;
- b.) Seu nome e o nome das pessoas que você citar na entrevista serão substituídos por nomes fictícios, assim como os locais e todos os nomes próprios mencionados.

10- Você tem liberdade de recusar sua participação na pesquisa, sendo que:

- a.) A qualquer momento, você pode desistir de participar e retirar seu consentimento.
- b.) Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador.

11- A participação na pesquisa não acarretará custos para você, bem como nada será pago por sua participação. Garantimos a indenização diante de eventuais danos causados a você pela participação nesta pesquisa desde que comprovada a relação entre dano e participação na pesquisa.

12- Desde já agradecemos sua colaboração e nos comprometemos com a disponibilização dos resultados obtidos nesta pesquisa, tornando-os acessíveis a todos os participantes. Você receberá uma via deste termo onde consta o telefone e o endereço de e-mail do pesquisador, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento no futuro.

Laís Inês Sanseverinato Micheletti
lais.ines@unesp.br
(16)98183-7799

Profa. Dr.^a Luci Regina Muzzeti
Luci.muzzeti@unesp.br
(16) 3334-6244

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. A pesquisadora me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da localizada à Rodovia Araraquara-Jaú, Km 1 – Caixa Postal 174 – CEP: 14800-901 – Araraquara – SP – Fone: (16) 3334-6263 – endereço eletrônico: comitedeetica@fclar.unesp.br.

Local e data: _____

Assinatura do sujeito da pesquisa